

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM PSICOLOGIA

DAYSE SANTOS COSTA

A HISTERIA DIANTE DA EMERGÊNCIA DE UMA NOVA ECONOMIA PSÍQUICA:
UMA LEITURA DE FREUD E MELMAN

Maceió

2013

DAYSE SANTOS COSTA

**A HISTERIA DIANTE DA EMERGÊNCIA DE UMA NOVA ECONOMIA PSÍQUICA:
UMA LEITURA DE FREUD E MELMAN**

Dissertação de Dayse Santos Costa, apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang.

Maceió

2013

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central

Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

C837h Costa, Dayse Santos.

A histeria diante da emergência de uma nova economia psíquica : uma leitura de Freud / Dayse Santos Costa. –2013.

163 f.

Orientador: Charles Elias Lang.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Departamento de Psicologia. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 157-163.

1. Histeria – Psicanálise. 2. Mutação cultural. 3. Nova economia psíquica.

I. Título.

CDU: 159.923.2:159.97

DAYSE SANTOS COSTA

A HISTERIA DIANTE DA EMERGÊNCIA DE UMA NOVA ECONOMIA
PSÍQUICA: UMA LEITURA DE FREUD E MELMAN

Dissertação de Dayse Santos Costa, apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Data de Aprovação: 25/3/2023



Prof. Dr. Charles Elias Lang
Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Presidente da Banca – Orientador
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Alagoas.



Prof.ª Dra. Susane Vasconcelos Zanotti
Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Componente da Banca – Membro interno titular
Programa de Pós Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Alagoas.



Prof.ª Dra. Edilene Freire de Queiroz
Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Componente da Banca – Membro externo titular
Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica – Universidade Católica de Pernambuco.

*Dedico à minha mãe que, de muitas maneiras
ao longo da minha vida, segue demonstrando
aquilo que considero o verdadeiro significado
do amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS

O barco finalmente aportou, eis que é chegado momento de agradecer a todos que me acompanharam, direta e indiretamente, nesta viagem... A realização deste trabalho foi um sonho que se concretizou e eu sempre serei grata a todos que por presteza, disponibilidade, e/ou amizade puderam e/ou quiseram contribuir para esta concretização. Agradeço:

- Ao Professor Charles Lang, por ter me possibilitado conhecer ainda mais sua competência, e ter me proporcionado crescimento tanto em nível intelectual quanto emocional; por ter me ensinado que os caminhos do investimento em nós mesmos podem ser tortuosos, mas muito gratificante, no fim.

- Às professoras Susane Zanotti (UFAL) e Edilene Queiroz (UNICAP), pela disposição em aceitar participar da banca de avaliação deste trabalho. E mais uma vez, à professora Edilene e, também, à professora Maria Auxiliadora Ribeiro (UFAL), pelas contribuições dadas na banca de qualificação do projeto em 2012.

- A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia UFAL, aqueles com quem tive contato por causa das disciplinas e também aqueles os quais não tive a oportunidade de conhecer tão de perto, infelizmente. De modo especial, aos que me viram *passar* desde a graduação.

- Aos meus colegas de turma. Aos que eu tive o prazer de conhecer através do curso (Alcimar Trancoso, Analinne Maia, Luciano Bairros, Mariana Yezzi), aos que eu já conhecia de outras jornadas e que se tornaram bons amigos (Alexsander Lima, Jussara Ramos, Kyssia Calheiros, Raquel de Lima, Zaíra Lyra, Wanderson Nunes) e aos que seguiram o trajeto junto comigo na mesma turma de graduação e mestrado (Juliana Falcão, Patrícia Toia, Renata Guerda). Agradeço especialmente à Juliana que foi minha “irmã” de orientação, pelos conselhos e compartilhamentos na travessia e aos amigos (Patrícia, Raquel, Zaíra, Alexsander e Kyssia) que tornaram a experiência mais leve e gratificante. Foi um privilégio fazer parte desta turma.

- À Andréa e ao Márcio, anterior e atual secretários da coordenação do mestrado, pela genuína atenção dedicada a nós.

- Ao grupo de pesquisa, os novatos e os antigos, pelas contribuições no meu processo de construção deste trabalho: Allan, Aline, Bárbara, Camila Alves, Cíntia, Franciny, Karla Juliana, Luciana, Pedro, Rafael, Rayssa e Rosanny, Suzana.

- Ao grupo dos Estagiários da Clínica – SPA UFAL – pelos encontros tão proveitosos e agradáveis: Bárbara, Camila, Carol, Kelvin, Nayara, Talita. Saudades do grupo de estudos.

- Aos meus amigos - pessoas fundamentais, todos que preenchem meu mundo e me fazem sorrir. Agradeço às amigas-irmãs: Carina Paz, Cristina Lima e Anne Rafaele (que além de tudo é minha prima), pela constância na minha vida, por me escutar e me acompanhar durante este processo; Cris, jamais esquecerei daquele dia que você mudou sua rotina só para me ajudar na fase complicada pela qual passei antes da qualificação, suas palavras foram muito importantes para que eu continuasse insistindo.

- Aos amigos de “maresia”, a configuração da mais pura alegria: Raysa Martins, Antônio Oliveira, Anderson Gomes. Aos queridos que compõem meu grupo de diversão psi: Fabiano Leirias, Juliana, Mírian, pelos sorridentes encontros. À querida amiga Renata Rodrigues que, apesar da distância física, tem estado muito presente neste período da minha vida e tem me animado a olhar em direção ao sol, a seu próprio, brilhante, exemplo. Ao Everton Fabrício, pela amizade e incentivos sempre pontuais. Ao Rodrigo Procópio, que se tornou meu primo por excelência, e por ser uma das pessoas mais solícitas que eu conheço.

- À minha família, especialmente ao tio Valdson que é como um segundo pai, alguém que eu tenho certeza que posso sempre contar. À Taís, mais uma prima-irmã e à Ivaneide (Nininha), prima que tem se tornado uma boa amiga, pessoa forte e iluminada. Enfim, a todos da família “Santos” e da família “Costa”.

- *In memoriam*, meus agradecimentos póstumos à Elza e à Telmira (minhas avós) e a tia Valda, pessoas que, infelizmente, não posso mais desfrutar da companhia neste plano.

- Finalmente, com emoção e serenidade de quem ama, devo imensa gratidão aos meus pais (Divaci Telmira e Valder), pela formação pessoal, porque se esforçaram para que eu chegasse até aqui. Sem vocês, certamente, eu não teria me tornado quem sou, nem chegado aonde cheguei. A melhor parte de mim será sempre devotada a vocês

Um elevador lento e de ferragens Belle Époque
me leva ao antepenúltimo andar do Céu,
cheio de espelhos baços e de poltronas como o hall
de qualquer um antigo Grande Hotel,

mas deserto, deliciosamente deserto
de jornais falados e outros fantasmas da TV,
pois só se vê, ali, o que ali se vê
e só se escuta mesmo o que está bem perto:

é um mundo nosso, de tocar com os dedos,
não este - onde a gente nunca está, ao certo,
no lugar em que está o próprio corpo

mas noutra parte, sempre do lado de lá!
não, não este mundo - onde um perfil é paralelo ao outro
e onde nenhum olhar jamais encontrara...

Mário Quintana

RESUMO

Trata-se de um estudo que propõe uma reflexão acerca da histeria na contemporaneidade, partindo do pressuposto de que desde a época em que Freud começou a tratar o fenômeno até momento atual, mudanças consideráveis ocorreram no que tange aos discursos dominantes que circulam na cultura. Observa-se que a histeria em Freud parecia resultar do grande esforço da defesa e do recalque no psiquismo humano, que de certo modo revela um inconsciente bastante poderoso no que concerne ao mecanismo psíquico da manifestação histórica. Charles Melman, no entanto, questiona se haveria um lugar para o inconsciente - considerando que inconsciente freudiano surge num momento específico da evolução cultural - num mundo com total liberdade de expressão, de onde o recalque parece ter sido dispensado, como parece ocorrer na contemporaneidade. Baseado neste questionamento, foi proposta uma reflexão sobre como a histeria pode ser compreendida hoje; o que ela expressa ou pretende expressar, o que denuncia dos sujeitos contemporâneos e como se manifesta enquanto sintoma social. Para tanto, realizamos uma leitura atenta próxima e desconstrutiva de Freud e Melman, sobretudo os dois textos que tratam especificamente da histeria: os Estudos sobre a Histeria (Freud) e os Novos Estudos sobre a Histeria (Melman). O método utilizado foi: escrever a leitura desses textos tendo como terceiro vértice de referências importantes o livro “O Homem sem Gravidade – gozar a qualquer preço” (Melman), visto que nele é apresentada a tese de que, em decorrência da mutação cultural, assistimos a emergência de uma nova economia psíquica. Economia diferente daquela fundamentada por Freud que promovia a neurose. Neste livro também é assinalado que, hoje, os sujeitos são psiquicamente empobrecidos, inteiros e desabrigados, impossibilitados de distinguir a realidade de um sonho. Compreendemos que neste cenário, a histeria aparece como uma forma de demonstrar que tal situação é insuportável e também gera sofrimento aos sujeitos, mesmo que não justificado pelo excesso de recalque. Outro aspecto interessante relativo às nossas próprias considerações é de que a histeria parece surgir como expressão da sensibilidade e como alternativa para revigorar os contornos do impossível, reestruturar os sujeitos desorientados, fazendo com que a divisão subjetiva seja, de certa forma, restaurada, enquanto condição específica de sujeitos desejantes. Além de continuar funcionando como uma forma de reivindicar a restauração da autoridade do Pai/Mestre.

Palavras-chave: Histeria. Psicanálise. Mutação cultural. Nova economia psíquica.

ABSTRACT

Since the time when Freud began treating hysteria, considerable changes have occurred in dominant discourses circulating globally regarding the illness. This paper outlines these changes, noting that, according to Freud, hysteria resulted from a person's unconscious struggle between repressive and defensive mechanisms in the psyche. However, Charles Melman questions whether or not the unconscious is involved in the process of developing hysteria, noting that the Freudian unconscious came at a particular moment in the evolution of culture in which freedom of expression dismissed an individual's psychic repression. The authors of the present paper seek to reflect upon how hysteria can be seen today, what it intends to express, and how it manifests as a social symptom. Thus, we perform a careful, deconstructive reading of Freud and Melman, utilizing the two texts that specifically deal with hysteria: *Studies on Hysteria* (Freud) and *The New Studies on Hysteria* (Melman). Methodology: both texts will be analyzed through the lens of arguments drawn from the book "L'Homme sans gravité - Jouir à tout prix" (Melman) which states that we witness the emergence of a new psychic economy as a result of cultural change; a different economy from the one explained by Freud, which promoted neurosis. The book also explains that today, individuals are psychically impoverished, lost, without shelter, without any ground, without gravity, unable to distinguish reality from a dream. We understand that in this scenario, hysteria is described as a way to demonstrate that such a situation is unbearable and also causes suffering to individuals, even if not justified by excessive repression. Another interesting aspect concerning our own conjecture is that hysteria seems to emerge as an expression of sensitivity and as an alternative to invigorate the contours of the impossible, restructure disoriented subjects, making the subjective division that in a certain way restores the desire and the dream of integration. Hysteria also functions as a way to continue to reclaim the restoration of the authority of the Father/Master, thus, to return to the position of subjective consistency.

Keywords: Hysteria. Psychoanalyse. Cultural mutation. New psychic economy

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 RESENHA DO LIVRO “Invention of Hysteria: Charcot and the Photographic Iconography of the Salpetriere”	20
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	28
3.1 Considerações Metodológicas – Pesquisa em psicanálise	28
3.2 Pesquisa Teórica em Psicanálise e modalidades de leituras	29
3.3 A leitura Desconstrutiva	36
3.4 Descrição dos procedimentos - protocolo de leitura	39
4 INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA DE FREUD	42
5 A HISTERIA EM FREUD	55
5.1 Considerações teóricas dos Estudos sobre a histeria	55
5.2 A etiologia da histeria entre o trauma e a predisposição inata	58
5.3 Reminiscências: lembrança ou esquecimento?	61
5.4 A dupla consciência na histeria	64
5.5 Predisposição inata ao que excede	66
5.6 A sexualidade na idiossincrasia do sujeito histérico – uma questão estrutura?	69
6. OS CASOS E A PSICOTERAPIA DA HISTERIA NOS <i>ESTUDOS DE FREUD</i>	71
6.1 A histeria de Anna O.	74
6.2 A histeria de Emmy Von N. – O malogro da hipnose	77
6.3 A histeria “adquirida” de Katharina – breve ensaio sobre a relação da histeria com a paternidade.	79
6.4 Miss Lucy e Elisabeth – As histerias que possibilitaram os primeiros passos em direção à psicoterapia psicanalítica	82

6.5 O tratamento da histeria nos primórdios da psicanálise	87
7. OS NOVOS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA - CHARLES MELMAN	96
7.1 A histeria nasce com o nascimento do sujeito moderno	96
7.2 Os <i>Novos estudos</i> balizados pelo <i>Além do Princípio do Prazer</i>	99
7.3 Histeria - Uma história escrita no corpo	102
7.4 A história que põe o pai em cena	104
7.5 Histeria e a atopia do feminino	105
7.6 Histeria e escrita como via de inscrição	106
7.7 Como ocorre o recalçamento que designa a feminilidade	110
7.8 Na histeria o sujeito fala na posição de exilado	112
7.9 Sobre a inscrição pulsional na histeria	114
7.10 O sacrifício da histérica	116
7.11 Histeria - um lugar indefinido	117
7.12 O porquê de o sujeito moderno ser histórico	119
7.13 Por amor às causas perdidas – os destinos da reivindicação na histeria	121
7.14 No que a histérica se torna especial em relação ao sujeito em posição feminina?	125
8. A HISTERIA NUMA CULTURA EM PROCESSO DE MUTAÇÃO	128
8.1 O sujeito histórico é o mais exilado de todos	128
8.2 A mixagem das línguas (no inconsciente) e os efeitos subjetivos	131
8.3 A emergência de uma nova economia psíquica	132
8.3.1 Desdobramentos a partir da expressão “economia” – entre Melman e Zizek	135
8.4 As implicações subjetivas frente ao declínio dos Grandes Textos	138
8.5 Sujeitos não mais organizados na dessimetria – os perigos da igualdade	141
8.6 Uma atopia para todos	143
8.7 O problema de o Sujeito ser inteiro	145

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

149

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

157

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa formar uma compreensão acerca da histeria na contemporaneidade, partindo da descrição da “grande histeria” de Charcot, adentrando no universo da histeria clássica em Freud até chegar às elaborações do psicanalista francês Charles Melman sobre a histeria hoje. O foco em questão será compreender a histeria a partir da ideia, desenvolvida por Melman, de que estamos vivendo numa cultura não mais constituída pelo laço da neurose. Para desenvolver este estudo discutiremos o que vem sendo abordado sobre a histeria na perspectiva dos referidos autores.

As questões que orientaram a pesquisa levaram em conta as vicissitudes da cultura e a formação da subjetividade na atualidade. E, com isso, também nos levou a perceber como esse assunto vem sendo abordado pela psicanálise nos dias de hoje.

Podemos supor que desde a época em que Freud começou a tratar da histeria até o momento atual, mudanças consideráveis ocorreram no que tange aos discursos dominantes que circulam na cultura e que estabelece o surgimento de sintomas que fazem questão à Psicanálise. Celes (2007) corrobora esse pensamento, no artigo onde ele revisita “o caso Dora” para revelar essas mudanças concernentes à histeria e a terapêutica clínica, reconfigurada frente a novas demandas.

A clínica psicanalítica atual justifica suas mudanças, por vezes profundas, na novidade das demandas imprecisamente chamadas contemporâneas, que não se assemelhariam às demandas neuróticas, predominantemente históricas, que Freud teria enfrentado em sua clínica. As novas demandas, creditadas a particulares que a clínica freudiana com seu método característico não alcançaria tratar (...) (CELES, 2007, p.138).

O percurso histórico sobre as diversas abordagens a respeito da histeria mostra que nos dias de hoje, resultante da era das classificações diagnósticas, do privilégio dado às pesquisas organicistas e da influência maciça dos laboratórios farmacêuticos, a bandeira da inexistência da histeria vem sendo erguida. Neurose e histeria foram substituídas, nos manuais psiquiátricos, por uma série de transtornos: “A ‘maior descoberta poética do fim do século XIX’ foi substituída hoje por especulações empíricas de pseudotranstornos do corpo cujo

tratamento é medicamentoso e comportamental.” (QUINET, 2005, p.107, grifo do autor). Esse, certamente, é um aspecto que demanda reflexão frente à proposta de discutir a histeria na contemporaneidade.

O percurso histórico traçado por Quinet no livro “A Lição de Charcot” (2005) também nos auxiliou a começar a introduzir a temática da histeria na época presente. As reflexões dispostas no referido livro nos incitaram a pensar os pontos a serem tocados na nossa pesquisa. Quinet (2005) contribuiu para infligir sobre nós a ideia de que a histeria continua sendo um fenômeno que ocorre ainda hoje. Para ele, embora tenha sido expulsa pela *porta* da psiquiatria, a histeria retorna no cotidiano de diversas maneiras através de muitas *janelas*. Quinet (2005) também sustenta a opinião de que Charcot estava certo ao dizer que o “histérico sempre existiu” em qualquer tempo, e em qualquer lugar.

Melman (2003) afirma que a histeria ainda é uma questão clínica diante do que denominou “novas formas clínicas no início do terceiro milênio”, assim como a depressão, as toxicomanias e as psicoses. Talvez tenha sido a incidência permanente, além da força atrativa dos sintomas relacionados, o fato de a histeria ter sido o fenômeno que despertou o interesse de Freud, e está na base do nascimento da psicanálise. Os Estudos sobre a Histeria (1985) tem um nível de importância para a Psicanálise que, inclusive, fez Melman retornar a esta referência e propor um novo estudo sobre a histeria.

Segundo Melman (2003), a histeria em sua forma clássica tornou-se mais rara cedendo lugar a fenômenos mais relacionados ao espectro teatral, um movimento mais condizente com a disposição cultural para o espetáculo, a superficialidade. Esse fenômeno implicaria um sentido de protesto e reivindicação de pertencimento, de se fazer reconhecer. Teria então o caráter de sintoma social.

Para auxiliar a compreender o sintoma social, Vorcaro (2004, p.62) diz que se faz necessário acionar uma junção do que se pode inferir entre o termo *sintoma* e seu qualitativo *social*. Vanier (2002) sugere que é preciso entender esses dois termos num entrelaçamento seguindo a perspectiva psicanalítica, ver qual a noção de sintoma e qual a concepção de social de acordo com o posicionamento psicanalítico.

Do ponto de vista da psicanálise, o sintoma, em Freud, sobretudo o sintoma histérico, é dotado de significado, para além da dimensão fisiológica era tomado como expressão do

recalcado. Depois passou a ser lido como uma defesa contra a angústia e consistir, então, na marca estrutural do indivíduo, como aquilo que o organiza, portador de uma mensagem subjetiva. Esse entendimento prescreve o modo como Lacan vai conceber o sintoma, que deixa de ser tomado como o “traço de um acidente na psicogênese” para ser compreendido como “testemunha radical da constituição do sujeito” (VANIER, 2002, p. 2).

O *social* na psicanálise está inserido na dinâmica dos discursos que fazem o laço social, instaurador de formas de vínculos entre os sujeitos. A definição de laço social se conflui com a definição de discurso - é o próprio discurso - visto que é tecido na linguagem. (COELHO, 2006). Coelho (2006) ainda acrescenta no seu artigo intitulado: “Psicanálise e laço social” como Lacan aborda o tema do Laço social no seminário 17 – O Averso da Psicanálise - no qual ele vai propor importantes implicações à clínica a partir do axioma de que é o *discurso* que faz o laço, que vincula os sujeitos. A autora complementa dizendo:

Os discursos são, na interpretação de Lacan, os quatro modos de relacionamento apontados por Freud (1930) como fontes de sofrimento do homem: governar, educar, analisar e fazer desejar. Os estudos de Freud sobre a histeria também foram fundamentais para a construção dos argumentos de Lacan nesse seminário (...) (COELHO, 2006, p. 108).

Segundo Vorcaro (2004), a amarração do qualitativo social ao significado de sintoma é uma produção resultante das observações de Charles Melman. Apropriar-se dessa dimensão de sintoma social possibilita certa ultrapassagem da função clínica da psicanálise para uma teoria sobre a cultura. Na definição de Vorcaro (2004, p.42) o sintoma social é que aponta o mal-estar universal e comum entre os sujeitos, “metáfora partilhada do mal-estar, por meio de uma modalidade de gozo inscrita e provocada pelo discurso dominante de uma época”.

O sintoma social é o que se articula a partir do discurso dominante de cada época. Segundo Vorcaro (2004) ele (o sintoma social) metaforiza uma verdade da civilização, cujo reconhecimento não se delinea por meio de incidência estatística, mas pela inscrição dessa articulação discursiva no social. Para Greiser (2008, sem página) “há sintoma social quando o laço com o Outro do inconsciente é anulado”.

Baseados em tais argumentos, consideramos importante associar essa característica de sintoma do funcionamento social às novas formas de manifestações históricas. Também, retomando a tese das transformações culturais e de como a histeria pode se situar enquanto

questão clínica na contemporaneidade, percebemos a necessidade de identificar os pontos de mudança entre o “Mal-estar na Cultura” que corresponde à época em que Freud realizou seus “Estudos sobre a Histeria” e a cultura que vivenciamos hoje. Na época em que Freud viveu a neurose foi justificada como renúncia a satisfação das pulsões em prol de ideais incorruptíveis, sublimados, substitutos. Tratava-se de uma época em que a satisfação ocupava um espaço de realização oculto, obscuro: “... não era bem visto, dar a ver o gozo de cada um. Não é que não gozasse, mas que o gozo estava velado.” (GREISER, 2006, sem página).

Na contemporaneidade, o discurso atual altera essa proposta. Vivemos como num sonho onde o impossível não só pode como deve se realizar, sem restrições, mas, pelo contrário, com estímulos a “Gozar a qualquer preço”. Ainda sob a prerrogativa de que não basta só gozar, como Melman (2008, p.23) profere, a questão também é exhibir. Nenhuma exigência é feita à ocultação, tudo está transparente.

Melman (2008, p. 41) interroga se haveria um lugar para o inconsciente num mundo com total liberdade de expressão, de onde o recalque parece ter sido dispensado. Salienta, contudo, que o inconsciente freudiano surge num momento específico da evolução cultural. Nos argumentos de Melman (2008) é evidente que a realidade hoje seja habitada por um novo homem, que chamou de “homem liberal” sobre o qual não se sabe mais se é munido ou não de inconsciente. Contudo não descarta a hipótese de que mesmo essa liberalidade toda implique num sofrimento:

Seja o que for, há hoje na nossa clínica, um homem liberal, um sujeito novo, “sem gravidade”, cujo sofrimento, é claro, vai ser diferente. Observamos novas expressões clínicas do sofrimento, pois este, apesar da felicidade que se supõe que a nova economia psíquica nos assegura, vem nos lembrar que sempre, em algum lugar, há um impossível, que há sempre, em algum lugar, algo capenga. (MELMAN, 2008, p.96).

Celes (2007) menciona que a clínica se encontra numa situação de lidar com subjetividades bastante desestruturadas, diferente da subjetividade propensa às neuroses. Hoje lidamos com sujeitos psiquicamente empobrecidos. Seguindo uma linha de pensamento semelhante, Melman (2008) reforça dizendo que o sujeito do inconsciente freudiano encontra-se desabrigado, perdido, sem possibilidade de sustentação, sem gravidade.

Na opinião de Melman (2003, p.15), Freud defendia que a neurose seria consequência do excesso de recalçamento e que ele estava convencido de que para curar a neurose era preciso autorizar a sexualidade. “Essa mutação cultural implica outros sintomas. Como acontece sempre: o que por um lado, está curado, por outro, passa a ser sofrido.”

Frente a estas colocações é possível supor que a histeria, conforme Charcot a desenhou e Freud a compreendeu, não pode ser pensada sem se refletir sobre essas questões envolvendo as transformações culturais e de como isso tem influenciado em novos modos de subjetivação que por sua vez tem provocado a insurgência de novos sintomas. Celes (2007) sugere que atualmente encontramos mais manifestações sintomáticas da “pequena histeria”. E define:

A “pequena histeria” é como Freud classifica Dora. Nem grande histeria, ao modo dos grandes quadros histéricos tão em voga na época, explorados por Charcot em suas exposições teatrais; nem Anna O., com suas alucinações e paralisias. Uma pequena histeria: algumas conversões (ou somatizações?) leves – uma tosse nervosa, uma pressão no peito – e um pensamento de caráter obsessivo de queixas contra seu pai. Um “*taedium vitae*”, uma depressão branda, um descaso pela vida, um sem sentido que não se justifica muito bem. (CELES, 2007, p.147 – grifo do autor).

Após esta inserção teórica na temática, daremos prosseguimento, descrevendo a disposição dos capítulos dissertativos e do que eles tratam.

A dissertação foi organizada e dividida em oito capítulos, a contar pela introdução. O segundo capítulo tratará de apresentar como se deu o processo de “invenção da histeria” enquanto doença, a nosografia, a nosologia, os tipos de manifestações históricas que figuraram a Europa no século XIX. A estrutura do texto desse capítulo é diferente dos demais porque se trata de uma resenha do livro “*The Invention of Hysteria: Charcot and the photographic iconography of the Salpêtrière*” do filósofo e historiador francês George Didi-Huberman, tradução inglesa de Alisa Hartz e publicado pelo MIT – Massachusetts Institute of Technology. Este livro se tornou interessante para nossa pesquisa porque através do contato com a história, nele relatada, bordejamos a partir de qual momento abordaremos a histeria. Pois, embora, hoje, haja uma descrição da histeria desde a história antiga, acreditamos que isso só ocorreu após Charcot ter formalizado esta ideia da histeria. O trabalho de Didi-Huberman mostra, em ricos detalhes, os investimentos que foram feitos no Salpêtrière, no

século XIX, a fim de compor esta “invenção” denominada histeria. Nesse capítulo, tivemos a intenção de enfatizar que a histeria é um constructo e que foi esse constructo, especificamente, que atraiu os olhares de Freud.

Na sequência, apresentamos o capítulo metodológico, no qual estão referendadas as considerações acerca da pesquisa em psicanálise, explicitando o tipo de pesquisa que tanto pode ser em intensão quanto em extensão. A opção, neste caso, foi realizar uma pesquisa em extensão, trabalhada com textos. Também destacamos algumas concepções de leitura que nos inspiraram no processo de elaboração deste trabalho. Para tanto, abordamos alguns textos que versaram sobre a relação possível entre a leitura e a prática da escuta clínica, mas considerando as vicissitudes de ambas. Além disso, falamos sucintamente sobre a desconstrução, pensamento desenvolvido pelo filósofo Jacques Derrida, cuja inferência foi importante enquanto influência estratégica para o desenvolvimento de nossa escrita. Outro exemplo de atividade de leitura que mencionamos como fonte de inspiração foi a leitura próxima atenta e desconstrutiva designada por Luís Cláudio Figueiredo. E, por fim, descrevemos o *corpus* textual com o qual trabalhamos, explicitando as características estruturais dos principais textos, para então possibilitar certa apreensão do nosso exercício de leitura-escritura.

Os quarto e quinto capítulos são a leitura-escritura dos Estudos sobre a Histeria, de Freud. A princípio, introduzimos o texto com a leitura da nota do editor James Strachey. Trabalhamos com versão *Standard Edition*, traduzida para o português e publicada pela Editora Imago. Em seguida, adentramos no texto propriamente dito, reestruturando a sequência das partes componentes do livro pautados pela intenção de primeiro escrever a respeito dos aspectos teóricos dos Estudos. Em nossa escritura reposicionamos “As Comunicações Preliminares” paralelas às “Considerações Teóricas” – cuja posição original nos Estudos demonstra uma intercalação. No que concerne aos aspectos teóricos dos Estudos ficamos atentos às elaborações de Freud no que diz respeito à noção de *histeria traumática*, *da conversão histérica*, bem como à distinção que classificaria um quadro de *histeria crônica* ou de *histeria aguda*, o que ele concluiu sobre a *personalidade da histérica*, a questão da *predisposição inata*, os *fenômenos históricos de retenção*, os processos mentais que explicariam a etiologia da histeria e a *divisão da atividade psíquica*. E, sobretudo ficamos atentos ao processo de “descobertas” que os Estudos sobre a Histeria relatam.

No sexto capítulo exibimos mais especificamente a leitura dos casos relatados nos Estudos sobre a histeria, e a psicoterapia. Optamos por escrever a leitura dessas duas partes juntas porque reconhecemos que as ideias contidas em ambas são confluentes. Percebemos que estas partes interagem entre si, tendo em vista que a psicoterapia surge como reflexo do acompanhamento de casos. Estes, por sua vez, revelam com certa mobilidade o processo pelo qual as “descobertas” foram acontecendo, à medida que a aproximação com as histéricas e suas histórias foi preponderante para que se constituíssem algumas ideias fundamentais para a psicanálise. Falamos em mobilidade porque nos relatos, vigora uma certa característica de estrutura de narração, pois, afinal de contas, são experiências sendo contadas. Podemos dizer que a leitura dos casos proporcionou uma maior visibilidade deste movimento de reflexão, abandono e construção de várias ideias importantes. Ideias que Freud seguiria pensando ao longo de sua trajetória.

O sétimo capítulo se caracteriza pela entrada no texto de Melman. Trata-se do capítulo no qual escrevemos nossa leitura dos Novos Estudos sobre a Histeria. Ocorre que neste texto, demos vazão à inspiração que a leitura suscitou e cruzamos as ideias que foram surgindo com a leitura de um livro que nos ajudou a pensar aquilo que nos saltou aos olhos no texto principal. O referido texto foi um livro autobiográfico, chamado “Minha Ficção daria uma Vida” de Ruth Silviano Brandão, cuja composição nos incitou a raciocinar de modo a considerar a histeria como se fosse semelhante a um processo de escrita que condensa ficção e realidade. Precisamos salientar que a intersecção desses textos corresponde aos pontos que se tornaram nodais de acordo com o olhar que destinamos ao texto de Melman.

O modo como a histeria foi referida nos Novos Estudos nos remeteu ao que a escrita representa enquanto caminho possível para reestruturar um sujeito que se sente exilado em sua condição. No texto de Ruth Brandão, tal qual o texto de Melman, surgem elementos que remetem ao exílio subjetivo associado, a nosso ver, ao sujeito em posição feminina. E reconhecemos isto como uma aposta presente nos Novos Estudos. Sendo que, às vezes, em vez da escrita, a histeria aparece como essa possibilidade de criar uma realidade ficcional na qual o sujeito possa reconstituir-se, mesmo em posição de exílio. Esta correlação que fizemos se deve também a uma colocação de Melman na qual ele expõe a ideia de que hoje em dia existem muitos livros escritos por mulheres. Ele expõe tal ideia ao ser questionado se atualmente as mulheres não aceitam com mais facilidade a condição de ser objeto. Então, de alguma maneira, apreendemos daí uma suposição de que na tentativa de recusar esse lugar de

objeto e tentar se tornar o sujeito desejado, a escrita surge como alternativa. A influência dessa suposição nos condicionou a perceber certa semelhança com a histeria, da forma como está discutida nos novos Estudos. Talvez seja o que a histérica precise fazer: criar e vender uma história com tamanha verossimilhança, e indefinida no que tange a clareza dos caracteres ficcionais e dos reais, para se afirmar subjetivamente.

Em relação à metodologia, digamos que nesse capítulo está nítida a realização do movimento de “levantar a cabeça” e escrever o que surge desse gesto. Tal movimento foi sugerido por Barthes a fim de explicar o sentido de escrever a leitura (esse é um dos aspectos trabalhados no capítulo metodológico).

O sétimo e último capítulo se caracteriza por introduzir os argumentos de Melman em defesa das ideias que vem elaborando sobre a contemporaneidade e sobre as mudanças ocorridas no psiquismo e na subjetividade em decorrência das vicissitudes desses tempos hodiernos. Este passo foi importante para complementar o que estava faltando referente ao nosso objetivo de discutir a histeria na atualidade. As teses enfatizadas nesse último capítulo - a saber, a de que a cultura passou por um processo de mutação e a de que lidamos com a emergência de uma nova economia psíquica - estão contidas no livro o Homem sem Gravidade, de Charles Melman. Desse modo, esse livro se torna central para nossa construção. No entanto, outros textos de Melman, nos quais ele propõe discussões acerca do contemporâneo e da histeria, também compuseram o grupo de referências que foram imprescindíveis para complementar a elaboração do capítulo. Além de Melman, articulamos também com psicanalistas contemporâneos que escreveram sobre as questões norteadoras da dissertação.

Esse capítulo serve para nos dizer que o adoecer fala pela pessoa e que a histeria tem sua lógica. Segue sendo recriada enquanto fenômeno numa época em que o “sonho” de Freud (sonho de aliviar a pressão do recalque) parece constituir um pesadelo; época na qual as pessoas parecem usar o recalque para se proteger; época em que a crença no objeto não é suficiente - as pessoas precisam do objeto, implicando em mudanças fundamentais na economia psíquica. As discussões concernentes a essa caracterização da cultura atual e das implicações que acarretam a novos arranjos subjetivos, nos conduziram desenvolver o pensamento de que a histeria sempre será uma inflação do imaginário, mas que neste momento, mais do que nunca, surge como alternativa de produzir e recriar num campo cada vez mais infértil, infecundo.

2 RESENHA.

DIDI-HUBERMAN, G. Invention of Hysteria: Charcot and the Photographic Iconography of the Salpetriere (MIT Press, 2003).

Quando algo começa a existir?

Há uma essência, que preceda a existência, ou existir demanda um reconhecimento, um olhar? Esse pode ser um dos questionamentos que permanecem sem resposta ou apresentam tantas respostas possíveis a ponto de jamais nos comprometermos com uma certeza. Quando a referência é o palpável, a matéria, pensar a existência não requer esforços, mas em se tratando de algo que se produz no campo da mística, a existência não se explica, pelo menos não enquanto processo.

Mas isso não parece configurar um grande dilema da natureza, nem da humanidade, porque para todos os mistérios há uma certeza correspondente e se ainda não houver ou se não couber, há uma saída – inventa-se.

Inventa-se!

Será, então, a existência se dá pela invenção?

Adentramos o aspecto da invenção da histeria, esta cena da qual Charcot foi personagem importante, com o propósito de refazer, de modo amplo, o percurso que levou Freud a se interessar pela histeria a ponto de torná-la fundamental para a descoberta da psicanálise.

A palavra que se destaca é a “invenção”, cujo significado vem do latim “Inventio” que significa “achado, descoberta”. O prefixo “In” já promove a ideia de algo que está dentro -“em”, então é como se invenção desse conta de algo que já existe e só falta emergir. No entanto, o que Ana Continentino (2006) nos mostra que “invenção” pode ser entendida, a partir do pensamento de Derrida, como abertura, para além do sentido de imaginação, criação, produção e desvelamento. Essa abertura comporta o desejo de invenção que persegue o pensamento, desejo este que está associado ao desejo de falar do impossível, do inominável. A autora trata dessa perspectiva associando-a a desconstrução de Derrida; ela vê uma

proximidade entre tal sentido de invenção com a desconstrução, cuja essência é a abertura ao novo que pode surgir do que já está cristalizado e portanto, parece transparente, ou invisível. Nada mais, propício que pensemos a “invenção da histeria” de acordo com esta perspectiva, porque a histeria foi no passado, e apesar do suspeitado ofuscamento, ainda conserva, “essa possibilidade de abertura para o inesperado, para o desdobramento de posturas há muito cristalizadas”, como nos afirma Continentino (2006).

Invenção parece ser, de fato, a palavra central no livro de George Didi-Huberman, originalmente publicado em francês (Paris: Éditions Macula, 1982) e depois traduzido para o inglês (Massachusetts Institute of Technology, 2003). Infelizmente, este clássico dos estudos culturais franceses não foi traduzido para o português. Aliás, desse filósofo, historiador, crítico de arte e professor da École de Hautes Études em Sciences Sociales, temos traduzidos, além de um ou outro texto que apareceu em revistas acadêmicas, apenas o livro *O que vemos, o que nos olha* (São Paulo: Editora 34, 1998) e, mais recentemente, *Ser Crânio* (Belo Horizonte, C/Arte, 2009).

Pela importância, e apesar dos limites da língua, achamos oportuna a sua apresentação, pois trata-se de um livro que trata da íntima e recíproca relação entre a fotografia e a psiquiatria no final do século XIX - o que se repete no final do século XX na relação entre a tomografia computadorizada e a neurociência. Também podemos ler, no *só-depois* (après-coup), a pré-história da Psicanálise, e esta passagem do olhar que necessita da luz (a foto-grafia) para a escuta que necessita do silêncio.

Invention of hysteria: Charcot and the Photographic Iconography on the Salpêtrière (MIT Press, 2003) interessa tanto a estudantes de arte quanto aos interessados em psiquiatria e psicanálise. O sentido da palavra invenção, orienta todo um trabalho de descrição histórica e metodológica acerca da histeria; está discutida num capítulo da história da fotografia e das imagens produzida no final do século XIX nas pesquisas psiquiátricas no hospital de Salpêtrière. Mas o sentido que mais se destaca é de invenção como desvelamento, revelação: "Inventar é como um milagre" (p.4). Milagre como algo que oculta da criação: a imaginação, o abuso de imagens, as mentiras e as contradições. A partir dessa concepção, o primeiro capítulo do livro faz apontamentos sobre a verdade e a visibilidade da histeria e possibilita situar Salpêtrière como um lugar que abriga uma página da história da arte. Mas, simultaneamente, revela o desinteresse pelo tratamento, o que configura o paradoxo da atrocidade. Nesse capítulo, o desejo de conhecer a “bela alma” da histérica é comparado ao

desejo ingênuo e inocente de uma criança que deseja enxergar a alma da sua boneca, sem pretender causar degradação, apenas pela pura vontade de ver. Mais adiante, o autor retorna a esta questão pensando na relação médico-paciente.

O perfil de Salpêtrière nos é apresentado, o que exhibe também o perfil de Charcot, já que sua história está intimamente relacionada ao que realizou neste lugar. Salpêtrière era o grande hospício da França – "Era uma outra Bastilha..."(p.13). Os muros desta nova Bastilha isolavam dois incômodos da sociedade, dois assuntos que eram marginalizados: a mulher e a loucura. Desse modo, o hospital era um hospício, um asilo de mulheres, mulheres loucas, estigmatizadas, como descreve o autor:

Em 1690 Já haviam três mil mulheres lá: Três mil mulheres indigentes, vagabundas, mendigas, “mulheres decrépitas”, “solteironas”, epiléticas, “mulheres na segunda infância”, “inocentes disformes e mal formadas”, mulheres incorrigíveis – mulheres loucas. Em 1873 haviam 4,383 pessoas, incluindo 580 funcionários, (...) 853 “mulheres dementes”, e 103 crianças. Era a meca da morte feminina, estendendo-se por 275,448 metros quadrados com uma esplêndida igreja cruciforme no centro(DIDI-HUBERMAN, 2003, p.13).

O relato da chegada de Charcot em Salpêtrière redefine um pouco a função social da instituição. A partir daí ela ultrapassa o caráter asilar para ser reconhecida também como um hospital escola. Charcot fundou a escola de Salpêtrière. Para um médico talentoso em diagnóstico e com uma aspiração de missionário, envolvido e comprometido com uma medicina posta num pedestal, esta foi provavelmente a grande oportunidade para a descoberta de uma “nova” patologia. Assim fundamenta-se a importância de Charcot na história da neurologia e se esclarece a função de inventor da histeria

Nesta época a histeria ainda não se diferenciava de outras doenças nervosas, nem mesmo era mencionada, com Charcot tem-se o início de uma nova era na história de Salpêtrière, na história da medicina e, principalmente, o que se dá no hiato dessa história que proporcionou o nascimento da Psicanálise. Esse hiato representa a lacuna exposta pela dificuldade em estudar a histeria com os métodos já conhecidos, legitimados na área médica e científica. Foi necessário que Charcot desenvolvesse um método qualificado – o método clínico, mas ainda situado no campo da medicina. Nota-se que a partir desse momento, o olhar do médico ganha uma nova roupagem, passa a ser composto de dois sentidos: da visão e da audição. O método proposto por Charcot insere a característica do espetáculo na medicina.

O médico, em silêncio e atentamente, observava e dirigia a cena. E o corpo histérico respondia adequadamente à demanda e à ordenação do seu diretor.

O espetáculo bastava ao olhar curioso do clínico, contudo não correspondia completamente ao projeto teórico-pedagógico de Charcot. Para tanto, era preciso a elaboração de um método experimental que fosse capaz de solidificar a existência da histeria. Está claro no texto que havia o interesse de apresentar a nosografia dos sintomas e um modo de promover esta apresentação primando pela visibilidade dos mesmos. Isto se deu através da fotografia. No terceiro capítulo do livro, demonstra-se como a fotografia foi escolhida como um método viável para registrar os sintomas e o porquê de a Salpêtrière ter se transformado, paulatinamente, no museu da histeria.

A lente fotográfica foi instituída como o instrumento preciso, simbolizando a verdadeira lente do observador; talvez única forma possível de evidenciar o *quadro (tableau)* histérico. Revestida do poder do registro e da evidência, a fotografia passou também a ser lida. Acreditava-se que o retrato poderia revelar a expressão da alma, das paixões, corroborando a virtude do diagnóstico pela face ou superfície. Régnaud foi referência na atividade de fotografar a loucura em Salpêtrière. Mas, Didi-Huberman denuncia a propensão desse exercício ser considerado uma prática questionável, que esbarra em paradoxos devido à temporalidade e, sobretudo, à alteração da realidade, visto que havia toda uma preparação do ambiente, do fotógrafo. E havia também a pose, ou seja, as pacientes posavam, mostravam aquilo que julgavam que o outro queria ver e registrar. Isto significa que havia uma certa artificialidade no resultado; era realmente uma produção. No decorrer da descrição o autor sublinha que posar pode ser a peculiaridade das históricas.

O grande ataque histérico foi fragmentado. Nas diversas fases da evolução patológica constitui-se então a nosologia da histeria, o que significou, como um fato, a sua existência. Mas em razão de a fotografia ser um instrumento questionável, era preciso encontrar um meio de comprovação metodológica dentro dos padrões de cientificidade. No entanto, a histeria não podia ser vista anatomicamente. Não era situada no útero, nem no cérebro ou em nenhum outro órgão que sugerisse uma interligação com os sintomas, como a história clássica da histeria nos sugere, muito embora eles configurassem uma série de variados sintomas de quase todas as doenças já conhecidas. Seria então a histeria uma imitação de outras doenças? Parece que o próprio Charcot, a princípio, acreditava nisso. A dificuldade, no entanto, era que ele insistia em, além de circunscrever, consolidar sua

descoberta. Pois, mesmo a manifestação sintomatológica sendo incontestável, havia uma espécie de ocultação no processo que explicasse essas reações do corpo histérico.

Num percurso que vai da pseudo-epilepsia ao *delirium*, Charcot adentrou o campo da sugestão e da identificação histérica - que Freud, depois, teorizou. A histérica mente, faz poses, simula, mas é ela quem conduz Freud a um passo adiante, levando-o a conceber essa mentira como uma representação simbólica investida de conteúdos recalcados e inconscientes. Antes disso, Freud chamou tal comportamento da histérica de *a bela indiferença*. Didi-Huberman descreve:

Após observar históricas e seus espetáculos de palpitações e gritos, estrangulamentos, ou convulsões espontâneas, os médicos ficariam surpresos e teriam que ajustar seus espetáculos quando confrontados com o que Freud, citando Charcot, chamou de “la belle indifference” (“a bela indiferença”) da histérica. Suas suspeitas retornariam quando eles considerassem o seguinte paradoxo, que não deixou de evocar um certo paradoxo da atriz: linguagem histérica, e o ato de sua dor, abandonando-se ao *coup de théâtre* de auras e sintomas, embora apenas um momento antes elas estavam vivendo, belas, livres de todos os afetos e ansiedades, e num momento depois do ataque vil elas retornavam felizes, livres de toda angústia. Em 1926 Freud admitiu que ele ainda sabia muito pouco sobre este paradoxo, o paradoxo da intermitência. (DIDI-HUBERMAN, 2003, p.101)

Apesar de toda “suspeita” não se nota um comprometimento da “verdade” na histeria. Desde a história que nos é contada neste livro já é possível observar que Charcot, seus colaboradores, seus alunos (entre eles Freud, sobretudo) ainda que submergidos no universo complexo dos sintomas histéricos ou mesmo esbarrados na dificuldade de definições esclarecedoras, encontraram também um caminho para adornar a histeria em toda sua complexidade, incorporando-a ao seu escopo sintomático. De modo que a própria suposição de que a histérica mente passou a ser considerada também um preponderante aspecto de observação, um componente constituinte da variada manifestação da histeria. Em meio a tantas formas de expressão dos sintomas, digamos que era recorrente questionar *qual parte deveria ser acreditada? qual detalhe da atitude dela?* (p.261). Mas então, tudo parecia fazer sentido...

O acompanhamento do caso de Augustine por Bourneville e Régnard sublinha aspectos primordiais para a explicação do quadro histérico - Augustine foi a grande estrela no processo de desvelamento da histeria. A descrição do referido caso ocupa um espaço

privilegiado na complementação desse livro, bem como na coleção fotográfica do museu de Salpêtrière. O autor também destaca o sentido de “sacrifício” na atuação de Augustine que, de certa forma, protagonizou com total despojamento o projeto de visibilidade da histeria com sua *vocação de estigmas* (p.272).

Um dos aspectos mais discutidos no livro foram as atitudes *passionnelles* (*passionais*) no êxtase de Augustine. Esta percepção mostra o espectro de que a histérica parece se dirigir a um ausente. Sugere-se que essa percepção foi o ponto de partida que marca a futura proposição de Freud sobre as histéricas sofrerem de reminiscências, evoluindo para a compreensão de que não são necessariamente efeitos de um trauma, mas da memória de um trauma. No percurso de desenvolvimento dessas concepções, Freud transpôs o determinismo físico de Charcot, para o domínio psíquico. Os espetáculos dirigidos por Charcot certamente deram a dimensão exata dos detalhes que constituiriam, afinal, o perfil estrutural das histéricas. As *atitudes passionnelles* de Augustine possibilitaram o desenvolvimento da compreensão da centralidade do desejo e a associação da histeria com a sexualidade.

Charcot, ávido leitor de Comte, obstinado a dar uma convincente visibilidade à histeria, introduziu a hipnose nas apresentações dos casos e este foi, de fato, o método experimental que propunha o reconhecimento dos sintomas histéricos. A partir do momento em que era capaz de mostrar os sintomas por sugestão, tendo em vista que, hipnotizadas, as pacientes reproduziam os sintomas solicitados pelo médico, passa-se da experiência ao experimento. Portanto, o método experimental de apresentação facilitou a suspeita e/ou ratificação de mais um componente comportamental da histérica – a dimensão do dar a ver na histeria.

Seguindo tal linha de raciocínio, Didi-Huberman adentra no terreno da transferência que, com Freud, passou a ser considerado o principal campo do advento da expressão histérica. Nele o desejo era exposto: veleidade de ser o objeto de desejo do outro. No anfiteatro, a transferência promovia a reprodução dos sintomas; a hipnose deixava as histéricas submissas e elas respondiam o que o médico solicitava. Nesse sentido, o ganho da histérica era a sedução do olhar do médico e em tal jogo ela era correspondida.

Didi-Huberman aponta a servidão na relação médico-paciente, e a aposta no corpo como o objeto do experimento. Ele mostra o quanto o estilo de Charcot de “fabricar” sintomas, através da hipnose e das técnicas de indução, fez a ética tornar-se estética no

processo de demonstração da histeria. *Na salpêtrière uma forma se impôs: a histeria. Às vezes as mulheres contratadas como simples “servas” (grifo do autor) se tornariam histéricas dentro de poucos dias. (p.278).* Por isso, Charcot foi acusado de não tratar, mas de apenas experimentar a histeria: “Em Salpêtrière, você cultiva histeria, você não a cura”.

No sexto capítulo do livro, a posição de Charcot é incisivamente examinada pelo autor. Ele é comparado com Freud, sobretudo no que diz respeito ao significado da transferência e às implicações do uso da hipnose. Assim conseguimos apreender como Charcot chegou a crer que a hipnose era um procedimento terapêutico, mas pautado na expectativa de que: "O método terapêutico consiste em experimentar, e a experimentação consiste em reforçar a visibilidade: Assim, reprovocar um ataque (espetáculo, em frente a todos, no anfiteatro) poderia funcionar, como Charcot nos diz sem muita explanação, “de certa forma como um tipo de terapia.” (p.217)

Assistir as aulas de Charcot deve ter sido algo extremamente atrativo. Tanto que muitos médicos de vários lugares da Europa foram atraídos para Paris e quiseram conhecer a histeria e o tratamento possível. O livro nos faz sentir um pouco da aura que Charcot emanava e o quanto ele era reverenciado; e o quanto inspirava a todos que assistiam suas apresentações. Charcot chegou, inclusive, a ser considerado um apóstolo e seus espetáculos poderiam se assemelhar ao que acontece no terreno do religioso: quando curava um sintoma sob a técnica da hipnose, era como um milagre!

O livro nos convida a refletir eticamente o método de Charcot. Cada passo dado em direção à verificação dos sintomas leva-nos, de certo modo, a confrontar as convicções que Charcot teria e que seus discípulos também precisavam obter acerca da histeria. Seu método de transmissão, mesmo sendo brilhante, continua bastante questionável. Enfim, qual a garantia de tudo não ter sido uma simulação onde uma personagem era fabricada? No entanto, essa dúvida gera novas descobertas sobre a histeria: as histéricas atuavam devido ao amor de transferência e, na histeria há a manutenção de uma convivência com o risco.

Se precisássemos de uma única boa razão para lermos o livro, a leitura do caso de Augustine possibilita a visão de como Bourneville (o médico), Régnard (o fotógrafo) e Charcot (o mestre) inscreveram a histeria em Salpêtrière. Didi-Huberman nos apresenta essa história e, através da descrição pormenorizada de como a histeria foi desenhada, temos acesso

ao processo que provavelmente inspirou Breuer e, particularmente, Freud, e que levou à fundação da Psicanálise.

Ultrapassando os julgamentos que permeiam o processo pelo qual a histeria passou a existir, o projeto de visibilidade, sustentado por Charcot, demonstra a importância desse episódio para a compreensão que temos hoje da histeria. Assim, a espetacular evidência pode ser considerada o princípio de toda a noção que circunscreve a histeria, desde a teatralidade histórica à dialética da transferência.

A iconografia fotográfica difundiu e fixou a imagem da histeria. Georges Didi-Hurberman, num trabalho de narrativa, descrição, e por vezes, poesia, nos introduz neste registro. Aceitemos, então, o *álibi de ver para saber* de Charcot, a fim de perceber nesse livro uma obra indispensável para aqueles que pretendem estudar como se inventou a histeria.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 Considerações Metodológicas – Pesquisa em psicanálise

Nosso estudo está enquadrado metodologicamente na pesquisa qualitativa, posto que suponha a interação do sujeito com o meio e se aproxima de modelos de discussões compreensivo-interpretativas, próprias da área das ciências humanas cujo objetivo fundamental seria compreender as significações e os sentidos que produzem e que são produzidos pelos homens. (TURATO, 2010, p.195)

Vergara e Molina (2008) apontam que a ciência se diversificou ao longo do tempo e que isso se deve a diversidade dos métodos construídos com a finalidade de produzir um saber coerente com o lugar de onde o pesquisador pretende se lançar – “O cientista percebe que deve utilizar um dialeto que seja passível de diálogo entre ele e o lugar onde realiza seu trabalho.” (VERGARA e MOLINA, 2008, p.893). Portanto, o método que defendemos para a elaboração deste estudo estará pautado nos pressupostos teóricos – metodológicos da pesquisa psicanalítica, o lugar no qual estamos inseridos.

De acordo com Campos e Coelho Jr. (2010) o campo psicanalítico apresenta algumas características compatíveis com a produção de conhecimento científico: coesão interna, comunicabilidade, verificabilidade e cumulatividade. Entretanto, essas dimensões são compreendidas a partir de peculiaridades da produção de conhecimento em Psicanálise.

Para ilustrar uma particularidade da pesquisa em psicanálise, pode-se dizer que se dá no processo de relação entre o pesquisador e o objeto de estudo. Figueiredo (2011) descreve bem tal especificidade que destingue uma pesquisa psicanalítica no que concerne a relação sujeito-objeto:

A relação sujeito e objeto em uma pesquisa, tal como concebida nas ciências naturais e nas ciências sociais ou humanas, implica um sujeito ativo debruçado metodicamente sobre seu objeto, munido de conceitos, instrumentos e técnicas de descoberta e verificação – ou refutação – de suas hipóteses. Não é bem assim nas relações entre o psicanalista, suas “teorias” e seus “objetos”. A entrega do “pesquisador” ao “objeto” o deixar-se fazer por ele e, em contrapartida, construí-lo à medida que avançam suas elaborações e descobertas faz da “pesquisa” um momento na história de uma relação, que

não deixa nenhum dos termos tal como eram antes da própria pesquisa ser iniciada. (Ibidem, p. 2 – grifos do autor).

A posição distintiva própria do campo psicanalítico de investigação impossibilita, algumas vezes, articulações entre a psicanálise e outras áreas da ciência. A principal distinção acontece devido a apropriação e a emergência de elementos da clínica para o âmbito da pesquisa, de modo que a pesquisa em psicanálise pode ser definida também como pesquisa clínica. Esse modo de entender de pesquisa em psicanálise traduz que a pesquisa seria um trabalho de abstração e elaboração decorrente da escuta clínica. Outra maneira de conceber a pesquisa no campo da psicanálise são as pesquisas sobre psicanálise que se inserem mais facilmente no âmbito das pesquisas acadêmicas. São pesquisas que, inclusive, possibilitam a vinculação da teoria psicanalítica com outros campos de saberes. (CAMPOS e COELHO, Jr., 2010).

Mesmo confirmada a perspectiva de que a pesquisa em psicanálise se define pela congruência com os pressupostos da clínica, considera-se que há duas maneiras de se trabalhar com psicanálise que norteiam também a realização da pesquisa neste campo: *psicanálise em intensão* e *psicanálise em extensão*. A psicanálise em intensão se caracteriza pela pesquisa que procede da experiência clínica, dos atendimentos, das questões que são suscitadas a partir da escuta ao paciente. A psicanálise em extensão são as pesquisas que visam à articulação da psicanálise com questões estabelecidas pela cultura, de modo que podem ser tomados como objeto de estudo, filmes, produções artísticas e culturais, e textos – literários, escritos técnicos, entre outros.

Tendo em vista essas possibilidade de pesquisa que cabem à psicanálise, optamos por realizar uma pesquisa psicanalítica em extensão. Para tanto, iremos nos deter a discutir estratégias de leituras que imprima o um modelo metodológico para execução da pesquisa e o trato com o objeto de estudos que neste caso serão textos.

3.2 Pesquisa Teórica em Psicanálise e modalidades de leituras

Na universidade fala-se em pesquisa teórica e empírica, mas a psicanálise, que não prescinde formalmente dos paradigmas da ciência, se apresenta por outros fundamentos.

Figueiredo (2009) percebe que algumas pesquisas sugerem uma aproximação inadequada com a clínica; são pesquisas nas quais a construção do objeto e a delimitação de um campo transformam os aspectos da clínica em fatos e em dados a serem analisados, com o objetivo de corresponder às normas científicas e assim consolidar-se como pesquisa acadêmica.

Sobre a pesquisa e a produção de saber é necessário retomarmos o ponto de controvérsia entre a psicanálise a ciência no que diz respeito aos métodos utilizados nas produções acadêmicas. Ultrapassar essas controvérsias condiz com a importância de estabelecer “propostas metodológicas *a partir* da Psicanálise e não *sobre* a psicanálise” (FIGUEIREDO, 2010, p. 195).

A questão é que, ao se falar em pesquisa psicanalítica, é preciso assumir a ética da clínica também no modo de pesquisar, e esta ética não é a mesma ética da ciência:

Gostaria de deixar como sugestão a idéia de que há, intrinsecamente à atividade da clínica psicológica e psicanalítica, algo que nos chama para o campo da ética, no sentido anteriormente aludido, que não é nem será jamais regulado por qualquer cientificidade e que não se converterá nunca em objeto de pesquisa. Enfim, se aqui nos interessa *achar*, talvez devamos – seguindo Picasso – correr o risco de *não procurar*. (FIGUEIREDO, 2009, p. 172).

Algumas perguntas são pertinentes para se pensar a relação da pesquisa em psicanálise com os preceitos da pesquisa dita acadêmica. Garcia-Roza (1993, p.118) expõe seus questionamentos dos quais também nos apropriamos a fim de refletir a respeito do fazer pesquisa em psicanálise. Tais questionamentos são: “como fazer pesquisa psicanalítica na academia? É possível a pesquisa acadêmica em psicanálise? Como pesquisar no campus universitário o que deveria ocorrer no laboratório autêntico da investigação em psicanálise – a clínica?”

Garcia-Roza (1993) aponta duas possibilidades de realizar este tipo de pesquisa, uma seria pelo método experimental, que consiste numa reprodução da experiência clínica para os que julgam que a verdadeira pesquisa em psicanálise é a que nos permite um saber sobre o inconsciente, e consideram que isso somente é possível na clínica. Nesse caso, não passaria de

uma transposição da clínica privada para a instituição. E a segunda possibilidade seria a pesquisa teórica.

A pesquisa teórica em psicanálise comumente remete ao propósito de verificar a validade formal da teoria, submeter a teoria psicanalítica a uma análise crítica. Esta proposta possui determinado aspecto importante, mas não seria o único objetivo. Para Garcia-Roza (1993) é necessária que se tenha clara a diferença entre o trabalho de um epistemólogo e o de um pesquisador para compreender o modo como cada um se volta para uma teoria. O epistemólogo assume uma postura de reverência frente à teoria, enquanto que o pesquisador se permite uma postura criativa possibilitando o aparecimento do novo. “O primeiro procede a uma assepsia da teoria, o segundo mantém um pacto com a bruxa, pacto este que lhe permite ultrapassar os limites do estabelecido.” (GARCIA-ROZA, 1993, p.119).

O rigor em relação à teoria é importante até o ponto que não se transforme em algo excessivamente estéril, de modo a manter o pesquisador distante ou neutro. Quanto a isto, importa que o pesquisador seja desconfiado, não de maneira arbitrária ou necessariamente crítica, mas de maneira apaixonada, sensível ao que a teoria lhe fala. Para tanto, a universidade seria o lugar desse retorno à teoria através da perspectiva da *releitura*. (GARCIA-ROZA, 1993, p. 119)

Para definir a *releitura* é necessário diferenciá-la do *comentário*. O comentário, para Foucault, é algo que se produz além do texto, mas sem o propósito de dizer o novo, é um discurso protetor sobre o texto, não produz a diferença. Já a *releitura* visa a produção e não a reprodução de um discurso, não é um recitativo textual do original, mas trabalha com a textualidade do texto a fim de propor uma transformação. Jogar com a textualidade do texto é conceber a pluralidade de sentidos que dele emana, e novas possibilidades de escritura que surgem nesse processo. (GARCIA-ROZA, 1993, p.120)

A proposta da *releitura* se assemelha à prática da clínica psicanalítica no que diz respeito ao crédito que se dá à multiplicidade de sentidos. Conferir voz à polissemia é um dos aspectos constituintes da clínica, e é também o que caracteriza a *releitura* de um texto. Com uma singela ressalva de que na clínica se trabalha com o dito e na proposta da *releitura* se trabalha com o escrito. A questão é que da mesma forma que na clínica a escuta precede o olhar, na *releitura* de um texto se supõe a mesma precedência: “A *releitura* toma, portanto, para com o texto, uma atitude semelhante à do analista em relação ao analisando: a de não

impor ao texto nossas próprias questões, mas tentar identificar as questões colocadas pelo texto.” (GARCIA-ROZA, 1993, p. 120).

Para exemplificar a releitura é possível dizer que o que Lacan fez com os textos de Freud, trata-se de uma releitura. Lacan retornou à Freud e produziu o novo, não escapando do que estava nos textos, mas atento às possibilidades de sentido que a obra de Freud lhe permitiu. (GARCIA-ROZA, 1993). Será que isso quer dizer que Lacan infringiu o limite do respeito à teoria original? Será que ele captou o que Freud “quis dizer”? São, possíveis questões levantadas. Portanto, se faz necessário à discussão entre a relação que se estabelece entre autor-leitor e onde o texto se implica nessa relação.

Para Bali (1998) há um equívoco nos argumentos utilizados por Garcia-Roza quando ele tenta aproximar a releitura da escuta clínica. Ela julga que “ele (Garcia-Roza) cria uma metodologia de pesquisa própria à psicanálise, mas que extrapola os limites mesmo da psicanálise.” (BALI, 1998, p.92). O aspecto ao qual Bali se apegava para contrapor esse pensamento pauta-se na suposta postura neutra a qual o pesquisador está submetido nesse modelo de pesquisa. Ela pressupõe que quando Garcia-Roza afirma que há certa multiplicidade de sentidos possível na clínica psicanalítica e a partir da “textualidade” do texto, acreditando que nem o analista nem o pesquisador colocam suas questões, mas antes tentam identificá-las no discurso do analisando, ou no texto, não está dizendo nada diferente do que a ciência determina, visto que identificar produz a ideia de algo que está pré-determinado. (BALI, 1998, p.93).

Outra forma de conceber a pesquisa em psicanálise seria um meio termo para vincular a prática à teoria, só que numa relação de dependência. A metodologia é apoiada pela clínica, sendo que numa dimensão de aplicabilidade. Aqui, o argumento assinala que é possível aplicar os preceitos da clínica à leitura de um texto autobiográfico, posto que seja um discurso do sujeito sobre si. Todavia, nesse sentido, Bali (1998) avalia que a leitura de um texto dispensa à importância do *setting*, por exemplo. Sendo assim, a clínica não passaria de uma contingência, desconsiderando a transferência como campo fundamental para a “única” maneira de produção em psicanálise.

Para Bali, a pesquisa em psicanálise só é possível na clínica, pois é a relação transferencial que dá suporte a “verdade” a ser construída, a partir da comunicação inconsciente entre o analista e o analisando. Somente nesta atividade aparecem de fato os

elementos que fundamentam a psicanálise. Sendo assim, é praticamente um erro tentar estabelecer uma metodologia para pesquisa acadêmica em psicanálise, porque enquanto se empreende nisso haverá um distanciamento da dimensão clínica.

Pegamos dois autores com concepções divergentes no que tange a associação da prática clínica com a prática da leitura de um texto, sobretudo no aspecto da relação que se estabelece entre as partes envolvidas, tanto no âmbito da clínica quanto no âmbito da leitura.

As concepções mais clássicas de leitura compreendem o texto como um caminho para se chegar ao autor. O autor era aquele que ocupava um lugar privilegiado no texto e por muito tempo o objetivo principal era definido pelo resgate do sentido original do texto que coincide com a intenção do autor. Para Barthes, “a explicação da obra é sempre procurada do lado de quem a produziu”. (COMPAGNON, 2006, p.50).

Pensar esta questão do sentido original do texto nos faz também refletir sobre o processo da tradução, pois a ideia da tradução ideal tem a ver com as concepções clássicas de leitura e interpretação, as que defendem a existência de uma identidade no sentido do texto, que corresponderia à intenção do autor. Traduzir seria não sair da literalidade do texto, manter e proteger o seu sentido primeiro. (ARROJO, 1993).

De acordo com Arrojo (1993) surgiram ao longo do tempo algumas formas alternativas e contraditórias à tradição. Seriam elas: a arqueologia de Foucault, a semioclastia de Barthes e a desconstrução de Derrida -, visto que instauraram uma quebra nesse seguimento protetor de sentidos originais. Diante dessas novas perspectivas, a defesa de uma leitura (de fenômenos, de textos, de produções culturais, etc.) cujo objetivo seria o resgate dos significados prévios, perdeu um pouco mais seu status. Com base nisso, ler um texto não implica dizer que é possível o acesso à verdade do autor, primeiro porque a verdade não existe e depois porque nem mesmo o autor teria domínio sobre sua própria intencionalidade. Desse modo, as traduções perfeitas são impossíveis. Por esse ponto de vista, traduzir passa a ser considerado um ato de criação e não apenas uma reprodução protetora do texto original. A tradução não acontece sem ser mediada pelo olhar específico, uma interpretação do leitor/tradutor, mesmo que a intenção seja a de ser fiel ao texto original. Na verdade, o que se produzirá são versões do texto. (ARROJO, 1993)

Na perspectiva da linguística, o autor deixa de ser concebido como o que confessa uma intenção para ser tomado como nada mais do que aquele que escreve:

O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda, ao “escritor”, que não é jamais senão um “sujeito” no sentido gramatical ou linguístico, um ser de papel, não uma “pessoa” no sentido psicológico, mas o sujeito da enunciação que não preexiste à enunciação, mas se produz com ela, aqui e agora. Donde se segue ainda, que a escritura não pode “representar” “pintar” absolutamente nada anterior a sua enunciação, e que ela, tanto quanto a linguagem não tem origem. (COMPAGNON, 2006, p. 50-51) (grifo do autor).

Dessa maneira começa a se instaurar aquilo que Barthes chama de a “morte do autor” e que, segundo Compagnon (2006) resulta na promoção da ideia de polissemia do texto e na promoção do leitor. Em virtude disto o autor assume a posição de um intérprete. Interpretar vem do latim INTERPRETARI que significa “explicar, expor”; de INTERPRES “agente, tradutor”, formada por INTER, “entre”, mais um elemento de origem incerta, talvez do Sânscrito PRATH-, “espalhar”.*

Campos e Coelho Jr. (2010) falam em método interpretativo enquanto reprodução de sentidos ou enquanto criação de sentidos. Como reprodução visa eliminar a diferença, purificar o texto; a subjetividade do intérprete é considerada um obstáculo à compreensão. Como criação admite a prevalência da subjetividade do leitor e insere a contextualização como parâmetro para compreensão. O contexto se constitui dos horizontes externos e internos do leitor. Interpretar não seria nada além de contextualizar, mas tentando conservar ainda um lugar para a unidade. Conceber a interpretação dessa maneira denota a oposição que Figueiredo faz entre leituras sistemáticas e próximas e leituras próximas e desconstrutivas – “Trata-se de pensar uma leitura que seja próxima sem se fechar (closer) em uma suposta unidade [...]. O procedimento desconstrutivo, assim, é um mergulho no texto, porém pautado por uma lógica não-identitária ou suplementar”. (CAMPOS E COELHO Jr, 2010, p.253).

Barthes no texto “Escrever a Leitura” (1988) sugere que, para que uma leitura se torne objeto de uma nova leitura é preciso estar atento aos momentos em que se “levanta a cabeça”. Esses momentos que o leitor interrompe a leitura, para pensar e fazer suas próprias associações. O pensamento que surge nesses momentos deve ser escrito, a fim de compor um

* A origem da palavra: <http://origemdapalavra.com.br>

texto totalmente novo, inventivo, independente do que o autor pretendeu dizer ou não. Tais textos são denominados por Barthes, como *texto-leitura*, uma produção que não privilegia o autor (querer dizer) nem reconstitui o leitor (querer entender), mas a leitura.

Abrir o texto, propor o sistema de sua leitura, não é apenas pedir e mostrar que podemos interpretá-lo livremente; é principalmente, e muito mais radicalmente, levar a reconhecer que não há verdade objetiva nem subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica; e ainda mais, o jogo não deve ser entendido como distração, mas como um trabalho – do qual, entretanto se houvesse evaporado qualquer padecimento: ler é trabalhar o nosso corpo (sabe-se desde a psicanálise que o corpo excede em muito nossa memória e nossa consciência) para o apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam [...]. (BARTHES, 1988, p.42)

O texto, em Barthes (1988), deixa de ser tomado como algo que está entre o autor e o leitor. O autor é substituído por aquele que enuncia e o leitor, num sentido mais literal, é aquele que ler e que escreve sua leitura. O exercício da leitura de um Texto (Barthes o escreve com letra maiúscula) possibilita explorar todos os significantes que ali estão; a estrutura, a trama textual. Nada será tomado além do que está no texto. O objeto de estudo será o *texto* e não a *obra*. Sendo assim, o pesquisador-leitor se colocará diante do *isto fala* em vez do *eu falo*. (BARTHES, 1988, p. 101, grifo do autor).

Fundamentada nessa lógica de Barthes, a atividade da leitura adquire certo rigor que a pesquisa com textos pede e ao mesmo tempo admite a lógica da clínica que a pesquisa em psicanálise precisa para se constituir. Tanto a releitura proposta por Garcia-Roza quanto a leitura próxima e desconstrutiva proposta por Figueiredo considera o surgimento desse novo na medida em que não insinua a precedência da unidade à diferença.

Garcia-Roza (1993) apresenta a releitura enquanto opção de um método condizente com a perspectiva de pesquisa teórica em psicanálise porque nela está em jogo o dispositivo do discurso, da mesma forma que acontece na clínica, cuja função seria fazer furo nos discursos constituídos. Através da releitura e da insurgência do novo, aponta-se para o furo nos discursos já consolidados com o intuito promover um discurso criador – “dispositivo este que caracteriza o discurso psicanalítico.” (GARCIA-ROZA, 1993, p.121).

A leitura desconstrutiva também se configura como uma estratégia coerente com a lógica do método psicanalítico, na medida em que propõe enxergar a alteridade interna do

texto - “fazer o texto trabalhar” (Laplanche *apud* CAMPOS E COELHO JR, 2010, p. 256). A aproximação da leitura desconstrutiva com o método psicanalítico se dá porque nele se processa uma escuta diferenciada e flutuante ao que é estranho, identificando o que seria a irrupção de sentidos inconscientes. E a leitura desconstrutiva prevê esse tipo de *escuta* ao texto. Não no sentido de acessar inconscientes, mas na intenção da criação, da mudança, potencializar a multiplicidade de sentidos, que emergem das contradições e das ambigüidades.

3.4 A leitura desconstrutiva

Jacques Derrida (1930-2004), nascido na Argélia, foi um filósofo que desenvolveu seu trabalho sustentado pelo intuito de repensar a tradição lógica da identidade, tradição do pensamento ocidental que defende a existência de uma realidade essencial. Essa lógica da identidade pressupõe que as leis do pensamento devem propor o encontro com uma origem identitária, simples, homogênea, livre de impurezas. Tanto que tais leis devem excluir a complexidade, a mediação e a diferença. Para contrapor esse pensamento, Derrida elaborou uma abordagem, um modo de refletir sobre essa lógica vigente a partir do pensamento que nomeou de *desconstrução*.

O termo *desconstrução* aparece na obra “Gramatologia” de Derrida. Consta no texto “Carta a um amigo Japonês” (1985 [1987]), traduzido por Érica Lima, que o próprio Derrida afirma não ter pensado que a palavra desconstrução adquiriria um valor tão importante no que ele vinha discutindo. Mas reconhecida tal importância, tentou nesta carta elaborar uma espécie de explicação para definir o que viria a ser a desconstrução. Nas palavras de Derrida a desconstrução:

Não se limita nem a um modelo linguístico-gramatical, nem a um modelo semântico, menos ainda a um modelo mecanicista. [...] Desconstruir (...) tratava-se de desfazer, descompor, dessormentar as estruturas. [...] mais que destruir era preciso também compreender como um “conjunto” tinha se construído e, para isso reconstruí-lo. (p.21)

A desconstrução não deve ser considerada uma análise, ao passo que analisar pode supor um ato de regressar à origem, tampouco pode ser compreendida como uma crítica.

Também não deve ser transformada em método. (DERRIDA, 1987, p.23). Desconstrução, num sentido mais amplo possível seria um *pensamento*. (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 15).

Figueiredo (1999) afirma que existem algumas concepções do que é ler, interpretar e traduzir um texto: as concepções clássicas, a hermenêutica e a desconstrutiva. Nas concepções clássicas o sentido precede à forma, como se houvesse um sentido particular e universal no texto, de modo que o objetivo seria desvendá-lo. Segundo tal concepção, as traduções e as paráfrases perfeitas seriam presumíveis. A hermenêutica admite o sentido, mas levando em consideração o contexto, sempre histórico e contingente. Dentro da hermenêutica, contudo, essa dimensão do contexto apresenta os seguintes posicionamentos: o contexto como história; o contexto como os pressupostos de um dado leitor, revestido de questões e crenças; o contexto no qual a diferença precede à unidade, “ele não é formado de entes, mas de possibilidades de diferenciação” (FIGUEIREDO, 1999, p.14).

A leitura desconstrutiva, segundo Campos e Coelho Jr. (2010), admite algo que foi ignorado pela tradição hermenêutica – a alteridade do texto para si mesmo. Essa perspectiva se pauta no retórico, na trama intratextual, um mergulho no texto, mas sem possuir uma lógica identitária. É um tipo de leitura que exige atenção para os elementos diferenciais (a marca) que parecem invisíveis, mas que são fundamentais para formar as possíveis teses contidas no texto. A intenção não é desconstruir no sentido de destruir o texto, mas dar voz aos elementos de desconstrução ativos e dispostos silenciosamente no próprio texto (FIGUEIREDO, 1999, p.19-21).

Inspirado pela ideia da desconstrução, Luís Cláudio Figueiredo, no livro “Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi” (1999), apresenta uma estratégia de leitura que define como leitura próxima e desconstrutiva. Próxima no sentido de que o leitor deve estar atento a fim de se aproximar o máximo possível das impurezas, das imperfeições, irregularidades do texto. (FIGUEIREDO, 1999, p. 17)

Figueiredo (1999) faz uma distinção o entre a leitura sistemática e a desconstrutiva. A sistemática se caracteriza pela precedência da unidade sobre a diferença enquanto que a desconstrutiva prescinde da atividade de leitura que se propõe a dar visibilidade “às tensões, às trilhas perdidas, às pequenas aberturas do texto que a leitura clássica tende a fechar” (FIGUEIREDO, 1999, p.19). As leituras sistemáticas são as primeiras leituras, antecedem a leitura desconstrutiva, pois se trata do momento de conhecer a “essência” teórica do texto,

reconhecer as teses contidas nele, tem o caráter identificatório. A leitura desconstrutiva ocorre posteriormente à sistemática porque estrategicamente vai tentar isolar a identidade para enxergar a diferença (leia-se por identidade os elementos do texto que dão a ideia de “sentido do texto” – o tema, o assunto que aborda).

Nessa estratégia de leitura, assim como nos métodos de pesquisa qualitativa há uma relação subjetiva entre o sujeito e o ambiente, com a condição de que aqui se supõe uma relação entre o leitor e o texto. A leitura é então uma atividade onde o leitor deixa de ser compreendido como um mero receptor passivo e passa a atuar no texto. Ele entende que o texto não está morto, mas que possui estratégias para levá-lo a pensar de uma forma determinada, ou seja, o que está escrito, do jeito que está escrito tem uma função de fazer o leitor conceber um pensamento específico. Desse modo, nenhum texto está revestido de uma pureza transcendente. Por isso a leitura é ativa, próxima e atenta aos elementos textuais, e isso possibilitará uma nova compreensão da forma textual e da função do texto. Figueiredo (2011) respalda essa concepção acerca do texto e sua relação com o leitor (pesquisador):

O “objeto” – seja um paciente, uma comunidade, uma formação da cultura, um texto– não sai incólume quando submetido a uma atividade de “pesquisa” desse tipo que, por outro lado, ele mesmo convocou. Que um paciente forme seu próprio analista e a escuta analítica que o acolhe e reflete não nos espanta. Mas o mesmo pode ser dito de uma obra pictórica, de um filme, de um padrão sociocultural ou de um texto, e isso faz com que a atividade cognitiva e afetiva que tais “objetos” produzem e induzem façam parte de suas potencialidades de realização, expressão e autoconhecimento. O leitor de um texto, por exemplo, responde ao apelo de leitura que ele constitui e, ao responder a tal demanda – ao ler com devoção, cuidado e liberdade –, dá ao texto novo fôlego, novas possibilidades interpretativas, novo futuro. Um texto, ao ser bem lido, renova-se e sai da experiência de leitura em direção a um porvir que, por outro lado, fazia parte, como possibilidade, do que o texto já “era”, mas a que não acederia sem o concurso do leitor que responde do seu modo, a tal apelo. (IBIDEM, p.2).

Trabalharemos em nossa pesquisa seguindo a ideia de Barthes de escrever a leitura somada à perspectiva da desconstrução e o modelo proposto por Figueiredo (1999) – leitura próxima e desconstrutiva. Tal como Figueiredo se propôs a pensar as relações existentes entre o texto “Além do princípio do prazer – Freud” e o “Thalassa – Ferenczi”. Na nossa pesquisa pretendemos os textos que compreendam concepções acerca da histeria, principalmente os

Estudos sobre a Histeria. Em sequência daremos prosseguimento à pesquisa lendo Charles Melman, sobretudo os Novos Estudos sobre a Histeria e o Homem sem Gravidade. Esses dois autores serão centrais no nosso estudo. E, além disso, também leremos, não com tanta ênfase, outros autores que versem sobre o tema que estudaremos e discutam a contemporaneidade – são autores que através de suas leituras possam nos possibilitar um diálogo, podendo assim, contribuir para nossa discussão.

3.4 Descrição dos procedimentos - protocolo de leitura

Nosso estudo se trata de um trabalho com textos que, a princípio, já devemos salientar de que não é a mesma coisa de uma pesquisa bibliográfica. Esta se caracteriza como uma etapa de toda pesquisa, independente do método que seja utilizado. Grosso modo, podemos compreender a pesquisa bibliográfica como um levantamento do que existe de produção acerca de determinado tema. Geralmente serve como uma introdução teórica ao tema porque condensa conhecimentos importantes para o prosseguimento da pesquisa. Já um estudo teórico se caracteriza pela realização de um trabalho com textos; o objeto de pesquisa é um específico *corpus* textual, o que também pede, de certo modo, uma estratégia de leitura.

Como já antecipamos, o *corpus* textual da nossa pesquisa é precisamente composto pelos textos de Freud e Melman. O principal texto de Freud foi os Estudos sobre a Histeria e de Melman foi os Novos Estudos sobre a Histeria. Os textos secundários dos referidos autores como, por exemplo, as Publicações Pré-psicanalíticas de Freud e o Homem sem gravidade de Melman, também foram imprescindíveis para que atingíssemos certo nível de compreensão acerca do tema e nos ajudar a elaborar com mais propriedade as ideias que decorressem do estudo.

Seguimos uma sequência cronológica para escrever nossa leitura, isto é, primeiro Freud e depois Melman. O movimento de escritura também prescindiu do arranjo dos textos. De modo que, os Estudos sobre a Histeria, por se tratar de um texto escrito e claramente organizado para se tornar um livro, dividido em partes que dialogam entre si, nos possibilitou um sequenciamento mais delimitado. Já os Novos Estudos, por se tratar de uma compilação de pequenos textos independentes, apresentados num seminário, acarretaram um movimento de escrita menos linear do que o movimento antecedente.

Ambos os textos foram lidos no mínimo duas vezes. A princípio fizemos uma leitura ingênua e em seguida uma leitura próxima e atenta. As leituras que ocorreram no espaço entre uma e outra foram as leituras sistematizantes que implicam na leitura de outros autores que leram Freud e/ou Melman, ou mesmo os que, de alguma forma, nos remeteram ao que o texto principal nos despertou. As leituras sistematizantes funcionam para abrir portas para a escritura do novo texto. O terceiro passo que corresponde à aproximação atenta e desconstrutiva do texto é o que resulta na produção do nosso próprio texto.

No processo de leitura-escritura apreendemos o texto como um contexto material que interage com o leitor; que interfere no pensamento e produz algo novo a partir de então. Barthes (1988) nos ajuda a compreender esse movimento quando sugere que escrever a leitura é escrever o que produzimos quando levantamos a cabeça. Esse gesto determina o que está surgindo ou sendo transformado pelo contato com o texto, além de ser um gesto que simboliza a expansão do pensamento, a abertura do olhar, a recriação de novos horizontes a partir da leitura.

Sem pretende retornar ao mérito da discussão sobre existir uma verdade contida no texto, é perceptível no movimento de escrever a leitura que cada texto produz uma verdade que nasce a partir da relação entre os contextos do próprio texto e de quem está lendo. Referente a isto lembramos uma colocação de Barthes (1988, p.42), na qual ele explica que ler um texto nos leva a reconhecer uma verdade que não é nem objetiva, nem subjetiva, mas lúdica; faz parte de um jogo e um trabalho que envolve até o corpo.

A maneira como lemos os textos de Freud e de Melman certamente proporcionou interferências específicas. O texto de Freud por ser um texto escrito exibe a elaboração linear e contínua de ideias. Por vezes chega a parecer uma narrativa com todos os elementos de ida e volta de um pensamento, mas funciona como se fosse para descrever o caminho percorrido para se chegar a uma determinada ideia. Esta característica nos parece tão marcante na escrita de Freud que mesmo com a suposição de que ele intencionava atingir as cátedras da ciência, não é um texto isento de subjetividade. Em muitos momentos, tem-se a impressão de que Freud está ao nosso lado; seu texto dialoga com o leitor.

O texto de Melman, por sua vez, tem uma característica bastante peculiar, pois não são textos que, em termos de estrutura, não parecem nascer de um minucioso trabalho de escrita cujo resultado seja uma publicação intencional. São textos que na maioria das vezes

nascem de uma fala: ou uma fala para apresentação em público (palestras em seminários, encontros, etc), ou um diálogo (entrevistas, discussões em encontros psicanalíticos). Demos, basicamente, a descrição dos textos de Melman que foram trabalhados nesta pesquisa. Por esta razão o movimento do nosso processo de leitura-escritura acompanhou essa estrutura intercutada, mas que possui uma fluidez própria de quem está conversando. O fato de apresentar esse tipo de estrutura não é um atributo negativo. Ao contrário, imprime uma certa fluidez que reflete a seguinte expressão da “palavra acompanhando o pensamento”. Podemos extrair dessa característica que Melman, assim como Freud, parece dialogar com o leitor, com a diferença de que o diálogo em Melman é a própria estrutura do texto.

Enfim, consideramos necessário figurar as características dos principais textos componentes do *corpus* deste estudo para possibilitar uma visibilidade do processo de construção do nosso próprio texto.

4. INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA DE FREUD

Os *Estudos sobre a histeria* consolidou-se como o texto de origem da psicanálise. Publicado no ano de 1895, ele contém projeções conceituais que foram fundamentais para o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Para fins do nosso estudo tomaremos como base a edição *standard* brasileira traduzida da versão inglesa editada por James Strachey com colaborações de Anna Freud e Alix Strachey. Esta versão em inglês pertence a “The Pelican books”, publicada no ano de 1974. Em posse da referida tradução, a utilizamos como leitura paralela, neste primeiro momento introdutório, para compreender um pouco da história da edição. No entanto, a versão em português terá maior relevância para este estudo.

Num primeiro momento de comparação das versões, acessamos uma introdução feita especialmente para “The Pelican Freud Library”, que não consta na publicação da editora Imago, em português. Trata-se de uma introdução com informações sobre a seleção e apresentação dos textos, a saber: a Edição *Standard* é a coleção mais completa dos trabalhos de Freud; Os “Studies on hysteria” foram traduzidos do alemão, sendo a primeira vez que os escritos de Freud foram publicados em brochura; os textos foram impressos com correções da edição *Standard* – foram inseridas introduções, notas, referências bibliográficas – atendendo a uma espécie de edital para publicação.

Esta introdução é sucinta, mas além dela há um segundo texto introdutório, também conciso, que não aparece na versão em português. Trata-se de um esboço sobre a vida de Freud – “Sigmund Freud: um esboço de sua vida e ideias” – que antecede a nota do editor.

Partindo do princípio de que utilizaremos em nosso trabalho a desconstrução como estratégia de leitura, essa breve exposição comparativa entre as versões em português e inglês permite observar que a palavra é polissêmica e que embora haja a intenção de preservar a originalidade do texto, no processo de tradução algo invariavelmente é alterado. Uma supressão, um acréscimo ou a substituição de uma palavra por outra pode mudar completamente o sentido do que está sendo dito. Isto demonstra que traduzir é também uma forma de interpretar.

No primeiro volume das obras completas há um prefácio geral do editor inglês no qual ele explicita como se deu o plano de edição, como foram acrescentados os comentários e

como se deu a tradução do alemão para o inglês. O tópico sobre a tradução propicia o contato com a intenção do editor em manter mais intacto possível as ideias originais de Freud. Conta como se esforçou para traduzir os termos técnicos de modo asséptico, na medida do possível, mas acaba admitindo que “essa regra é passível de conduzir a equívocos” (FREUD, 2006 [1886-1889], p.26). Strachey exemplifica um tipo de condução aos equívocos ao falar que no alemão há duas palavras distintas que ele entende como sinônimo¹.

A leitura desconstrutiva é uma estratégia para o leitor que pretende abrir o texto, dialogar com ele, “ouvir” suas vozes. Entendemos, com isso, que a dinâmica da escrita, o modo como as palavras são dispostas numa frase, as citações etc., ordenam um caminho para a compreensão de um texto. Levados a abandonar a perspectiva de que há um único sentido, uma essência do texto, passamos a considerar as brechas, as aberturas, a polissemia do que está escrito.

O primeiro passo no processo de uma desconstrução, segundo Vasconcelos (2003, p.75) é a inversão da hierarquia das oposições² presentes no pensamento logocêntrico, que pressupõe um sentido depositado no texto.

Para Vasconcelos (2003, p.78) a desconstrução é mais um neologismo cunhado por Derrida, dentre outros (Logocentrismo, *différance*) que utilizou para desenvolver seu pensamento filosófico. No entanto, à palavra desconstrução foi conferida força e importância, sobretudo, na área de crítica e teoria literária. Tornou-se uma prática corrente nos estudos literários na América do Norte.

Portanto, o fato de predizer que tomamos como base a tradução em português é para dizer que nos encaminha a um efeito diferente do que seria se a fonte da pesquisa fosse, por exemplo, os manuscritos de Freud. Salientamos, contudo, que não se pretende, com isso, diminuir o valor dos conteúdos teóricos que trabalharemos. Apenas abrimos estas aspas para considerar como um texto, o modo como ele foi escrito, pode movimentar a leitura e levá-la a fins específicos.

¹ A palavra alemã *psychisch* é habitualmente traduzida para o inglês como *psychical* (psíquico) e *seelisch* é traduzida por *mental* (mental), mas para o editor inglês essas palavras são sinônimas.

² “Para Derrida, o pensamento metafísico tradicional, por ele chamado de *logocêntrico*, jamais se desvinculou de uma abordagem que identifica pares de oposições – razão e sensação, espírito e matéria, identidade e diferença, lógica e retórica, masculino e feminino etc., mas, sobretudo, fala e escrita -, estabelecendo a primazia do primeiro sobre o segundo termo da oposição” (Vasconcelos, p. 74).

Antes de adentrar no texto principal, os prefácios³ direcionam a leitura que se fará. O prefácio ou nota introdutória serve para apresentar o texto antes do texto. É como o nome já diz, um pré-texto, que tem o objetivo de indicar o assunto, o contexto da produção, estratégia de leitura e comentários que não integram o texto basilar.

O início da nota introdutória sobre a relação dos *Estudos* com a Psicanálise demarca o estabelecido de que esta obra contém as sementes teóricas originárias da Psicanálise. Logo em seguida, o editor pretere, em parte, a verdade dessa afirmação pelo simples fato de que é um livro escrito por dois autores, a saber: Freud e Breuer. Esta é uma peculiaridade dos *Estudos*. No que concerne a esta questão, Strachey afirma que o livro será tratado como um todo, mas que sua relação com o desenvolvimento da Psicanálise “pode ser dividida, por conveniência, em duas partes, embora tal separação seja necessariamente superficial.” (FREUD, 2006 [1893-95], p.20)

Percebemos que essa divisão já começa a ser operada no prólogo, ao passo que o editor vai ligando aos autores termos “psicanalíticos” que aparecem no texto. Isto é, atribui a Freud, por exemplo, a noção de resistência, defesa e recalçamento, assim como atribui a Breuer a noção dos estados hipnóides, catarse e ab-reação. A divergência entre os autores ganhou um tópico nas notas introdutórias e isto parece configurar uma tendência a pensar no texto como uma obra seccionada. Seccionada, um tanto por ter dois autores e depois porque foi cronologicamente interrompido: começou a ser escrito em 1893 e terminou em 1895. Apresentado em quatro partes – Comunicação preliminar; Os casos Clínicos, Considerações teóricas; A psicoterapia da histeria – apenas a primeira parte, segundo Strachey, foi escrita por Freud e Breuer, juntos.

O texto com o qual trabalharemos (Edição Standard Brasileira, editora Imago, 2006) trata-se de uma reedição do texto que foi traduzido da terceira publicação dos *Estudos*, no ano de 1925, sendo as duas anteriores a de 1895 e a de 1909. No espaço de mais de dez anos entre a primeira e a segunda publicação, o editor informa que o texto não foi alterado, embora os prefácios que Breuer e Freud escreveram separados denunciem a parceria já desfeita. Na terceira impressão, Freud acrescentou pequenas modificações: a inserção de algumas poucas notas. (FREUD, 2006 [1893-95], p.19)

³ http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=389&Itemid=2/ acesso: 04 de Jul. 2012.

Essas descrições históricas e cronológicas nos estimulam um método de leitura que chamamos de “Freud para ler Freud”⁴. Em síntese, o método corresponde à busca por outros textos de Freud que fazem ponte com os *Estudos*. São textos cujo conteúdo apresenta concepções sobre a histeria, as neuroses. Eles são estruturantes nesse processo de leitura dos *Estudos* porque possibilitam o acesso às concepções de Freud, em movimento. Em outras palavras, são textos que falam de ideias nascendo, sendo questionadas, sendo alteradas.

A tentativa é pôr na mesa esses textos ao lado do livro principal e nos aproximar da escrita de Freud como num diálogo. Aliás, essa é característica da escrita do autor.

No Livro Mal de Arquivo – Uma Impressão Freudiana, Derrida, num dado momento, discorre sobre os sentidos da palavra “impressão”. Primeiro o sentido de impressão como modo de transmitir, de fixar, de imprimir suas ideias. Depois a impressão no sentido de suposição, proposição, conjecturas. Seria, por assim dizer, a impressão de Freud e a impressão em Freud. Derrida situa a palavra “impressão” em três arranjos:

A primeira impressão seria escritural ou tipográfica [...]. Ora quanto ao arquivo, Freud jamais conseguiu formar um conceito digno deste nome. Nós também não. Não temos conceito, apenas uma *impressão*, uma série de impressões associadas a uma palavra. [...]A “impressão Freudiana” quer dizer ainda uma terceira coisa que talvez seja a primeira: a impressão *deixada* nele, *inscrita* nele. (...) (DERRIDA, 2001, p.41-45) (grifos do autor).

Nina Saroldi, organizadora da coleção Freud para ler Freud, ao apresentar a coleção, elencando as razões para lê-lo, dentre tantas, ela convida a perceber que um dos motivos seria o modo como Freud escreve, como se conversasse com o leitor, fazendo dele um interlocutor. (Saroldi in MAURANO, 2010, p.8). Podemos dizer que modo como Freud escreve é móvel, seja se dirigindo ao leitor ou a si próprio. Isto aparece em sua obra, na maneira como ele muda concepções, se questiona, e reescreve. É como Strachey se coloca, ao mencionar a escolha de Freud pelo caminho de investigação dos processos mentais: “A opção de Freud por esse caminho levou-o diretamente ao mundo desconhecido que iria passar a vida inteira explorando” (FREUD, 2006 [1893-95], p.21). Explorando, modificando, reescrevendo.

⁴ “Para ler Freud” é o nome de uma coleção que se dedica a apresentar os textos de Freud. Esta coleção é organizada por Nina Saroldi e tem sido publicada pela editora Civilização Brasileira.

Quando escreve sobre sua tradução, Strachey refere que tentou acompanhar Freud usando “mesmas” palavras modificando-as quando ele também as modificava, tendo em vista que é constitutivo de Freud escrever sobre o mesmo assunto em mais de uma ocasião e por vezes depois de um bom intervalo de tempo entre um texto e outro.

Retomando a posição que os *Estudos sobre a Histeria* ocupam como base de elaboração de conceitos fundamentais da Psicanálise, a saber: a noção de inconsciente, recalque, transferência etc.; deparamos-nos com uma interessante suposição do editor, a de que esse livro pode ser tratado como o relato de uma história. A história da invenção do “primeiro instrumento para exame científico da mente humana”. (FREUD, 2006 [1893-95], p.20) Uma aventura, de acordo como descreve:

Um dos principais atrativos do presente volume é que ele nos permite rastrear os primeiros passos do desenvolvimento desse instrumento. O que ele nos relata não é simplesmente a história da superação de uma série de obstáculos, é a história da *descoberta* de uma série de obstáculos serem superados. (Strachey in FREUD, 2006 [1893-1895], P.20) (Grifo do autor).

Neste contexto, de “Descoberta da Psicanálise”, a histeria parece ser tema secundário. Se transforma em cenário para o desenrolar desse relato de aventuras. É o que, sobretudo, a palavra *descoberta* dá a entender. Pode-se pensar essa descoberta como a chegada a um núcleo pré-existente à espera de um descobridor. No entanto, um pouco além disso, não basta compreender apenas a dimensão de descoberta, mas, sobretudo, a descoberta de *obstáculos*. A ênfase, o destaque é dado à palavra obstáculo. Isso nos remete a imaginar etapas a serem, primeiro, reconhecidas, depois desbravadas e vencidas. Os obstáculos comportam todo o valor do investimento que Freud fez para desenvolver sua “mais importante realização”. (Strachey in FREUD, 2006 [1893-1895], p.20).

Supomos que esses obstáculos estão relacionados à toda elaboração teórica, às hipóteses desenvolvidas, para tentar explicar histeria. De fato, a histeria é o ponto de partida e nos *Estudos* circulam contextualmente, noções que adiante Freud transformaria em conceito. A questão que levantamos é que esta obra não nos leva a entender a histeria. Não se trata de “explicar” a histeria, mas de apresentar o rastro de formulações que resultou na *invenção* da psicanálise ou *descoberta*, como o editor menciona.

Podemos sugerir que o *jogo* tal como o propõe Derrida ocorre nesse sentido: Uma inversão das posições. As posições passam a ser invertidas, de modo que não se fala de psicanálise por causa da histeria, fala-se de histeria para inventar/descobrir a psicanálise. Ainda assim a histeria surge como enfoque central; E não descartaremos esta discussão. Mas, salientamos que, por enquanto, este é o caminho por onde a introdução de Strachey tem nos levado.

Estão descritas nessas notas introdutórias as conexões entre os obstáculos conferidos a partir dos estudos sobre histeria e a evolução das perspectivas teóricas. A amnésia das históricas contribuiu para conceber a ideia de processos mentais inconscientes; o abandono da hipnose revelou a resistência; e o abandono da técnica de sugestão propiciou o surgimento da técnica da associação livre.

Outra dificuldade em relação aos obstáculos que foi apontada diz respeito à questão do trauma e da excitação cerebral. Em síntese, a primeira explicação para os sintomas histéricos seria:

(...) No curso normal das coisas, se uma experiência for acompanhada de uma grande dose de “afeto”, esse afeto é “descarregado” numa variedade de atos reflexos conscientes, ou então vai se desgastando gradativamente pela associação com outros materiais mentais conscientes. No caso dos pacientes histéricos, por outro lado (por motivos que logo mencionaremos), nenhuma dessas coisas acontece. O afeto permanece num estado “estrangulado”, e a lembrança da experiência a que está ligado é isolada da consciência. (Strachey in FREUD, 2006 [1893-1895], P.23) (Grifos do autor).

Na primeira parte do livro – Comunicação preliminar – os fatores etiológicos da histeria são pensados a partir desse ponto de vista. O uso da hipnose como via de regra para demonstrar a formação dos sintomas histéricos - o método experimental de Charcot - estabelece também uma aproximação com a ideia de que há um processo específico para explicar a origem desses sintomas. Seguindo esse pensamento, a investigação de Freud e Breuer visa à explicação psíquica para a ocorrência dos sintomas histéricos.

Os *Estudos* também parecem relatar o limite entre o ímpeto de insistir na busca pelo reconhecimento científico e a imposição que a histeria fazia ao distanciamento do convencional para a invenção de algo novo. Demonstra certo risco, uma tensão, pela tentativa de falar sobre histeria por meio de conceitos que visam à explicação do funcionamento do

aparelho psíquico. O princípio da constância consiste na tendência a manter em equilíbrio a quantidade excitação intracerebral. É possível notar uma inclinação fisiológica e neuroquímica em relação ao funcionamento do aparelho psíquico. De fato, nestas palavras mais recentes – “funcionamento”, “aparelho” – fica visível um específico modo de falar sobre o psiquismo como uma máquina.

Para o editor essa é uma “momentosa” concepção sobre a dinâmica dos processos mentais e já estava subjacente à teoria da ab-reação e do trauma. O destaque dado à palavra momentosa prenuncia que no decorrer das formulações de Freud, houve mudanças quanto a essa ideia basilar. Mais adiante ele afirma que essa ideia foi superada, mas nunca perdeu seu valor. O Editor alude sobre esse assunto que Freud jamais desistiu de pensar a etiologia das neuroses dentro dos padrões da neurologia: “até o fim da vida, porém, Freud continuou adepto da etiologia química das neuroses ‘atuais’ e a acreditar que se acabaria encontrando uma base física para todos os fenômenos mentais.” (FREUD, 2006 [1893-95], p.27) (grifo nosso).

Não se pode assegurar o quanto à indecisão entre a explicação biológica e a psicológica cessou em algum momento na vida de Freud, se cessou. No que concerne aos *Estudos* a impressão é que o texto era endereçado à classe médica, e buscava seguir padrões científicos. Isto, de todo modo, também representa o lugar de onde os autores estavam falando. Mas, retornando a questão dos obstáculos, a histeria jamais pareceu ser passível de enquadramentos, sobretudo na medicina. Portanto, tornou-se difícil mantê-la dentro dos limites de explicações biológicas.

O terreno que propiciou o desenvolvimento irrestrito das investigações de Freud – a psicanálise - foi esse espaço limítrofe entre psicologia, a biologia, a literatura, as artes. Muitos termos ou conceitos foram tomados como empréstimo de outras áreas, e autores que Freud lia, grande parte deles da literatura, outros da filosofia. Saroldi in Maurano (2010, p.7) vai dizer que Freud é um dos grandes estilistas da língua alemã, razão pelo qual recebeu o prêmio Goethe⁵.

O editor inglês expõe que o estilo da escrita de Freud foi um problema no qual esbarrou a fim transmitir seu pensamento com elevado grau de fidelidade. Acrescenta que não é possível desconsiderar os méritos literários do autor. Sugere ainda que, não sem esforço,

⁵ O único prêmio que recebeu em vida, no ano de 1930, por seu trabalho como cientista e escritor (Rosenfeld, 1998, p.20).

tentou conservar essa característica de Freud em sua tradução. (FREUD, 2006 [1886-1889], p. 25).

Na nota do editor sobre as divergências entre os dois autores (Freud e Breuer) foi exposto que Freud admite na “História do Movimento Psicanalítico” ser o “recalcamento”, referido como a pedra angular da psicanálise, uma ideia já encontrada em Schopenhauer. Nesse texto, Freud relata que Otto Rank o mostrou um trecho da obra de Schopenhauer, “O Mundo como Vontade e Ideia”, onde este escreve sobre a loucura e no qual é possível ver que antes de Freud alguém já pensara nisso. A originalidade de Freud condiz, entretanto, com o fato de ele não ter tido contato prévio com o pensamento do filósofo e, sobretudo porque considerava significativa outra pessoa não ter dado o devido valor tal pensamento, ainda que tivesse tido acesso à ideia de Schopenhauer. (FREUD, 2006 [1914])

O que ele diz sobre a luta contra a aceitação da parte dolorosa da realidade coincide tão exatamente com meu conceito de repressão que, mais uma vez, devo a chance de fazer uma descoberta ao fato de não ser uma pessoa muito lida. Entretanto outros leram o trecho e passaram por ele sem fazer essa descoberta. (FREUD, 2006 [1914], p.26)

Na *História*, Freud também esclarece algumas outras influências que ele não havia se dado conta, ao longo de sua trajetória. Explica que a ideia nova e original pelo qual tinha se tornado responsável – a etiologia sexual das neuroses - foi inspirada por Breuer, Charcot e Chrobak, ainda que de modo não intencional: “Mas essas três opiniões idênticas, que ouvira sem compreender, tinham ficado adormecidas em minha mente durante anos, até que um dia despertaram sob a forma de uma descoberta aparentemente original.” (FREUD, 2006 [1914], p. 24)

Freud creditava aos poetas, aos artistas e aos filósofos a graça de serem profundos conhecedores da alma humana. Ele se apoiara em muitos pensamentos desse grupo seletivo para escrever suas ideias. Helena Kon Rosenfeld (1998, p.16), ao escrever sobre Freud e o poético, diz que ele sentia um combinado de admiração e inveja por essas pessoas alcançarem fácil e intuitivamente um conhecimento que o método psicanalítico despendia muito trabalho. Nas palavras do autor: “Tive, portanto, de me preparar – e com satisfação – para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição.”.

Para Rosenfeld (1998, p. 17) há um tom poético na escrita de Freud. Considera que o psicanalista e o poeta chegam por vias diferentes - a investigação e a intuição, respectivamente - ao mesmo “objeto”: Os processos psíquicos. Mas o investimento de Freud em distinguir essas duas atividades correspondia a sua vontade de construir uma disciplina científica. Segundo o que a autora nos aponta, já nos *Estudos sobre a Histeria*, Freud faz referência à semelhança entre a psicanálise e o modo de compreensão dos poetas. Salientamos, porém, que nossa leitura dos *Estudos* ainda não levou até este ponto.

Um pensamento interessante que Mezan citado por Rosenfeld (1998, p.18) põe em jogo é que a postura defensiva de Freud em não se aproximar tanto dessa perspectiva mais “poética” está associada a uma ameaça interna de se deixar seduzir pelo aspecto não científico de sua descoberta.

É notório que Freud pretendia fazer ciência, ele mesmo alavanca esta questão em muitos trechos de sua vasta obra, mas também é perceptível que sua escrita não se restringe à linguagem científica. Isto nos reporta ao que dissemos anteriormente sobre o caráter dialógico e fluido da escrita freudiana, e ainda mais sobre o efeito que causou de ter-nos conferido a impressão de estarmos diante de uma história de aventura. Compartilhamos da ideia exposta no texto de Rosenfeld quando diz que Freud pensa através da língua. Uma possível definição relacionada a tal crença seria:

As ideias vão sendo descobertas e pensadas à medida que são escritas; o diálogo presente com o leitor está presente o tempo todo, e dentre outras artimanhas para seduzi-lo, Freud usa a narrativa e o suspense semelhante ao das histórias policiais. Ele não gostava de definições rígidas e constrictivas; tinha alta tolerância para a inconsistência e a incerteza. (Mahony apud ROSENFELD, 1998, p. 20).

Esta discussão sobre a linguagem científico-poética presentes na psicanálise, ao que tudo indica, está relacionado à natureza do “objeto”. Já nos *Estudos* essa contradição entre a vontade de manter padrões científicos e a necessidade de não depender deles é justificada pelas peculiaridades do objeto em questão, a histeria. Freud percebeu que o diagnóstico histórico carecia de certa eficácia na exposição detalhada sobre os processos mentais. Isto, de outro modo, não seria possível a não ser pela aproximação com a literatura, posto que lhe permitisse encontrar certo conhecimento sobre a origem da histeria que na ciência não encontraria. (ROSENFELD, 1998, p.22; FREUD, 2006 [1893-1895], p.183)

O paradoxo que surge no relato sobre as divergências entre Freud e Breuer é que este declarou sua intenção em tratar sobre a histeria dentro da linguagem psicológica, mas dedicou-se a falar, nas considerações teóricas, sobre excitações intracerebrais, o sistema nervoso e suas instalações elétricas. Já Freud que se declarava adepto das explicações fisiológicas, admite produzir explanações de cunho psicológico. Segundo o editor inglês, Freud o fez com pesar. Essa suposição se sustenta num trecho da discussão de um dos casos (Srta Elisabeth Von R.) onde Freud profere: “Como outros neuropatologistas, fui preparado para empregar diagnósticos locais e eletroprognósticos, e ainda e causa estranheza que os relatos de casos que escrevo pareçam contos... falta-lhes a marca de seriedade da ciência.” (FREUD, 2006 [1893-1895] p. 183).

O relato do editor avança em relação aos possíveis motivos que fizeram Breuer parar e Freud prosseguir. O grande motivo seria a crença na origem sexual das neuroses. Interessante que este seria um motivo ainda cercado de incertezas para ambos os autores, levando em conta que a descrição, até o momento, somente afirma que nos *Estudos* essa crença aparece de modo marginal. Na época da escrita da referida obra, o fator sexual era relacionado à causa de traumas e ao aumento da excitação intrapsíquica. Parece não ter sido instituída como ideia fundamental na etiologia das neuroses.

Ao que parece, esta ideia está longe de ser uma assertiva, sendo mais uma opinião do editor, baseado, certamente, nas leituras dos textos históricos sobre o nascimento da psicanálise, esbarramos numa interessante colocação: Strachey sugere ao leitor “olhar atrás da palavra impressa” a fim de obter uma explicação satisfatória a respeito da dissolução dessa parceria entre os autores dos *Estudos*.

Pelo que está descrito na introdução do editor, Freud atribuiu a Breuer os conteúdos essenciais contido nos *Estudos*. Deve a ele as ideias básicas sobre a histeria ao passo que assume as modificações que fez sobre tais ideias ao longo de sua produção. Admite, por fim, que de outro modo, sem chegar a tais mudanças de concepção, não teria percebido a importância da etiologia sexual das neuroses. Dito de outra maneira, significa que se Breuer teve uma grande participação na escrita dos *Estudos* e não está notório o pensamento sobre a etiologia sexual das neuroses, Freud pode ter tido a pretensão de dizer que Breuer resistiu a essa ideia, ofuscou por um tempo o passo para esta descoberta.

De acordo com esta nota, Freud teria dito no necrológio dedicado a Breuer que os *Estudos* “está longe de ser desatualizado; pelo contrário, oculta pensamentos e sugestões que não foram suficientemente levados em conta.” (FREUD, 2006 [1893-1895], p. 31).

Maurano (2010, p. 16) afirma que “A histeria é a mãe da Psicanálise”. Para a autora, o sintoma histérico contradiz a lógica da razão. Considerando esses aforismos, começamos por dizer que primeiro artigo dos *Estudos sobre a histeria* pode ser caracterizado como uma composição que visa à construção de um pensamento lógico, contínuo, acerca do fenômeno histérico. O título do artigo: Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos – Comunicação preliminar (1893), já revela que a busca pela etiologia da histeria exigiu um conhecimento um tanto mais coeso acerca dos mecanismos desse fenômeno.

O primeiro volume das obras completas traz o texto “Esboços para a ‘Comunicação preliminar’ de 1893”, anterior ao artigo do volume II. Neste escrito prévio, numa carta enviada a Breuer, Freud apresenta a “fórmula patológica da histeria: Histeria disposicional e acidental (...); A magnitude do soma de excitação, o conceito de trauma; o segundo estado da consciência.” (FREUD, 2006 [1886-1889], p.191).

A hipótese inicial oferece vieses distintos para pensar a histeria, o viés da *disposição* e o viés do *acidente*. Logo de início já é possível perceber que há uma dimensão *interna* e outra *externa* no que concerne às supostas causas da histeria. Esse jogo entre interno e externo relaciona-se às causas dos sintomas históricos.

A palavra *disposição*, segundo o dicionário Aurélio quer dizer: ato ou efeito de dispor, predisposição, tendência, habilidade, determinação legal, entre outros significados. Predisposição, por sua vez, é significada como disposição “natural” para “contrair” certas doenças, hábitos, etc. (grifos nossos).

Compreende-se que Freud fala da *disposição* como uma constituição intrapsíquica que facilita a manifestação de sintomas históricos. Nos esboços está posto:

Na histeria o conteúdo da consciência com facilidade se torna temporariamente dissociado e determinados complexos de ideias, que não estão em conexão associativa, com facilidade se desgarram. A *disposição histérica*, portanto deve ser pesquisada quando estados dessa espécie aparecem espontaneamente (devido a causas internas), ou se produzem facilmente devido a influências externas, e podemos supor uma série de

casos em que esses dois fatores desempenham um papel de importância variável. (FREUD, 2006 [1886-1889], p.192).

Na comunicação preliminar dos *Estudos* essa importância não parece de modo tão variável assim. Logo no terceiro parágrafo é proposto que os fatos externos possuem elevada importância na determinação da patologia histérica. (FREUD, 2006 [1893-95], p.39). Mas até que ponto esse externo representa algo que necessariamente está fora?

A sequência desta colocação exhibe, pela primeira vez, a expressão histeria traumática (a palavra aparece destacada no texto), sobre a qual vai ser imposta a condição essencial do *acidente*. Acidente remete a casualidade, uma espécie de irregularidade no curso natural das coisas e que geralmente ocorre de modo repentino. Do acidente decorre o trauma cuja associação com a manifestação dos sintomas torna-se imperativa para conceber uma noção da causa da histeria.

Percebemos que a teoria do trauma é uma das questões centrais nas primeiras elaborações sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. Os enunciados dos pacientes durante o ataque histérico teria proporcionado a reflexão de que representava um tipo de “alucinação” do evento traumático que o provocou. (FREUD, 2006 [1893-95], p.40).

Nesse aspecto, vemos certa confluência ou miscelânea entre fatores externos e internos. Em outras palavras, a disposição e o acidente estariam combinados para ocasionar os sintomas. Sendo assim, o trauma tomado como um fator externo desdobra-se numa experiência anacrônica no sentido de que a situação traumática não se configura pelo fato em si, nem respeita a cronologia do acontecimento, mas simboliza o modo específico que cada pessoa significa uma experiência – algo que estaria mais de acordo com a disposição singular de cada um.

Esta desproporção de tempo entre o evento e a manifestação sintomática, observada na maioria dos casos direciona a pensar na infância com sendo o período onde o trauma se instala. “É algum fato de infância que estabelece um sintoma mais ou menos grave, que persiste durante os anos subsequentes.” (FREUD, 2006 [1893-95], p.40).

A consideração apropriada seria de que os sintomas não são causados pelo vivido, mas pelo “como” foi vivido – “Consiste no que poderia denominar uma relação ‘simbólica’

entre a causa precipitante e o fenômeno patológico – uma relação do tipo que as pessoas saudáveis formam nos sonhos.” (FREUD, 2006 [1893-95], p.41, grifo do autor). Os histéricos, nesse contexto, são pessoas que fazem tal tipo simbolização através dos sintomas. A partir desse adágio, a histeria pode ser descrita como uma patologia do sentido.

5. A HISTERIA EM FREUD

5.1 Considerações teóricas dos Estudos sobre a histeria

Este texto tem o propósito de apresentar nosso trabalho de leitura dos *Estudos sobre a histeria*. O livro é um composto por quatro partes: comunicação preliminar, a descrição de cinco casos clínicos, um ensaio de Breuer com considerações teóricas por fim um capítulo sobre a psicoterapia da histeria.

O primeiro capítulo (comunicação preliminar) é o menor artigo dos *Estudos*, contudo, nele, notamos uma condensação de termos e hipóteses que o torna bastante denso. O movimento do texto também imprime em nós certas tensões, ou pelo fato de ter sido escritos por dois autores ou por deixar transparecer o impasse sobre o qual foi produzido, o de pretender abranger conceitos médicos tratando de uma “doença” pouco convencional e pouco aceita na medicina, já naquela época.

A primeira suposição nos leva a questionar o que de fato quer dizer um texto escrito a duas mãos; se foi um texto construído por Freud e Breuer concomitantemente, ou se suas ideias foram elaboradas separadamente e agrupadas na edição do texto. Quanto ao segundo fator é algo que perpassa nas entrelinhas, na linguagem utilizada, nas ressalvas, no cuidado que os autores tiveram em justificar suas suposições sem comprovação científica. Essas contenções se tornam bem perceptíveis, por exemplo, no capítulo das considerações teóricas.

Levando em conta tais aspectos e as instabilidades presentes no texto, escolhemos fazer a leitura-escritura dos *Estudos sobre a Histeria* dividindo-o em duas partes. Primeiro serão lidos o capítulo da comunicação preliminar em paralelo ao capítulo das considerações teóricas, depois prosseguiremos com a leitura dos casos clínicos junto com a parte da psicoterapia da histeria. Salientamos que não nos deteremos tanto na primeira parte do terceiro capítulo, por considerar que esta se amplia em argumentos neurológicos e isso excede o propósito do nosso estudo. Faremos, no entanto, essa dupla leitura tentando ligar os pontos entre os dois capítulos que serão lidos primeiro.

Emílio Rodrigué (1995) fala da *Comunicação Preliminar* como um texto à parte dos *Estudos sobre a Histeria*. Ele baseia-se nas datas em que foram escritos, tendo em vista que a

Comunicação foi esboçada em 1892 e a maior parte dos *Estudos* foi escrito em 1894. Um esboço da comunicação, uma carta de Freud endereçada a Breuer, foi publicada no primeiro volume das obras completas da Edição *Standard*. Para Rodrigué (1995), a comunicação preliminar começa do ponto em que Charcot parou, a teoria do trauma como fundamento para explicações sobre a etiologia da histeria.

Consta que no ano de 1894 a relação entre Breuer e Freud começou a se deteriorar. Os autores se posicionaram distintamente frente a algumas ideias. Podemos citar como exemplo a crença irrevogável que Breuer tinha nos estados hipnóides na mesma medida em que Freud optou por acreditar no recalque. Outra questão corresponde ao fato de Freud se ocupar muito da sexualidade como algo extremamente importante para entender os mecanismos da histeria e Breuer parecer mais reticente em relação a tal pensamento. Considera-se que nisto se inscreve a divergência fundamental entre os dois autores. (RODRIGUÉ, 1995).

Outra disparidade referida é a inclinação de Breuer para explicar a histeria em termos psicológicos enquanto Freud declara a preferência pelas explicações fisiológicas. Entretanto, como já referimos anteriormente na apresentação da nota do editor, há nessa proposição um paradoxo: “Breuer, que pretende psicologizar, ‘neurologiza’ sua linguagem (...) por outro lado, Freud se esforça por explicar os fenômenos mentais em termos fisiológicos; apesar disso, seus casos clínicos tem a forma de contos psicológicos.” (RODRIGUÉ, 1995, p.291).

Conforme Rodrigué (1995, p.290) sugere, os *Estudos* “aceitam ser lidos de vários modos” e nos apresenta pelo menos três deles: o primeiro a partir de um interesse histórico; depois, como um manual de psicoterapia; e por fim, como uma novela – o que vem validar, de certa forma, nossa opinião sobre os *Estudos* possuir qualidades do relato de uma aventura . Este terceiro quesito estimula certa rejeição de Freud, apesar de corresponder totalmente ao seu “estilo”. Vimos isso na discussão de um dos casos quando ele expõe seu desconforto e estranhamento ao perceber que seus conhecimentos em diagnóstico não foram suficientes devido à natureza do tema, e que seus relatos não possuíam a marca de seriedade científica. (RODRIGUÉ, 1995, p.290).

No parágrafo introdutório do terceiro capítulo (as considerações teóricas), Breuer afirma que se trata de uma extensão do primeiro capítulo, dado a concisão deste: “Talvez

possamos dar um tratamento mais detido e mais claro (com acréscimo de algumas ressalvas, sem dúvida) dos pontos para os quais foram reunidas provas insuficientes ou que não receberam bastante destaque na ‘Comunicação preliminar’.” (FREUD, 2006 [1893-95], p. 207) (grifos do autor).

O projeto de conservar na histeria características de uma patologia como outra qualquer, de acordo com os requisitos médicos científicos, é muito marcante na escrita de Breuer. Tanto que podemos julgar que ele era muito mais resistente às peculiaridades da histeria do que Freud. Assim, logo se preocupou em expor a justificativa de que na comunicação preliminar se fala de “fenômenos histéricos” e não da histeria tendo em vista que ela fosse reconhecida como uma unidade clínica.

O terceiro capítulo também se configura como uma emenda e/ou uma desculpa para atenuar as lacunas que as primeiras explicações não preencheram; é um capítulo que inicialmente apresenta defesas e retificações. Breuer refaz a opinião de que os fenômenos patológicos da histeria são necessariamente ideogênicos (produzidos por ideias). Ele defende a posição de que embora a determinação dos sintomas seja ideogênica, nem todos os fenômenos histéricos são produzidos por ideias. Para Breuer, a histeria consiste num “quadro clínico empiricamente descoberto e baseado na observação da mesma maneira que a tuberculose pulmonar”. (FREUD, 2006 [1893-95], p.208).

A fim de justificar o caminho um tanto sinuoso que os autores percorrem para construir as elaborações contidas nos *Estudos*, Breuer dirá mais adiante que a descoberta da origem psíquica da histeria foi o avanço que fizeram em relação a todas as explicações já existentes sobre o referido *distúrbio*.⁶ Apenas mais um paradoxo dentre tantos que surgem num texto repleto de precauções.

Para corroborar nossa percepção quanto ao objetivo de manter a discussão sobre a histeria num registro científico, vemos como Breuer, por exemplo, utiliza em vez de “afeto” a expressão “excitações tônicas cerebrais”. Também propõe uma longa explicação sobre o

⁶ Propositalmente destacamos a palavra *distúrbio* visto que seja um termo muito utilizado nos manuais médicos. Significa uma perturbação na ordem natural. Achamos que esta ideia se aproxima da ideia exposta na comunicação preliminar de desequilíbrio no que diz respeito à quantidade de excitação no aparelho psíquico. Essa explicação quantitativa e ligações elétricas chegam a ser bem trabalhadas por Breuer no capítulo das considerações teóricas. Mas optamos por não aprofundar nessa discussão.

equilíbrio dinâmico do sistema nervoso, o processo de excitamento⁷ intracerebral. Sentimos a necessidade de explicitar que é justamente nessa ocasião que Breuer vai discorrer sobre pulsão sexual ser a fonte mais poderosa do acúmulo de tensão na histeria e nos outros tipos de neuroses. (FREUD, 2006, [1893-95], p. 221). Mais adiante discutiremos este assunto. No momento, importa dizer que nosso interesse pelo referido capítulo está mais voltado para as concepções contidas nos tópicos sobre a conversão histérica, sobre os estados hipnóides, sobre a divisão da consciência e, sobretudo, o tópico sobre a predisposição inata. Nestes tópicos as ideias apresentadas na comunicação preliminar são desenvolvidas com maior atenção.

Breuer inicia o tópico das conversões históricas apontando: “Difícilmente hão de suspeitar que identifique a excitação nervosa com a eletricidade por eu recorrer mais uma vez à comparação com um sistema elétrico.” (FREUD, 2006 [1893-95], p. 224). Assim, ele prossegue sobre o assunto com esses termos, utilizando tal linguagem, acrescentando, doravante, algo novo no que diz respeito à somatização na histeria. Para ele, paralelo ao aspecto do escoamento da tensão psíquica, costuma-se perceber uma vulnerabilidade nas pessoas que manifestam sintomas históricos. A vulnerabilidade mencionada pode ocorrer em consequência de uma predisposição inata (constituição subjetiva), ou pela diminuição da resistência psíquica para lidar com as excitações, ou devido a estados de esgotamentos propiciados por uma doença ou enfraquecimento orgânico. Novamente uma tentativa de validar as suposições sobre a histeria para além das abstrações e impressões difíceis de serem provadas.

5.2 A etiologia da histeria entre o trauma e a predisposição inata

Na comunicação preliminar, a manifestação dos sintomas históricos está associada ao trauma. Parece haver uma intersecção entre o que se definiria como neurose traumática e a histeria comum resultando numa terceira definição, a *histeria traumática*. Percebe-se que, a princípio, o trauma seria o núcleo, o ponto de convergência entre esses três objetos. Assim, os autores defendem a existência de uma explicação análoga quanto à causa dos sintomas. A patogênese dos sintomas seria idêntica, o que viria diferenciar era a ligação entre a experiência traumática e o sintoma. No entanto, antes de tentarmos compreender estas

⁷ Tal qual aparece no texto.

distinções, consideramos necessário apontar o que diferencia as neuroses traumáticas, da histeria traumática; se essa diferença é conceitual, ou meramente terminológica.

Por vezes, parece se tratar da mesma coisa, contudo o uso de ambos os termos denota uma diferenciação, ainda que sutil. Supomos que falando em neurose traumática o leque de fenômenos seja ampliado, assim a histeria traumática seria um dentre os diversos tipos de neurose; neste caso, a mais notável, tendo em vista ser o foco do estudo em questão.

Inicialmente o estudo se concentra na relação causal entre o acidente (o trauma) e os sintomas. Esta hipótese apresenta, no entanto, certa inconsistência, o fato de não ser possível enquadrar em tal explicação todos os fenômenos. Em alguns casos se torna fácil perceber a ligação entre a experiência desencadeadora e o sintoma. Um exemplo nos é dado: “uma emoção penosa surgida durante uma refeição, mas suprimida na época, e que produz então náuseas e vômitos que persistem por meses sob a forma de vômitos histéricos” (FREUD, 2006 [1893-95], p.40). Em outros casos a conexão entre a causa e manifestação patológica não aparece de modo evidente, passando a ser tomada como uma relação simbólica. Nesse aspecto, Freud (arriscamos a dizer que foi ele, por causa do seu interesse em estudar os sonhos) alude que formação dos sintomas é de natureza idêntica à formação dos sonhos.

Compreender o fenômeno patológico a partir de um fenômeno ocorrido em padrões normalidade – a formação dos sonhos - introduz, pela primeira vez, a concepção de que a histeria não pode ser reconhecida apenas como uma “doença” no sentido mais literal da palavra, apesar de apresentar todo um quadro de sintomas cuja descrição comporta o valor de uma unidade clínica. Sem desmerecer o investimento de Charcot em apresentar a descrição nosográfica da histeria, os *Estudos* demonstra como foi preciso abandonar determinados enquadres para desenvolver outras ideias a respeito da histeria e conseqüentemente direcionar a o desenvolvimento de uma teoria na qual coubessem as vicissitudes dessa patologia e de tudo que poderia advir dela. Como referimos anteriormente, apontamos como exemplo dessa ampliação teórica o modo como os estudos sobre a histeria levou Freud a estudar os sonhos.

Nas considerações seguintes, destacamos a menção a dois tipos de histeria, a comum e traumática. Supomos que a denominação histeria comum seja para falar sobre os casos nos quais não é possível fazer a conexão do trauma com o sintoma. Tal classificação parece funcionar no texto como um deslocamento para marcar a existência de situações cuja teoria

do trauma não demonstre tanta eficácia. Na comunicação preliminar a predominância do estudo está sobre a histeria traumática.

O trauma estava completamente implicado na etiologia das manifestações histéricas. Nesse sentido retomamos o arranjo do jogo entre o “externo” e o “interno” no que concerne a causa dos sintomas na histeria. O que sucede desses dois tipos de fatores, na verdade, é um entrelaçamento entre eles e não uma separação. A natureza oposta dessas palavras, nas elaborações sobre a histeria se aliam de tal maneira que parecem não subsistir separadamente. Uma coisa sustenta a outra, o acontecimento (externo) só exerce a função de causa se conectado a uma disposição (interna).

A disposição (interna) pode ser justificada a partir do funcionamento intrapsíquico, ou seja, estados mentais que propiciem a formação dos sintomas histéricos. Outra referência que aparece no texto como viés para pensar a disposição na histeria é a *suscetibilidade*. Segundo o dicionário Aurélio, suscetibilidade significa: Disposição especial do organismo para acusar influências exercidas sobre ele ou para adquirir doenças; Idiossincrasia; Capacidade de receber impressões ou sensações. Essa expressão introduz uma ideia de vulnerabilidade do sujeito àquilo que o condiciona a significar como traumática determinada experiência.

A importância dada ao trauma como primeira instância vai perdendo força devido às considerações acerca da histeria comum, aquela sobre a qual não é possível destacar um único fato traumático, mas a adição sucessiva de várias experiências ao longo da vida, da história do sujeito. No texto aparecem como *traumas parciais* causas que só adquirem efeito traumático por adição. Isso vai direcionar à preponderância da *lembrança* das experiências e retirar do estritamente factual a força sintomática.

Esta hipótese sobre o efeito da lembrança parece promover a inversão de domínio da causa externa sobre a condição interna. Pois, apesar de funcionarem associadas no que diz respeito à etiologia do sintoma histórico, o valor do trauma enquanto causa externa foi a raiz da questão até esse ponto. Contudo, perceber o efeito retroativo do trauma através da lembrança possibilitou que o foco do estudo se voltasse para os processos mentais, com o intuito de compreender como o conteúdo dessas lembranças se mantém atuante muito tempo após o fato ocorrido.

5.3 Reminiscências: lembrança ou esquecimento?

Os autores dos *Estudos* consideram que ao lado da lembrança seria necessário reconhecer a existência de uma carga de afeto. O afeto, na verdade, é o dispositivo que junto à lembrança explicaria a incidência do retorno do efeito traumático que promove a manifestação sintomática. Essa equação do afeto somado à lembrança consiste numa formulação quantitativa para explicar o movimento de carga e descarga da excitação que determinadas situações provocam no aparelho psíquico.⁸

Levando em conta essa equação, o sintoma histérico representa uma falha no processo natural de escoamento do excesso de afeto que conserva a força atuante da lembrança. Portanto podemos dizer que a histeria é uma saída para o equilíbrio das tensões no psiquismo. O excesso, o desequilíbrio concentra-se não do que é lembrado, mas do que esquecido. A lembrança da qual se fala tem a ver com o que escapa da recordação, o que excede, a sobra.

Uma frase significativa dos *Estudos* é a seguinte: “os histéricos sofrem principalmente de reminiscência”⁹ (FREUD, 2006 [1893-95], p.43); no texto ela aparece em itálico. Esta frase deixa-nos a impressão de que comporta a essência, o ápice dos constructos condensados acerca histeria. Condensados porque as formulações vão sendo compiladas aos poucos, numa sequência de hipóteses que se assentam para dar lugar a outras hipóteses, sucessivamente. Os Estudos sobre a histeria tem essa característica de não apresentar teses, nem ideias conclusivas. É possível perceber esse movimento já na comunicação preliminar, como uma ideia vai conduzindo a outra ideia, se sobrepondo e às vezes, se misturando. Isso corrobora de certa forma, aquele pensamento anteriormente mencionado sobre os *Estudos* ser o relato de uma história de *obstáculos superados*.

Até este momento a leitura da comunicação preliminar nos põe diante de uma síntese acerca da etiologia da histeria. As reminiscências seriam as lembranças que restam do

⁸ Utilizamos nesse trecho uma linguagem bastante recorrente nos Estudos, sobretudo nas considerações teóricas de Breuer, uma linguagem mais neurofisiológica e/ou neuroquímica. Contudo, não levaremos a fundo essa discussão considerando essas explicações visto que encaminharia nossa pesquisa a uma área de estudo pouco coerente como nossos objetivos. Sendo assim, o capítulo sobre as considerações teóricas será o menos referido no decorrer da nossa pesquisa. Sitaremos suas colocações apenas para estabelecer a relação das ideias contidas nele com outras ideias fundamentais para compreender a Histeria em Freud.

⁹ De acordo com o dicionário Aurélio, as reminiscências são pensamentos ou impressões que não chegam a ser esquecidos, são vagas lembranças.

processo natural de esmaecimento na memória e sobrevivem ao tempo, carregadas de afeto, persistem atuantes porque não houve uma descarga adequada da excitação no momento vivido, acabam se transformando em sintomas histéricos. Estamos diante de um caminho que nos leva a pensar as reminiscências como a recorrência de algo já vivido, como uma referência a um passado real. Passado que pela oralidade poderia ser esmaecido, mas em virtude de uma espécie de bloqueio se converte em sintoma. No entanto, um questionamento circunda o entendimento sobre as reminiscências. Talvez o significado não esteja atrelado ao que está assentado no passado, mas ao que está sendo produzido no agora. Esta concepção inverte a lógica de que a memória resgata o passado, e nos põe diante de uma dúvida: se ao invés de uma espécie de efervescência do passado não há uma construção do presente; a elaboração de um momento *outro*, talvez a *outra cena*, como sendo a cena que é formada pelo que não cessa de ecoar ao longo da experiência humana. As reminiscências podem ser como mais um meio de repetir as formações do inconsciente, como os sonhos, os lapsos, os sintomas, entre outros; algo que só pode ser comunicado nos pormenores, sem muita clareza - outra cena.

Lang (2010) em entrevista concedida ao IHU on-line afirma que o inconsciente freudiano é um lugar desconhecido para a consciência, essa outra cena, produzida do que é inacessível e, no entanto, são forças presentes e atuantes que permanecem em nós como se fossem restos e resíduos. Considerando que as reminiscências sejam lembranças que não foram esmaecidas na memória pela experiência, mas também não são acessadas como um dado sem importância a ser lembrado; ao contrário, insistem em incidir a ponto de se converter em sintoma, talvez elas sejam um dos modos de constituir essa outra cena, o inconsciente que orienta a vida. As reminiscências seriam, então, lembranças num sentido mais de criação de uma história que, de outro modo, não pode ser contada, como acontece nos sonhos, do que no sentido de algo lembrado em referência a um passado vivido, experienciado.

O modo como foram expostas as considerações no que tange a compreensão da “lembrança” e do “esquecimento”, nos leva a enxergar uma contraposição de sentido. Naturalmente se tratam de palavras opostas, contudo, no texto essa oposição não se imprime. A lembrança enfraquecida, devido uma reação adequada ou ao processo de associações (considerados meios para desgastar o afeto) não é agente na produção do sintoma histórico. Pelo contrário, parece que quanto mais escassa a lembrança menos influente ela se torna na formação do sintoma. As lembranças mais vigorosas são as que interferem na produção de

sintomas, mas ao mesmo tempo não é recordada facilmente, o que nos leva a entender que na verdade mais importa o que está esquecido do que o que é lembrado. Em outras palavras, a lembrança atuante não é acessada facilmente, assim está posto:

Nossas observações demonstram, por outro lado, que as lembranças que se tornam os determinantes de fenômenos histéricos persistem por longo tempo com surpreendente vigor e com todo o seu colorido afetivo. Devemos, contudo, mencionar outro fato notável do qual posteriormente poderemos tirar proveito, a saber, que essas lembranças, em contraste com outras de sua vida passada, não se acham a disposição do paciente. Pelo contrário, *essas experiências estão inteiramente ausentes da lembrança dos pacientes quando em estado psíquico normal, ou se fazem presentes de forma bastante sumária.* (FREUD, 2006, [1893-95], p.45) (grifo do autor).

A palavra “esquecer” pode significar tanto “perder da lembrança”, “não mais saber” como “deixar de lado”. (BORBA, 1990). No caso da histeria a terceira opção se aplica melhor. Porque quando o afeto não foi ab-reagido ou esmaecido pelas associações, o esquecido continua atuante, mas por algum motivo foi deixado de lado. É como se estivesse situado numa outra instância psíquica, sob o regimento de forças que se esquivam do saber consciente.

Interessante argumento apresentado por Breuer nas considerações teóricas referente a tal hipótese fortalece esse pensamento. Breuer estimula o reconhecimento dessa relação causal que não é conhecida quando assinala que todas as pessoas “sabem” o que as fazem rir, chorar, sentir raiva, se envergonhar, etc., o que condiciona o desvio racional de recordações desagradáveis. Mas, ainda assim, a histeria evoca meios de comprovar que pessoas inteligentes, saudáveis, sem quaisquer limitações neurológicas também estão sujeitas a não evitar emoções desagradáveis simplesmente porque as desconhecem. (FREUD, 2006 [1893-95], p.240).

5.4 A dupla consciência na histeria

Freud e Breuer apostaram nessa possibilidade de um saber que ultrapassa a consciência ao perceberem que algumas lembranças só são recuperadas sob o efeito da hipnose: “... a lembrança do trauma psíquico atuante não se encontra na memória normal da consciência, mas em sua memória ao ser hipnotizado” (FREUD, 2006 [1893-95], p. 47).

Seguindo esta ideia retomam a concepção de Charcot da “double conscience” na histeria, sendo que diferente de Charcot consideram que esta condição se aplica a todo tipo de fenómeno histórico e não só aos casos clássicos dos grandes ataques históricos.

Do grande ataque histórico, os autores desistiram de esmiuçar todas as fases descritas por Charcot, e se ativeram à fase *das attitudes passionnelles* visto ser nessa etapa que as reproduções alucinatórias aparecem, quando ocorre a divisão mental. Nesse aspecto somos tentados a supor que a noção inconsciente surge nesse momento, contudo, ainda não é dessa divisão que se trata, embora já se tenha falado em *sugestão inconsciente e representações inconscientes*. Aqui, nos *Estudos*, a divisão da consciência sugere a existência de duas instâncias, o consciente e o pré-consciente ou subconsciente, nesse caso mais especificamente chamam de *estados hipnóides*.

No terceiro capítulo dos *Estudos* há um tópico dedicado a questão da divisão mental, no qual Breuer apresenta a diferença entre o que seria a divisão mental e o que seria a divisão da consciência descrita por Binet e Janet. De acordo com Breuer, nos casos relatados por Janet as partes divididas são autodeterminantes, não se influenciam mutuamente, e é possível demonstrar as funções psíquicas na parte dividida; representa uma segunda consciência. Como se, ora a pessoa estivesse sob o domínio de uma parte da consciência ora a outra assumisse tal posição. Já nos casos de divisão mental dos quais os *Estudos* dão conta “a parte dividida da mente é ‘lançada nas trevas’¹⁰, como os Titãs aprisionados na cratera do Etna, que podem abalar a terra, mais jamais emergirem à luz do dia” (FREUD, 2006 [1893-95], p.248). Breuer parecia não acreditar ser possível acessar os conteúdos aprisionados. Talvez, nessa crença o Inconsciente freudiano tenha começado a nascer¹¹.

Mas, Breuer menciona um aspecto interessante para justificar a distinção entre as hipóteses dos pesquisadores franceses (Janet e Binet) das hipóteses levantadas por ele e por

¹⁰ Citação do Fausto, parte I, cena 4.

¹¹ Antes de Freud, o inconsciente já era mencionado em outros campos do saber, na literatura, nas artes, etc. O termo inconsciente é polissêmico e não foi inventado por Freud. Desde a antiguidade que o funcionamento da consciência interessa aos pensadores. A partir do pensamento de Descartes é atribuído à consciência o domínio do funcionamento psíquico, visto que estivesse do lado da razão. A subversão desse pensamento começa a se configurar no século XIX com a filosofia alemã, sobretudo a filosofia de Nietzsche (1844-1900) e Schopenhauer (1788-1860) que passam a considerar no homem o lado obscuro da alma ou psiqué, e a referência é de que este lado era submetido ao inconsciente. Possivelmente, este pensamento influenciou Freud na invenção de seu Inconsciente¹¹. O início da formulação desse constructo está imbricado com a noção da dupla consciência. Pode-se dizer que a dupla consciência e os estados hipnóides são os primórdios da ideia freudiana de inconsciente.¹¹ (Roudinesco e Plon, 1998, p.376).

Freud - as ideias derivam a partir do que é observado. Melhor dizendo, Janet tratava de pacientes histéricos oligofrênicos¹² internados em hospitais psiquiátricos, enquanto Breuer e Freud tratavam de pacientes histéricos instruídos. Aliás, nos escritos de Breuer sempre surge uma descrição da personalidade de “seus” histéricos, e realmente o perfil traçado não condiz com pessoas incapacitadas, mentalmente enfraquecidas, doentes. Na verdade, ele insiste em traçar o perfil desses histéricos como pessoas vivazes e dotadas de grande vigor intelectual.

Freud e Breuer se ocuparam da proposição – a mente se divide - e da demonstração de que isso ocorre na histeria, assim como também em situações não patológicas. De fato, observamos que patologia e seus derivados são termos que pouco aparecem nos *Estudos*. Supomos que isso ocorra devido à natureza do objeto, pelo fato de não ser tão passível a enquadres de classificação patológica. Talvez por isso, pela impossibilidade de retenção descritiva meramente patológica desponham no texto tantos adjetivos para designar a histeria: histeria comum, histeria traumática, histeria disposicional, histeria adquirida; e referente aos sintomas: sintomas crônicos, agudos; sem falar na expressão “personalidade histérica” que a nosso ver remete tanto à disposição funcional do aparelho psíquico quanto à idiosincrasia das pessoas histéricas.

Sendo assim, as explicações sobre a histeria perpassam condições de normalidade, ou seja, foram procurados no funcionamento psíquico normal elementos que corroborassem as explicações para compreender o processo desencadeante da histeria. Mesmo no artigo sobre as considerações teóricas, de Breuer, essa comparação é notada. O que viria a diferenciar os processos psíquicos normais dos que levam à histeria é uma questão quantitativa, caracterizando a anormalidade – “é verdade que essas reações afetivas normais são características da histeria. Mas também ocorrem independentemente dessa doença.” (FREUD, 2006 [1893-95], p. 225).

Na descrição sobre a predisposição inata, composição presente nos *Estudos*, bem como no artigo sobre o *Esquecimento* – Mecanismo Psíquico do esquecimento (1898) - encontramos uma referência ao quantitativo para explicar a perda da memória rotineira, cotidiana (natural) e a perda da memória na histeria. Na verdade, Freud (2006 [1898], p.281) considera que o mecanismo psíquico que leva ao esquecimento é idêntico nas pessoas ‘normais’, e nos neuróticos, inclusive em termos de quantidade de recalçamento e esforço

¹² No DSM IV a oligofrenia é sinônimo de deficiência ou retardo mental.

para esquecer. O que viria diferenciar era que o esquecimento do histérico (neurótico) acontecia também por força de certa volição, a isto Freud deu o nome de “resistência”:

Metade do segredo da amnésia histérica é desvendado ao dizermos que as pessoas histéricas não sabem o que não *querem* saber; e o tratamento psicanalítico que se esforça por preencher tais lacunas da memória no decorrer de seu trabalho, leva-nos à descoberta de que a tarefa de resgatar essas lembranças perdidas enfrenta certa resistência... (FREUD, 2006 [1898] p. 281 – grifo do autor).

5.5 Predisposição inata ao que excede

Acreditamos que o capítulo das considerações teóricas é o que se ocupa mais das explicações intracerebrais, no entanto, o último tópico veio contradizer essa lógica. Trata-se da parte em que Breuer vai desenvolver considerações acerca da “predisposição inata” na histeria.

Anteriormente falamos sobre o perfil dos histéricos, traçado por Breuer no decorrer de sua escrita, discordando da ideia de que são pessoas mentalmente enfraquecidas. Ele esboça uma síntese de características comuns às pessoas histéricas talvez para marcar que a predisposição inata não seja algo da ordem do orgânico ou signifique uma disfunção psíquica, mesmo que em alguns casos isso seja dado como pré-condição. Refere mais precisamente à idiosincrasia subjetiva. O modo como Breuer fala sobre isso retira todo o teor de uma enfermidade em relação à histeria, que mais parece ser um benefício do que um sofrimento. Parece um direito adquirido, um privilégio: “a *capacidade de adquirir* a histeria também se acha indubitavelmente ligada a uma idiosincrasia da pessoa em questão” (FREUD, 2006 [1893-95], p.258, grifo do autor). Interessante perceber inclusive nas descrições de Breuer o lugar que o histérico é colocado, lugar de destaque em relação às pessoas comuns. Em geral são descritas como pessoas bastante ávidas e notáveis:

Os adolescentes que depois se tornarão histéricos são, em sua maioria, bem vivazes, dotados e repletos de interesses intelectuais antes de adoecerem. Muitas vezes, sua força de vontade é notável. Incluem-se entre moças que levantam da cama à noite, em segredo, para fazer algum estudo que os pais lhes proíbem temendo que se esforcem demais. A capacidade de formar opiniões sólidas por certo não é maior neles do que nas outras pessoas; mas é

raro encontrar neles simples inércia intelectual e estupidez. A produtividade exuberante de suas mentes levou um de meus amigos a afirmar os histéricos são a flor da humanidade – tão estéreis, sem dúvida, mas tão belos quanto flores. (FREUD, 2006, p. 258).

Breuer enfatiza a hipótese da idiossincrasia subjetiva e reconhece que a amplitude desse fator é impossível de definir. Sua tentativa em dispor de uma explicação mais consistente foi através da elaboração de um perfil da personalidade histérica. Ele tentou se aproximar de uma suposição mais sólida no que tange a esse assunto, ao converter as referidas características pessoais numa certa tendência à excitabilidade nesses sujeitos. Também podemos entender como uma tendência à intensificação, isto é, o que uma pessoa histérica sente o faz sempre numa proporção maior do que uma pessoa normal. Ao que parece isso se aplica as afetações tanto em fase de boa saúde e quanto no adoecer. A dor ou o prazer sempre serão inflados.

No artigo *Histeria* publicado no primeiro volume das obras completas, Freud fala sobre a disposição para histeria ser hereditária. Pensar a hereditariedade como causa da histeria é herança das concepções de Charcot. Mas, é importante ressaltar que hereditariedade, aqui, vai além da transmissão biológica. A palavra “hereditariedade” remete a transmissão de caracteres de geração em geração, sejam eles fatores internos pelo laço sanguíneo ou os fatores externos (herdar um título, por exemplo), de acordo o dicionário Aurélio. No artigo mencionado, Freud relaciona a disposição hereditária à história, à educação, à estrutura familiar. Também aponta que “a histeria mais do que uma doença circunscrita, representa uma anomalia constitucional”. (FREUD [1886-1889], 2006, p.88).

Anomalia exprime uma ideia de irregularidade, traz em si um conteúdo negativo. Ponderamos que esta palavra seja pensada de acordo com o que Breuer nos propõe nos *Estudos*, associando-a mais a idiossincrasia do que uma composição de anormalidade. Não se pretende, com isso, desconsiderar que a conversão sintomática na histeria acarreta algum tipo de restrição a saúde, entretanto mesmo o adoecer não foge a essa propensão ao exagero histérico. Algumas colocações de Breuer, inclusive, nos levam a crer que o histérico “ama” seu sintoma. Pois em se tratando da histeria, sempre se está diante de um excedente da excitação.

Na leitura que nos propusemos a fazer dos dois capítulos ímpares (I e III) em paralelo, somos tentados a destacar algumas formulações que os próprios autores puseram em destaque. Podemos citar duas delas para exemplificar: a primeira seria a de que os histéricos sofrem de reminiscência, a segunda seria a de que a “divisão da mente é a consumação da histeria” (FREUD, 2006 [1893-95], p.267).

Outra bastante pertinente seria a de que os impulsos sexuais são a maior fonte de excitação e, por conseguinte, a maior fonte de desprazer tendo em vista a repressão desses impulsos. Breuer concorda com tal ideia desde que implique na questão da conversão somática. Mas há duas vertentes instauradas nos *Estudos* para se pensar a ligação da sexualidade com a histeria: 1) O sintoma histérico é resultante de um trauma de natureza sexual; 2) o sintoma histérico é resultante da elevada excitação sexual, cujo fluxo é reprimido e assim estimula a conversão.

Não por acaso voltamos à questão da incidência do trauma na histeria, pois a referência ao trauma coloca o afeto numa situação de compressão, enquanto que a excitação supõe o contrário, o afeto se situa no que excede. Pois bem, vamos tomar como fundamento a concepção do afeto “estrangulado”. A imagem comum que decorre dessa expressão é de algo sendo comprimido, sufocado. Mas no processo de estrangulamento é possível que alguma coisa escape, como um resto que não cabe no espaço comprimido. Partindo desse ponto de vista, podemos supor que o fenômeno histérico vem a calhar como sendo algo para dar conta desse excesso, ele mesmo sendo o excesso, o exagero, o desdobramento da demasia.

Breuer apresenta uma suposição que corrobora esse nosso pensamento ao dizer que no acompanhamento de pacientes histéricos: “O clínico (...) ficará inclinado a achar que a predisposição reside antes num excesso do que numa falta.” (FREUD, 2006 [1893-95], p.258).

A histeria viria a ser o que escapa do conflito de forças excessivas e contrárias. Para Breuer no contexto sexual estão as ideias que provocam maior excitação e são por isso também as ideias mais rechaçadas. (FREUD, 2006[1893-95], p. 263). Imaginemos uma guerra de titãs, tal como Breuer metaforizou. A potência de uma ideia sedutora, se pensarmos na excitação como fonte de prazer, seria proporcionalmente idêntica a uma repulsa. Então podemos supor que o sintoma histérico se configura no que resta desse conflito; é produto do que se forma da contenda entre o sofrimento e a promessa de um gozo.

5.6 A sexualidade na idiosincrasia do sujeito histérico – uma questão de estrutura?

Quinodoz (2007, p.20) diz que Breuer era um médico de família reconhecido na alta sociedade vienense, atendia personalidades importantes, como por exemplo, o filósofo Franz Brentano. Rodrigué (1990, p.285) acredita, inclusive, que foi por influência dessa amizade com Brentano que Breuer se interessou pela hipnose. Mas, o motivo pelo qual abrimos esse parêntese é para aludir que as teorizações sofrem interferências do contexto e que as formulações de Breuer são respaldadas pelas pacientes histéricas que pôde observar. Ele fala de uma espécie de excitabilidade sexual em “moças que se aproximam da maturidade”, que “sentem que qualquer coisa sexual é algo incompatível com seus padrões éticos”; e completa: “a moça sente em Eros o terrível poder que rege e decide seu destino, e se assusta com isso. Tanto maior, portanto, é sua inclinação para desviar os olhos e recalcar para fora da consciência a coisa que a assusta” (FREUD, 2006 [1893-95], p.263)

Costuma-se dizer que a razão principal da divergência entre Freud e Breuer se deve a essa questão do sexual ser tomada como base da histeria. A nosso ver, isso só se confirma até certo ponto, porque Freud levou adiante essa hipótese e, de fato, lhe deu muito mais importância do que Breuer, que não passou da noção de que os fatores sexuais eram a fonte mais poderosa da excitação psíquica. Por outro lado, pensamos que foi essa maneira de Breuer se posicionar no que tange a questão da sexualidade que levou Freud a pensar no contexto sexual no nível da fantasia, do desejo. Pois nos *Estudos*, Freud falava do trauma sexual do retorno da lembrança de um ato concreto. A resistência de Breuer a essa sugestão pode ter instigado a Freud a subverter sua lógica e rumar em outra direção. Para Rodrigué (1990, p.288) “Breuer escutava as ‘vozes do inconsciente’ desse jovem incapaz de traduzir suas ardentes paixões”.

É preciso pensar a histeria para além do adoecer a fim de compreender o interesse de Freud por este tema. Mesmo que nos *Estudos* a histeria não fosse pensada ainda em termos de estrutura - porque, segundo Maurano (2010) o pensamento estruturalista atribuído a Lévi-Strauss é posterior a Freud – supomos que foi o *pathos* da histeria que possibilitou o empreendimento de Freud. *Pathos* sugere paixão e sofrimento; etimologicamente dá sentido a palavra patologia. Maurano (2010, p.43) se referindo mais especificamente à psicopatologia, segrega a palavra e oferece uma explicação interessante para justificar o investimento de Freud:

Não se considerando como um homem da ciência nem mesmo como um experimentador ou pensador, Freud percebe-se como um conquistador por natureza; alguém com uma curiosidade tenaz. Podemos dizer que essa curiosidade o leva a querer saber sobre a “psico-pato-logia”, tomada por ele não como expressão de degeneração psíquica, mas em seu sentido etimológico, conjugando “psico”, relativo a psique, alma, com “pato”, relativo a *pathos*, referido ao que causa espanto, e logia, que pode ser entendida como busca de sentido. Vista desse modo, psicopatologia vem a ser a busca de sentido do que causa espanto à alma. Ele quer saber sobre a verdade da produção dos enigmáticos sofrimentos do psiquismo e a histeria é sua porta de entrada nesse universo. (MAURANO, 2010, p.43) (grifos do autor).

6. OS CASOS E A PSICOTERAPIA DA HISTERIA NOS *ESTUDOS* DE FREUD

Prosseguindo com a leitura dos *Estudos sobre a histeria*, adentraremos a apresentação dos casos clínicos e à psicoterapia da histeria, diante dos quais pretendemos continuar a entender como a histeria foi designada por Freud, neste processo de redescoberta da histeria. Seguiremos a ordem da disposição dos textos nos *Estudos*, sendo respectivamente a segunda e a quarta parte da composição do livro.

Estão presentes no segundo capítulo dos *Estudos*, a descrição, o tratamento e a discussão do relato de cinco casos de pacientes histéricas, atendidas por Breuer e Freud, em anos anteriores¹³ a publicação dos *Estudos*. Supomos que a inclusão dos relatos serve como base empírica para a elaboração das primeiras conjecturas teóricas acerca da histeria. Esta suposição se comprova, de certa maneira, no fragmento da *Carta a Josef Breuer* (1892), contida nos *Esboços para a comunicação preliminar* (1893), quando Freud expõe sua indecisão sobre o que deveria vir primeiro nos *Estudos*, se começariam pela descrição dos casos ou pela afirmação “dogmática” das teorias formuladas, na comunicação preliminar. Como vimos, optaram pelo segundo caminho, mas a importância da apresentação dos relatos é dada pela função de diminuir o valor especulativo das teorizações.

A leitura dos casos nos levou a compreender que esta disposição não parece ter sido por acaso, como uma escolha aleatória, pois o relato da experiência, neste caso, se caracteriza mais como um ensaio, no sentido de demonstrar como nasceram suas ideias e porque as tiveram a partir do contato com as pacientes histéricas, do que propriamente como uma comprovação científica, ainda que pudesse haver algum propósito desse âmbito. Não se pode negar que ocorra uma interligação dos casos com a teoria, isto é notório no que concerne às teorias da divisão da consciência, da inferência traumática de fatores sexuais na etiologia da histeria, da predisposição neuropata que também está associada à questão da tendência a excitabilidade e de uma espécie de suscetibilidade, entre outros. Mas enfatizamos nesses relatos a posição dos atores em cena, da paciente e do médico, e o palco que a relação entre ambos constitui para o desenrolar da história histérica, a interação, o acompanhamento sistemático, configurando assim na construção de um modelo de tratamento que levasse em

¹³ Nos *Estudos sobre a histeria* em todos os relatos são referidos os anos em que se deram os atendimentos, apenas no caso Katharina a data foi suprimida. Freud inicia dizendo: “Nas férias de verão de 189...fiz uma excursão ao Hohe Tauern...” (FREUD, 2006 [1893-95], p.151). Contudo, encontramos no dicionário de Psicanálise de Roudisnesco e Plon (1990) que este encontro entre Freud e Katharina ocorreu no ano de 1893.

conta a defesa e o recalque no psiquismo. Nesse percurso percebemos que o quarto capítulo – a psicoterapia da histeria – se integra bem com o que é apresentado no segundo capítulo.

São cinco os casos clínicos que compõem os *Estudos*: Anna O. (1880-1882), Emmy Von N. (1889), Lucy (1892), Katharina (1893), Elisabeth Von R.(1892). Antes de escrever nossa leitura dos casos, consideramos que algumas distinções descritivas devem ser feitas a princípio, como ponto de partida em direção à entrada no texto. De modo sucinto, destacamos alguns pontos que podem caracterizar os casos com detalhes que os diferem entre si, a saber: Anna O. foi a única paciente de Breuer; a Sra. Emmy foi a única tratada em instituição hospitalar; o caso Katharina decorre de um único diálogo entre Freud e a jovem, ocorrido numa viagem de férias que ele fez aos Alpes Austríacos.

Ademais, outros detalhes além das peculiaridades devem ser referidos. Os casos Lucy e Elisabeth estão dentro da descrição comum entre todos os casos. Também, apresentam semelhanças entre si no aspecto teórico, isto é, nas ideias que aparecem na discussão de cada caso. Podemos sugerir que cada caso traz em si especificidades no cerne de questões teóricas e algumas semelhanças no tocante à descrição das características pessoais das pacientes. Com exceção de Emmy, que era viúva e mãe de duas meninas, as demais eram jovens solteiras, dotadas de boa reputação moral e intelectual, pertencentes a famílias instruídas e provavelmente de classe média. Com base nessa percepção, julgamos interessante buscar figurar brevemente uma espécie de macro contexto que foi cenário para que a histeria despertasse o interesse de alguns médicos, sobretudo de Freud.

Denise Maurano (2010) ao introduzir o tema da histeria em seu livro – *Histeria*, o princípio de tudo – lança um olhar sobre a época em que se deram os surtos histéricos na Europa, através de uma perspectiva artística, do teatro e da arte barroca. Ela acredita que Freud apostou numa inovadora posição ética que tem afinidade com o teatro trágico e o barroco porque partindo dessa perspectiva a condição humana é vista num plano real, em contraposição ao ideal. O teatro trágico e o barroco tem em comum a abertura para pôr em cena o conflito, as precariedades da vida e as instabilidades do humano, fragilizado e dominado pela paixão e seus excessos. A autora se baseia na expressão do estilo barroco para conjecturar uma compreensão acerca do fenômeno histórico. A histeria em congruência com essas expressões seria uma forma de questionar o reto, o ideal. Esta perspectiva compactua com a noção que a autora também expressa sobre o sintoma ser tomado não como sinal de doença, mas como meio de expressão, ainda que o caminho para isso seja patologizante.

A histeria, de acordo com Maurano (2010) como reflexo de uma época, funcionaria como um paradigma da condição de seu tempo. No tempo de Freud, as influências contemporâneas – o relativismo, a queda da razão, a ênfase no amor e na sexualidade – parecem servir de estímulo para o aparecimento das manifestações históricas.

O modo com Breuer descreve a primeira personagem em cena dos *Estudos - Anna O.* - corresponde ao que Maurano (2010) infere sobre a histeria ser vista não só como uma doença, mas como uma forma do sujeito se expressar. Antes de ser enxergada pelo viés da doença, Anna O. é descrita por Breuer como uma jovem notável por seu intelecto, pelo potencial imaginativo, pela tendência a um leve exagero em suas emoções, propensa a oscilação de humor, e que não demonstrava noção apurada sobre a sexualidade ainda. A aguçada habilidade para pensamentos imaginativos fazia com que ela fosse sugestível, segundo Breuer. Havia também certa desconformidade entre o mundo imaginativo no qual Anna O. se refugiava e o ambiente externo. Breuer vai dizer que ela vivia sob a espécie de um acordo íntimo entre a vida real e seus devaneios. Esta vida em suspensão foi denominada de “teatro particular”. (FREUD, 2006 [1893-95], p. 58)

A teatralidade há muito já era associada ao fenômeno histórico, só que remetia à mentira, à manipulação, à artificialidade. Neste caso, Anna O. introduz um sentido de verdade, na medida em que a busca por transformar a realidade consistia exatamente numa forma de questioná-la ao passo que revela certa dificuldade em suportá-la. Aproxima-se muito mais de uma fuga, como um escape para livrar-se do peso que a vida lhe impunha; subscreve de repente o modo como pessoa estruturada na neurose respondia às contingências da sua história. O “teatro particular” pode ser encarado, praticamente, como a conjunção de elementos para criação de um universo paralelo, além de ser um mecanismo de defesa, caracterizado pela dissociação do Eu.

A linha que viria separar esse comportamento reconhecido como algo natural de uma situação patológica surge de uma questão quantitativa, como já tinha sido aventado no capítulo anterior. Ou seja, não são os devaneios, a fantasia, mas a persistência deles que evoluiria para o adoecimento.

6.1 A histeria de Anna O.

A doença manifesta em Anna O. levou Breuer a cogitar que o fenômeno histérico seria uma “psicose de natureza peculiar” (FREUD, 2006 [1893-95] p. 58). De fato, foi um caso rico no que concerne ao quadro sintomatológico: distúrbios da visão, psicomotores e da linguagem. Considera-se que este caso seja um dos “mitos fundadores da psicanálise” (ROUDINESCO E PLON, 1990, p. 568). Sugerimos que não somente por ser o primeiro dos casos relatados, mas porque nele a divisão da consciência, se mostra num plano mais visível, mais prático, através da referência ao teatro particular, ou *teatro privado*, como Maurano (2010) nomeia.

A divisão da consciência em Anna O. foi demonstrada pelos estados psíquicos o “melancólico, mas relativamente normal” (FREUD, 2006 [1893-95], p.59) e o das alucinações somado a um comportamento agressivo e hostil. Breuer chamou de *absences* - um termo que pode ser traduzido por ausência, falta, distração, abstração, alheamento - os momentos em que Anna O. encontrava-se sob o domínio da segunda consciência¹⁴. Este fenômeno psíquico era externalizado como se fosse uma divisão alusiva da própria pessoa, como se emergisse uma dupla personalidade. No relato do caso, consta que a paciente se queixava de ter dois “eus”, um real e um mal (FREUD, 2006 [1893-95], p.60).

No quadro de sintomas, os distúrbios de linguagem abrem o caminho para a discussão sobre a repressão de conteúdos mentais. Tal distúrbio em Anna O foi diagnosticado por um mutismo provisório e depois pela mistura de idiomas numa mesma frase, configurando um quadro de afasia sintática¹⁵. O surgimento desses sintomas parecia imposto por uma espécie de inibição a fim de evitar a exposição de um pensamento, sentimento ou lembrança recusada. Percebemos que esta inibição aqui era referida no sentido de uma escolha, como se a pessoa soubesse o que a desagradava em sua recordação e ideia indesejada. Através do método catártico, Breuer valorizou a crença de que em estado hipnótico, era possível “obrigar” a paciente a falar sobre o assunto reprimido.

Pensamos que esta percepção da recusa antecipa que a dificuldade de acesso às lembranças indesejadas não ocorrem somente a nível inconsciente. Alguma barreira nesse processo de rememoração se dá também na consciência, a partir da simbolização que a pessoa

¹⁴ Nos *Estudos* a expressão utilizada é *condition seconde* (p.67).

¹⁵ Incapacidade para dispor as palavras numa sequência apropriada.

faz levando em conta os aspectos da moralidade, temendo o constrangimento, ou o comprometimento, que a livre expressão de certas ideias poderia causar.

Anna O. apresenta como um dos sintomas uma dificuldade de verbalização relacionada a um distúrbio de linguagem. Distúrbio este que para Roudinesco e Plon (1990, p. 568) está relacionado a uma característica pessoal da paciente no que tange ao seu grau de instrução, ao fato de ela conhecer e ter fluência em outras línguas. Em outras palavras, não acontece por efeito de um procedimento mágico, mas se favorece de elementos constitucionais da própria pessoa. A nosso ver, o ato voluntário de Anna O. em relação ao distúrbio de linguagem, revela uma defesa consciente, uma vez que Breuer tenha constatado que ela não falava em alemão, mas compreendia outra pessoa falando. Na evolução do caso, esses sintomas culminaram numa situação em que Anna O só falava e compreendia o inglês nos diálogos, mas ainda conservava a capacidade de ler em francês e italiano. Chegamos, assim, diante do que compreendemos como uma espécie de recusa à língua materna.

Melman (1992, p.16) define a língua materna como aquela que se sabe, a que “autoriza o locutor a falar como mestre” e também como aquela na qual o jogo de significantes tem um arranjo que permite escutar o desejo do que é impossível. Ele não reduz sua explicação ao fato de a língua materna ser tomada como uma lembrança de quem nos introduziu na linguagem, mas, vai dizer que é a língua na qual a mãe foi interdita.

De acordo com concepção de Melman (1990, p.18) temos a esperança de que levantando o recalque a reintegração da língua possibilite o sujeito a dizer *tudo* de seu desejo. De modo que a histérica viria contradizer essa lógica ao romper com a ideia de inconsciente estruturado como uma língua fechada, ao criar seu diabolismo - “Somente a histérica pode fazer crer que ela é habitada por um demônio ou por um Deus que se exprime em suas entranhas”. (MELMAN, 1992, p.36). Então, na falta desse tal diabolismo, o mutismo histérico ou a substituição do idioma configuraria uma recusa em falar na língua do opressor. (MELMAN, 1992, p.18).

No decorrer do relato, Breuer também abre um parêntese para contar um detalhe no quadro sintomatológico da paciente. Ele descreve que Anna O entrava em estado de *clouds* – palavra usada para designar um sono profundo – durante a tarde. Este comportamento ganhava ressonância em sua neurose a partir da experiência de cuidar do seu pai enfermo, devido ao comportamento padrão de ficar a noite acordada velando o doente e dormir durante

o dia. Em sequência ao curto período de *clouds*, ainda em estado de sonolência, era acometida por uma agitação e narrava alguma história, geralmente triste. Breuer anuncia que a se tratava da criação, imaginação, e não de uma situação real. Esta experiência de narrativa acalmava Anna O. e ocorria pelo estado de *auto-hipnose*. As histórias narradas continham uma ligação com o processo de adoecimento do pai, a situação nuclear era sempre de “uma moça ansiosamente sentada à cabeceira de um doente” (FREUD, 2006, p.64).

O caso Anna O. é famoso entre outros aspectos também porque cunhou a expressão da *talking cure* e *chimney-sweeping* – termos que a própria paciente utilizou para denominar o método terapêutico. A importância desse fato implica na consolidação do método catártico, criado por Breuer, no cenário de uma significativa relação estabelecida entre os dois personagens em cena. Mesmo os *Estudos* sendo um texto originário e até pré-psicanalítico (MAURANO, 2010), percebemos que a transferência já aparece como campo dinâmico e/ou dispositivo para que ocorra o tratamento. Constatamos isso de em alguns trechos no relato do vigente caso:

Quando me achava presente, esse estado era de euforia, mas minha ausência era altamente desagradável e caracterizada por angústia e excitação...; (...) Nesse intervalo não fora efetuada nenhuma “cura pela fala” porque foi impossível persuadi-la a confiar o que tinha a dizer a qualquer pessoa senão eu - nem mesmo do Dr. B.¹⁶ a quem, sob outros aspectos havia se afeiçoado. (FREUD, 2006 [1893-95], p.66 e 67)

O editor inglês explica numa nota de rodapé (FREUD, 2006 [1893-95], p.75) que em menções posteriores de Freud sobre o caso Anna O, ele concluiu haver a presença de uma forte transferência positiva não analisada da paciente em relação a Breuer, transferência de natureza inconfundivelmente sexual. Inclusive, este seria o motivo, na opinião de Freud, pelo qual Breuer resistiu à publicação do caso e conseqüentemente abandonou suas pesquisas sobre a histeria.

Recorremos ao texto de Freud sobre *A dinâmica da Transferência* (1912) para dizer que ele aponta a transferência como a mais poderosa forma de resistir a um processo de análise. Em seguida, num texto de 1914 – *Observações sobre o amor transferencial*, Freud propôs uma explicação para os casos nos quais, frente à manifestação de conteúdos amorosos

¹⁶ Não fica claro quem foi o Dr. B. referido no texto.

da paciente em direção ao médico¹⁷, ocorre a interrupção do tratamento, ou por abandono da paciente ou pelo manejo malgrado desse sentimento por parte do analista. Para Freud, este fenômeno é frequente e deve ser encarado, pelo médico, como algo que decorre da situação analítica, de modo que não tenha motivos para receber tal sentimento como uma conquista devido a seus atributos pessoais. A recomendação é que o médico não deveria nem corresponder a esse “amor” tampouco afastar-se dele, mas, antes, tentar enxergá-lo como um fenômeno irreal e dominá-lo para remontar às origens inconscientes sobre a vida erótica da paciente.

O método de cura instituído a partir do caso Anna O, direcionou a uma nova postura, uma nova ética - o método analítico. Um método subversivo, visto que o saber está do lado da paciente, ainda que inacessível. Subversivo também porque implica que o médico abdique do seu desejo, cedendo seu lugar frente à histérica, que é convidada a falar para possibilitar alguma compreensão sobre seu sintoma, do qual ela, supostamente, tem total domínio. (MAURANO, 2010, p.44). O valor atribuído à verbalização da paciente é visível no texto, pelas expressões: “sintomas removidos pela fala”; “escoamento pela fala”. Breuer chegou a ratificar que o sintoma era permanentemente eliminado depois de o fato originário, a ocasião que desencadeou o trauma, ter sido reconhecida e expelida através da fala.

Em Ramos (2008, p.143-148), encontramos a afirmação de que a Psicanálise nasce no momento em que a relação com a histérica é retirada do “discurso do mestre” (o discurso do poder – aquele de Charcot) e colocada no “discurso do analista”. Quando a histeria pôde ser considerada como doença da expressão, termo de Shoenberg – psiquiatra e psicoterapeuta londrino. Para este autor, Freud “lia” o sintoma, tratando-o como comunicação simbólica. (RAMOS, 2008, p.145)

6.2 A histeria de Emmy Von N. – O malogro da hipnose

A primeira vez que Freud aplicou o método catártico no tratamento completo de uma neurose histérica foi descrito no caso Emmy Von. N. Tratava-se de uma senhora de 40 anos, viúva que apresentava traços de humor deprimido e tinha como queixa principal, ou sintoma

¹⁷ Utilizamos a palavra “médico” porque é a expressão que aparece no texto.

conversivo, toda a sorte de dores (gástricas, óssea, musculares, etc). Na opinião de Freud, era uma mulher gravemente neurótica.

Encontramos no Caso Emmy a introdução de tópicos inaugurais para o desenvolvimento da psicanálise. Introduz, por exemplo, a ideia de que as lembranças pertencem a uma época remota, isto é, à infância (FREUD, 2006 [1893-95] p. 69); também introduz a noção de resistência, pois ainda que utilizasse a hipnose e a sugestão, Freud começou a perceber certa dificuldade em prosseguir por este caminho. O que nos fez perceber uma contradição, posto que ao passo que este caso é reconhecido como o primeiro de aplicação completa do método catártico é nele que se inicia o processo de descrédito da eficácia do método.

Emmy se enquadrava no perfil de uma pessoa predisposta à histeria, mas diferente de Anna O não era suscetível à hipnose, não era sugestionável. Acreditamos que descrença de Freud nos efeitos da hipnose, bem como a hipótese de que há uma força atuando para impedir a liberação dos conteúdos reprimidos, de modo a fazer com que o sintoma persista, pode ser sintetizada nesse trecho, cujo contexto em que foi escrito infere que a paciente fizera um relato falso da história:

Evidentemente, que o fator erótico dessa pequena aventura é que a levava a fazer um relato falso da mesma. Isso em ensinou que uma história incompleta sob hipnose não produz nenhum efeito terapêutico. Acostumei-me a considerar incompleta qualquer história que não trouxesse nenhuma melhora e aos poucos tornei-me capaz de ler nos rostos dos pacientes se eles não estariam ocultando uma parte essencial de suas confissões. (FREUD, 2006, [1893-95], p.110)

Freud insistiu, como dissemos anteriormente no uso da hipnose até o fim do tratamento de Emmy, contudo a impressão que nos dá com base nessa experiência de Freud é que havia um acordo secreto e silencioso entre os dois quanto à utilização dessa técnica. Acreditamos que a eficácia da hipnose simbolize o pacto de cumplicidade que se dá na relação transferencial. Foi mais pela transferência estabelecida que a hipnose pareceu surtir algum efeito, do que na realidade tenha acontecido.

6.3 A histeria “adquirida” de Katharina – breve ensaio sobre a relação da histeria com a paternidade.

Achamos importante retomar a questão do trauma na apresentação dos casos. Compreendemos que no caso Anna O não fica esclarecida a experiência traumática que resultou no surgimento dos sintomas, mas o que surge é uma descrição de sucessivos episódios que parecem sempre implicar o pai. As oscilações entre os períodos de melhora e piora dos sintomas propiciou que Breuer tocasse na questão da relação da histeria com a paternidade. Ele associava uma progressão ou regressão dos episódios sintomáticos da paciente sempre a alguma situação em que o pai estava implicado. Mas, devemos supor que aqui ainda não havia referência alguma à teoria da sedução pelo pai, como Freud passa a supor adiante. Cogitamos que Breuer não tenha levado sua interpretação a esse ponto, por um lado por considerar a imaturidade sexual de Anna O, e por outro lado por resistir a esta ideia de que há sedução na relação com o pai, ainda que reconhecesse o fator sexual como a maior fonte de excitação patogênica.

A relação de Anna O com o pai foi retratada no aspecto da sua devoção nutrida por ele, principalmente quando estava doente e após sua morte. A descrição do episódio em que Anna O alucinou o pai com o rosto de caveira, nos chamou atenção. Breuer informa sem destacar esse sintoma, em vez disso o situa apenas como um detalhe para falar sobre uma fase de obstrução ocorrida no progresso do tratamento. O assunto em questão era a dificuldade de recordar certas lembranças. Contudo, essa dificuldade parece estar imbricada a esta visão do pai como uma figura assustadora a ponto de levar a paciente à inconsciência. Simbolicamente, supomos que a figura do pai imprimisse uma lembrança ou uma fantasia que devesse ser rechaçada, por isso o susto e o desmaio, no momento de aproximação da cena “insuportável”. Acreditamos que para Breuer, esse insuportável se configure pela morte do pai. Dado o caráter pré-psicanalítico do caso, entendemos que essa temática não foi pensada para além dessa ótica.

No caso Katharina é onde se pode perceber uma referência da sedução paterna como representante central da insurgência de sintomas histéricos¹⁸. Freud concluiu que Katharina apresentava crise de angústia com sinais de uma “aura” histérica (FREUD, 2006 [1893-95], p.152), ou uma histeria de angústia. Consideramos peculiar este caso porque não segue a

¹⁸ A revelação de que se tratava do pai e não do tio como aparece na narrativa, só é apresentada na terceira publicação dos *Estudos* (1925), numa nota de rodapé que foi acrescentada.

estrutura dos demais, decorre de um encontro fortuito nos Alpes. Pelo ano em que este encontro ocorreu – 1893 - Freud encontrava-se bastante envolvido nos estudos das neuroses. A inclusão desse relato parece se justificar pelo interesse de Freud em “constatar que as neuroses podiam florescer a uma altitude superior a 200 metros”. Sabemos ser impossível dizer se Freud foi apenas irônico nessa colocação ou realmente associava a neurose a uma espécie de “adoecimento” associado à cultura.

Na sequência relatada, essa marca da vicissitude do enquadre clínico em questão, possibilitou que Freud arriscasse um novo modo de aplicar sua terapêutica, uma espécie de interpretação selvagem. Freud expõe:

Deveria eu fazer uma tentativa de análise? Não podia aventurar-me transplantar a hipnose para essas altitudes, mas talvez tivesse sucesso em uma simples conversa. Teria que arriscar um bom palpite. Eu havia constatado com bastante frequência que, nas moças, a angústia era consequência do horror de que as mentes virginais são tomadas ao se defrontarem pela primeira vez com o mundo da sexualidade. (FREUD, 2006 [1895], p.153)

Notamos a convicção de Freud sobre a importância do componente sexual na causa das neuroses neste recorte. Ele antecipa o destino de suas conclusões acerca do referido assunto. No núcleo da queixa de Katharina, supomos que Freud tenha encontrado substratos para confirmar suas hipóteses, a partir do relato de uma experiência na qual a jovem foi telespectadora casual de uma cena erótica envolvendo seu tio. Katharina alegava não compreender o significado daquela visão, mas ao mesmo tempo parecia ter noção da gravidade da cena ao pretender revelar à tia o que havia assistido. A hipótese de Freud é que ela mesma teria sofrido investimentos sedutores por parte do tio (pai) e sendo assim tal experiência se tornara repugnante. Essa repulsa teria se transformado em sintomas conversivos após um período de incubação. Freud vai dizer então que o sintoma histérico a “uma escrita criptográfica que se torna inteligível após a descoberta de algumas inscrições bilíngues. Nesse alfabeto¹⁹, estar doente significa repulsa”. (FREUD, 2006 [1983 -95] p.155).

Pensamos que o uso da expressão “inscrições bilíngues” tanto pode estar relacionada a duplo sentido da comunicação na histeria, ou seja, a essa difusão pouco direta, um tanto velada e que se ancora em artifícios desviantes do real motivo para a deflagração do

¹⁹ Entendemos que seja uma expressão figurada para se referir ao vigente relato.

fenômeno histérico, por vezes se convertendo em sintoma; ou pode ser um modo de dizer que no processo de comunicação haverá sempre, no mínimo, duas versões de análise da narrativa, a da paciente e a do clínico. A continuação do relato demonstra bem isso. As perguntas que Freud fez a Katharina pareciam apontar suas próprias suspeitas. De repente soaram como se tivessem a função de induzir a uma conclusão comum entre ambos; digamos que fosse uma esperança. Uma colocação de Freud nesse sentido viria corroborar esta impressão ao dizer: “*Eu também não tinha nenhuma ideia. Mas disse-lhe que continuasse e me contasse qualquer coisa que lhe ocorresse, na confiante expectativa de que ela viesse a pensar exatamente no que eu precisava para explicar o caso.*” (FREUD, 2006 [1983-85], p.155). É possível dizer então, que a decifração do sintoma histérico parte de dois referenciais e que o tratamento intenciona a construção de uma narrativa que dê sentido os sintomas. O que também suscita uma reflexão: se ao invés de haver um significado preexistente e oculto, este significado fosse elaborado, construído na relação.

Freud concluiu que o caso Katharina seria mais um exemplo de “histeria adquirida” porque, como Rodrigué (1995, p.293) também observou, a jovem não apresentava condição neuropata, além de ser um caso de histeria que ocorreu em período pré-edipiano da personalidade. Freud percebeu semelhanças com o caso Lucy (caso 3 dos *Estudos*) no que diz respeito ao armazenamento da experiência traumática, diante da qual a repulsa foi instantânea, mas os sintomas surgiram num período posterior. A distinção entre os dois casos mencionados é que em Lucy o armazenamento da experiência soava como uma vontade do ego, enquanto que em Katharina ocorreu o inverso, o isolamento se deveu a ignorância do ego desprovido de recursos ao nível do desenvolvimento para reconhecer um acontecimento traumático. Diante disso, entendemos que o sintoma se instala com ou sem a autorização do ego, a lembrança é recalcada mesmo sem o consentimento do ego, mas o trauma só se inscreve na medida em que haja o reconhecimento do significado da experiência. Isto é, quando o ego já é capaz de estabelecer o que é aceitável ou não. Desse modo, o trauma não se dá instantaneamente, está relacionado ao processo de significação.

Encontramos um artigo no qual a autora apresenta uma reflexão muito próxima da nossa, no que tange essa concepção sobre o trauma se dá *a posteriori*. Na opinião de Baratto (2009, p. 78), isso representa um avanço teórico que se dá dentro dos *Estudos*, reflete a sagacidade de Freud em concluir que o trauma não é engendrado no momento do ato concreto, do vivido, mas na interpretação e no sentido que a pessoa vai dar ao acontecimento.

A autora também compreende que a ênfase dada à lembrança ao invés do fato, originou o conceito de fantasma. E acrescenta que “na coletânea de textos que compõem os Estudos..., Freud utiliza a expressão *fantasma* para demonstrar a importância da atividade fantasmática na formação dos sintomas histéricos, sob a forma de devaneios, sonhos diurnos, romances que o sujeito constrói no estado de vigília”. (FREUD, 2006 [1893-95] p. 78 – grifo nosso). No entanto, na nossa leitura não nos damos conta de que a palavra *fantasma* tenha sido mencionada nos *Estudos sobre a histeria*.

Lançamos mão de um questionamento interessante que Freud expõe no caso Katharina, lançado a partir dessa discussão. Assim ele escreve:

Gostaria, neste ponto, de externar a dúvida de se uma divisão da consciência devida à ignorância é realmente diferente de uma que se deva à rejeição consciente, e se mesmo os adolescentes não possuem conhecimento sexual com muito mais frequência do que se supõe ou do que eles mesmos acreditam. (FREUD, 2006 [1895], p.159)

Pensamos que esta dúvida de Freud, insere justamente o desafio dessa substituição da lembrança pela fantasia na concepção teórica a respeito do trauma. Até que ponto as lembranças de experiências traumáticas não são criadas, inventadas e em vez de ser fruto da recordação. Ainda que o fato fosse real, a atualização através da lembrança teria o colorido da imaginação produzida pela a energia pulsional.

6.4 Miss Lucy e Elisabeth – As histerias que possibilitaram os primeiros passos em direção à psicoterapia psicanalítica

Os casos Miss Lucy e Elisabeth V. R., respectivamente, os casos 3 e 5 dos *Estudos* são os que apresentam semelhanças tanto na aparente causa para a manifestação da histeria, quanto na mudança de estratégia de tratamento. No caso Lucy, Freud expõe pela primeira vez a intenção de abandonar o método catártico. Lucy era uma jovem governanta que sofria de depressão, apresentava analgesia e alucinações, considerados sintomas crônicos de sua histeria. Freud teria abandonado primeiro a hipnose ao perceber que Lucy entrava num estado de sonambulismo, preferia tratá-la em estado de vigília. Depois para complementar a desistência do método de Breuer, optou por não trabalhar com a sugestão.

Consideramos que no caso Lucy, assim como já percebemos no caso Katharina, surge uma noção sobre a linha tênue que separa o saber consciente do inconsciente, e que ambos pertenceriam em primeira instância à histérica. Inclusive, a descrição do mecanismo do recalque aparece neste caso com indícios de ser uma ação consciente, voluntariosa. Mas este recalque “consciente” precederia a instauração da histeria. Para Freud, uma condição essencial precisaria ser completada a fim de se consolidar como um caso de histeria: “uma representação precisa ser *intencionalmente recalcada da consciência*” (FREUD, 2006 [1893-95], p. 143 – grifo do autor). Essa *inteligência inconsciente* citada nos *Estudos* guarda conteúdos que de certa forma primeiro passa pela consciência, sobre os quais o recalque incide a fim de torná-los inconscientes.

Esta suposição encontra-se no cerne de responder a um questionamento sempre recorrente sobre a “farsa” na histeria, a suspeita de que a histérica, antes de tudo, mente. Há uma referência a esta temática nas considerações teóricas, na qual não está descartada essa hipótese do fingimento, inclusive se fala em *verdadeira* simulação. Breuer chega a dizer – “pecamos tanto por excesso ao negar a simulação quanto pecávamos ao aceitá-la” (FREUD, 2006 [1893-95], p.261). A *verdadeira* simulação, de fato, corresponderia a uma mentira, sendo que esta composição não estaria essencialmente associada à predisposição histérica. Antes significaria uma falha de caráter, que pode ser expressão de qualquer pessoa independente da condição histérica.

Mas, se há essa caracterização de verdadeira simulação como algo possível em pessoas consideradas históricas ou não, já se supõe que no mínimo haveria mesmo uma simulação, ainda que não verdadeira, na expressão histérica. No entanto, seria esta simulação, agora *não-verdadeira*, um mecanismo natural do fenômeno da histeria. Em outras palavras, sugere-se que a mentira da histérica constitua uma verdade para ela mesma. Parece ter sido um passo importante considerar essa possibilidade da simulação e tomá-la como elemento em favor do tratamento, tendo em vista que na fantasia se encontraria a verdade que importava, a verdade substituta, a que tamponava a realidade comum e ao mesmo tempo revelava a realidade psíquica. E julgamos que foi preciso que Freud se convencesse dessa possibilidade de simulação para não desistir das suas históricas.

Anos após da publicação dos *Estudos sobre a histeria*, Freud falou sobre a função da fantasia na neurose, em seu texto - *O caminho para a formação dos sintomas* (1917). Para ele, a fantasia dá conta de uma realidade, mas a realidade psíquica e não a material, e no universo

da neurose a realidade psíquica é determinante. Também nesse texto, Freud explica que os devaneios, segundo ele, a maneira mais conhecida de fantasiar, correspondem a desejos ambiciosos que se “florescem com tanto mais exuberância, quanto mais a realidade aconselha modéstia e contenção.”(FREUD, 2006 [1917], p.374). Talvez a histérica saiba cumprir com propriedade esta tarefa de recriar uma realidade fantasiando-a com muitos floreiros. Freud (2006 [1917]) sugere que os devaneios inconscientes têm inteira participação na formação dos sintomas neuróticos. E a fantasia, por sua vez, desempenha um papel fundamental nesse processo.

Foi ressaltada em Lucy, a característica de demonstrar certo estilo lacônico em suas falas. Interessante o modo como Freud se expressa a respeito dessa característica numa nota de rodapé na página 144 da edição que acessamos. Sobre isto ele se coloca: “Jamais consegui apresentar uma descrição melhor do que esta do estranho estado de espírito no qual ao mesmo tempo se sabe e não se sabe uma coisa. É claramente impossível compreendê-lo a menos que nós mesmos o tenhamos experimentado.” (FREUD, 2006 [1893-95], p.144). Freud se referia num âmbito maior ao sentimento que a governanta nutria por seu patrão, por ser certamente causa de uma sensação aflitiva para ela.

Para Freud, se tratava de um caso de histeria adquirida que resultou de uma defesa do ego contra associações incompatíveis. Percebe-se que foi o caso menos discutido por Freud. Arriscamos a dizer que isso se deve ao fato de considerá-lo o mais *consciente* de todos os casos em relação ao mecanismo psíquico que formou a expressão sintomática. Tanto que ele considera a influência da moral no núcleo dessa defesa. Sobre isto, Freud expõe:

Assim o mecanismo que produz a histeria representa, por um lado, um ato de covardia moral, e, por outro, uma medida defensiva que se acha a disposição do ego (...). Com maior frequência, naturalmente, temos que admitir que uma dose maior de coragem moral teria sido vantajosa para a pessoa em causa. (FREUD,2006 [1893-95], p. 149).

O caso Elisabeth foi um dos mais bem descritos por Freud, e tem uma característica peculiar em comparação com os demais: possui traços de uma narrativa literária. A história da paciente possui uma continuidade fluida, é bem estruturada. A impressão que nos dá é de ter sido o caso que Freud mais se empenhou em escrever, o mais prazeroso, no que tange a escrita do caso clínico, muito embora pouco condizente com a metodologia adequada no que concerne a um caso clínico endereçado a médicos, por assim dizer. Freud fez inferências

literárias neste caso, e na discussão do mesmo se pronunciou sobre a visão dos poetas e filósofos anteceder a do médico em algumas descobertas e concepções. É tão provável esse caráter literário no relato que Freud inicia a discussão dizendo que lhe causa estranheza ter que apresentar o caso em formato de um conto e ainda antecipa uma postura defensiva às críticas que poderia sofrer devido a pouca inferência científica que o relato pôde conservar. (FREUD, 2006 [1893-95], p.183). O modo de apresentação do caso Elisabeth foi justificado pela natureza do objeto – a histeria. Podemos dizer que a partir de então, se inscreve um modelo de escuta e atenção amplamente voltado para a pessoa, não apenas com enfoque nos sintomas. Portanto, os sintomas histéricos somente fariam sentido, na condição de serem analisados, numa estreita relação com a história de sofrimentos do sujeito.

Na opinião de Quinodoz (2007, p.24) e Maurano (2010, p.57) o caso Elisabeth foi uma construção importante porque foi a primeira análise completa de um caso de histeria, sendo assim representa um marco no desenvolvimento do trabalho de Freud. Maurano (2010) coloca este caso ao lado do Anna O. em nível de importância, muito embora a maioria das leituras, as leituras clássicas, tenham destacado mais o caso Anna O.; talvez por se tratar de um caso de histeria mais “completo” e “complexo”. No entanto, o caso Elisabeth traz concepções teóricas que marcam certa evolução teórica acerca da histeria e uma evolução metodológica do tratamento. Até a ordem de apresentação dos casos demonstram que este caso foi o último a ser discutido, porque nele é possível notar o salto em direção às elaborações sobre a psicoterapia da histeria. Pensamos este movimento, porque se a ordem fosse cronológica, Katharina teria sido o último caso, em vez do Elisabeth. É como se existisse uma ordem lógica para a disposição dos casos, ordem que representasse mudanças internas nas concepções sobre a histeria nos *Estudos*. De modo abreviado, podemos dizer que nessa ordem de mudanças, houve uma supressão da importância dada ao trauma pela importância dada a *defesa* no mecanismo de instauração da histeria.

O diagnóstico sintomático de Elisabeth era de dores nas pernas, chegando a resultar numa espécie de paralisia residual, ou seja, houve uma redução da força motora dos membros. Foi exposto que este sintoma parecia não só representar sofrimento, mas certo prazer na dor. Em Elisabeth, surge a única referência nos Estudos sobre *La belle indifférence*²⁰ dos histéricos. Semelhante ao caso Lucy, foi suposto um saber constitutivo do sintoma em posse da paciente e por esse mesmo motivo Freud se viu desobrigado a utilizar a hipnose e/ou a

²⁰ Expressão francesa cunhada por Pierre Janet para definir a contraditória falta de preocupação do paciente diante de um sintoma doloroso ou incapacitante.

sugestão a fim de compreender os motivos que provocaram os sintomas histéricos. Num dado momento, podemos conjecturar que a desconfiança do médico sobre o esquecimento ser autêntico, no sentido de ser também algo involuntário, é muito comum quando se trata de pacientes histéricas. E, portanto, às vezes, parece se tratar de um engodo, como se o que está oculto, estivesse propositalmente nos planos da histérica. Até realmente considerar as defesas do ego e o inconsciente nessas formações sintomáticas, mesmo Freud supôs o esquecimento como se fosse um segredo efetivo da volição (FREUD, 2006[1895]).

O interesse que o médico demonstra por ela, a compreensão que lhe permite sentir e as esperanças de recuperação que lhe dá, tudo isso faz com que a paciente se decida a revelar seu segredo. Desde o início me pareceu provável que a Srta. Elisabeth estivesse consciente da causa de sua doença, que o que guardava na consciência fosse apenas um segredo, e não um corpo estranho. Contemplando-a, não se podia deixar de pensar nas palavras do poeta: *Das Maeskchen da Weissagt verborgnem sinn (Sua máscara revela um sentido oculto)* Adaptado do Fausto, de Goethe, Parte I (cena 16) – Não obstante, ver-se-á depois que eu estava enganado nesse ponto. (FREUD, 2006 [1893-95], p. 164).

Os sintomas de Elisabeth foram interpretados como produto do conflito entre o desejo sexual reprimido e a morte; num primeiro momento a morte do pai, depois a morte de uma de suas irmãs. Na época em que seu pai caiu doente, ela estaria se apaixonando, e este sentimento que foi reprimido em sacrifício pelo pai. Depois tal impulso teria se voltado ao cunhado, por quem ela nutria um sentimento secreto. Mas, este sentimento pelo cunhado também trazia em si o traço da morte, pois sua irmã morreu prematuramente.

Maurano (2010) reflete sobre a ligação entre a sexualidade e morte, e nos mostra que o sexual promove o encontro com a limitação humana representada pela morte. Então, seria à morte que o sexual em última instância se remete. Para esta autora o sexual tem a função de encobrir o Real da morte, isto é, o corpo sem revestimento do imaginário e do simbólico, o corpo reduzido à matéria como algo muito próximo do desvalido. O sexual infringiria a passagem dessa representação do corpo puramente orgânica para sua apreensão no universo da significação. No entanto, a histérica, como no caso de Elisabeth, vai mostrar que a sexualidade como via de transformação desse real do corpo significante, sempre está aberto para que o inverso também ocorra. Assim Maurano afirma: “o recalque faz fronteira entre o sexual e o não-sexual, mas a dimensão recalcada da destinação do corpo como carne, como

cadáver, como puro objeto destinado à selvageria é o que retorna, causando horror e traumatizando” (MAURANO, 2010, p.73).

Este caso foi analisado por Freud como um autêntico caso de histeria de retenção. Desde miss Lucy, podemos perceber a inclinação de Freud a considerar a defesa como fundamental para entender a conversão histérica. Tal processo estaria mais de acordo com a perspectiva de que a histeria era adquirida, deixando um pouco de lado a referência à hereditariedade e a ideia de predisposição ou personalidade neuropata. Acreditamos que essa mudança de perspectiva em relação à manifestação da histeria norteou a elaboração do tratamento analítico conforme se estabeleceu no texto sobre a psicoterapia.

6.5 O tratamento da histeria nos primórdios da psicanálise

O início do texto – A psicoterapia da histeria (1895) – prenuncia a marca das alterações no cerne das concepções anteriormente defendidas, sobretudo as da comunicação preliminar que foram concebidas cerca de três anos antes. Podemos alegar que neste intervalo, os estudos de Freud avançaram a partir do tratamento das pacientes históricas. Ele mesmo vai considerar que esta parte dos *Estudos* apenas condensará o que pode ser visto no decorrer dos relatos de casos.

Notamos que houve formulações fundamentais desde a comunicação preliminar até a psicoterapia, a primeira a ser anunciada é a de que o mecanismo psíquico dos sintomas é variável. Desse modo, a etiologia sexual das neuroses assume a posição de destaque nas discussões que seguem; passa a ser o elo que reúne as neuroses, apesar das diferentes manifestações. É a partir dessa referência, mesmo com todos os riscos, que Freud parece ter “descoberto” uma hipótese para desenvolver o seu projeto científico, pelo caráter permanente da origem etiológica, para onde todas as explicações acerca das neuroses convergiram.

Considerando este processo das alterações hipotéticas, é importante salientar que foi introduzida uma linguagem distintiva para situar a histeria como sendo uma das neuroses, reduzindo a gravidade de seu diagnóstico. Com isso, compreendemos que além de expandir o leque das explicações, há também o propósito de dissipar uma espécie de rotulação que acompanhasse o diagnóstico de histeria. Por um lado, pensamos que isso tenha sido efeito do peso que o nome histeria pudesse imprimir nas pessoas, com base na representação da histeria

ao longo da história. Por outro lado, é possível que houvesse o interesse de não limitar a investigação nem o tratamento aos casos mais complexos de histeria. Contudo, supomos que o referido rótulo tem mais a ver com uma questão estrutural do que com a gravidade, tal como nos sugere este trecho:

Refleti que não era certo rotular de histérica uma neurose, em toda sua totalidade, só porque alguns sintomas histéricos ocupavam um lugar de destaque em seu complexo de sintomas. Era-me fácil compreender essa prática, visto que, afinal de contas, a histeria é a mais antiga, a mais conhecida e a mais marcante das neuroses em consideração, mas era um abuso, pois lançava por conta da histeria muitos traços de perversão e degenerescência (...) de modo que não surpreende que todas as piores e mais contraditórias coisas fossem reunidas sob esse rótulo. (FREUD, 2006 [1893-95] p. 274).

Uma discussão que permeia nossa leitura dos *Estudos* aborda a questão de situar a histeria nos ambientes médicos-científicos ou fora deles. Num texto sobre feminilidade, Maranhão (2011, p.31) faz uma breve introdução sobre histeria (o lugar da histérica) vinculando-a à proposta de pensar a feminilidade. Segundo a autora, Freud teria dito que Charcot foi o responsável pela “restauração da dignidade” (grifo do autor) em relação à histeria, porque a elevou ao status de doença e mais que isso possibilitou certo reconhecimento em ambientes científicos de um fenômeno que historicamente ocupavam “tribunais medievais”. Charcot propiciou essa “re-visão” ao determinar uma descrição nosográfica, a fim estabelecer um padrão para o diagnóstico. Vale ressaltar que a nosografia da “grande histeria” iria possibilitar o reconhecimento pela classe médica, mas não o suficiente para eliminar suas resistências.

Possivelmente, no âmago dessas resistências Freud tenha encontrado um novo modo de *restaurar a dignidade* da histeria, enaltecendo a fluidez e o escapismo vigentes nas descrições sobre o fenômeno, fazendo valer alguns aforismos que aparecem nos *Estudos*: o de que a histeria é sobredeterminada; de que ela pode compor um quadro de neurose mista; e de que não se trata de uma entidade clínica independente (FREUD, 2006 [1893-95], p. 275). Mesmo trilhando as margens do positivismo, da racionalidade, tanto exigidas pelo saber médico, podemos ver outras margens, a de um campo cuja dignidade histérica seria restaurada para além das considerações apresentadas até ali.

Foi preciso um movimento nesse sentido para que a psicoterapia da histeria pudesse ser descrita, tendo em vista que, ao não se limitar nos discursos da medicina, a histeria suscita um enquadre, uma lógica, uma ética diferente das já conhecidas. Precisamos retomar este aspecto na discussão, porque o texto da psicoterapia significa uma formulação, mas não uma fórmula, que implica numa reedição da histeria e do tratamento.

Desde o relato dos casos, é notável uma reformulação do método terapêutico, tanto que Freud vai considerar a eficácia do método inicial apenas no tratamento de Anna O. A partir da nossa leitura dos casos lançamos mão de uma ideia: de que o manejo da terapia se estabelece na relação, que há um comprometimento do médico e da paciente em manter a ilusão de que o médico tem as rédeas da situação. Sugerimos que existe uma espécie de partilha da responsabilidade sobre eficácia do tratamento. Desse modo, não sabemos dizer se é o método que está a serviço da histeria ou o contrário. Para exemplificar essa questão, tomaremos os questionamentos encontrados neste texto acerca do método catártico. Freud aponta como o referido método é eficaz no tratamento da histeria, na medida em que se pense a histeria como manifestação de sintomas.

Na opinião de Freud, o método catártico é sintomático, visto que é exitoso no cerne da eliminação dos sintomas acentuados, mas quanto aos sintomas que ele chama de “residuais” não tem poder de resolução. Entendemos que os resíduos são de ordem estrutural. Então, ao defender o método de Breuer, Freud parece dar uma resposta à exigência de cura, inocentando o médico nos casos considerados mal sucedidos pela ciência. Freud se baseia no valor do método catártico a fim de pensar, por outro lado, uma segunda proposta de terapia para prosseguir nesses casos “mal sucedidos”. Trata-se, porém, de uma terapia da qual não se pode dar uma descrição justificada pelos padrões médicos. Ele previne que não poderia ainda “oferecer uma ‘terapia das neuroses’ do tipo de que os clínicos precisam.” (FREUD, 2006 [1893-95], p. 277). É exatamente sobre esta “terapia” que Freud iria dispor nesse momento da escrita dos *Estudos*.

Interessante como a estrutura neurótica começa a ser inserida nas elaborações contidas nos *Estudos sobre a histeria*. No meio desse processo de apresentação e defesa do método, e também do médico, que se julgue impotente diante da histeria, foi preciso o recuo dos estudos que miravam apenas a histeria para abrangê-los em direção à neurose. Sendo um tipo de neurose, a histeria fazia parte de um complexo tipo de estrutura e, portanto, como Freud ressaltou: “um médico não pode atribuir-se a tarefa de alterar uma constituição como a

histeria.” (FREUD, 2006 [1893-95], p.278) Sendo assim, Freud passa a se referir à *análise* no lugar do *método catártico*, configurando uma substituição do objetivo da cura pelo objetivo de refletir sobre o próprio processo, e qual seria a posição do médico nesse ínterim.

Quando nos deparamos com as considerações sobre o método terapêutico que Freud pretende introduzir nesse texto, nos aproximamos de uma possível compreensão sobre a resistência à histeria por parte dos médicos. Percebemos que Freud elenca recomendações que exige certo esforço e interesse a nível pessoal, um investimento que vai além da questão diagnóstica.

Percebemos que a terapêutica proposta, consiste num para além da eliminação dos sintomas histéricos, ou seja, aquilo que por efeito do método catártico deveria ser solucionado. A palavra “análise” aqui parece significar a sequência do tratamento após a “cura” da histeria. Trata-se da terapia da neurose, a parte do tratamento a qual não cabia explicações pragmáticas, mas de percurso – o “curso das análises”, que propiciava a interpretação e a suposição de uma etiologia dos fenômenos residuais. (FREUD, 2006 [1893-95], p.281).

Em amplo sentido, a psicoterapia conforme foi apresentada nos *Estudos* seria uma combinação entre o método de Breuer, a extensão do tratamento, a “insistência” (atitude do clínico, que aparece em destaque nos *Estudos*, como sendo um artifício ao lado da técnica da pressão), e a transferência como condição ou campo. Mesmo que, nos *Estudos*, a ideia de transferência não tenha sido mencionada consistentemente como um dispositivo fundamental na análise, nota-se que os primeiros ensaios nessa direção se encontram neste texto. Nos aspectos que os textos de Freud enquanto obra em movimento nos permitem perceber essa característica de apontar ideias germinais, numa dinâmica de reparos, reedições, e algumas vezes, como neste caso, uma organização de processos da experiência que culminaram num conceito psicanalítico – a Transferência.

Esta caracterização que se descobre no processo de leitura da obra de Freud, aparece mais uma vez nos *Estudos*. É assim que nos encontramos diante da insurgência da noção de recalque e resistência como mecanismos psíquicos na histeria.

(...) E visto que essa insistência exigia esforços de minha parte, e assim sugeria a ideia de que eu tinha de superar uma resistência, a situação conduziu-me de imediato à teoria de que, *por meio de meu trabalho psíquico, eu tinha de superar uma força psíquica nos pacientes que se*

opunha a que as representações patogênicas se tornassem conscientes (fossem lembradas). Uma nova compreensão pareceu abrir-se ante meus olhos quando ocorreu que esta sem dúvida deveria ser a mesma força psíquica que desempenhara um papel na geração do sintoma histérico e que, na época, impedira que a representação patogênica se tornasse consciente. [...] de tudo isso emergiu, como que de forma automático a ideia de *defesa*. (FREUD, 2006 [1893-95], p. 282 – grifo do autor).

Antes de discutir o conteúdo presente neste recorte, insistimos em enfatizar que a escrita nos possibilita acompanhar esse processo de criação. Vimos que a concepção da defesa no mecanismo psíquico da histeria, da neurose, levou a ideias progressivas do recalque e da resistência. Entendemos que a defesa seria, em primeira instância, semelhante à repulsão, cuja descrição nos condiciona a pensar numa ação imediata a noção de um sentimento ou ideia *incompatível* (expressão que aparece na edição dos *Estudos* com a qual trabalhamos). A solidificação dessa primeira defesa instantânea resultaria no recalque, a partir do qual a resistência consistiria numa defesa tardia, psiquicamente mais elaborada. A explicação desse mecanismo psíquico introduz distinções em tipos de histeria: a histeria hipnóide, cujo mecanismo psíquico não estaria submetido ao ego; a histeria de defesa e a histeria de retenção (ex.: caso Elisabeth Von R).

Segundo as considerações sobre os tipos de histeria mencionadas no texto, pensamos que Freud enfatiza a *defesa* como uma constante nos casos de neurose histérica, pois de outro modo não se explicaria a conversão sintomática. Percebemos que essa aposta de Freud, está difundida no texto, mas não se define de maneira concisa e organizada, sobretudo pela impossibilidade de comprovação, e também pelo fato de ser uma ideia ainda em movimento. Freud, reticente, teria dito: “É de se esperar que novas observações logo venham decidir se estou correndo o risco de incidir em parcialidade e erro ao favorecer assim a extensão do conceito de defesa para toda a histeria” (FREUD, 2006 [1893-95], p.299).

Nesse âmbito, a psicoterapia da neurose se constrói alicerçada nessa ideia de combate contra as forças psíquicas. Neste sentido, se é possível falar de técnica psicoterápica, as duas do arsenal, referidas por Freud seriam a “insistência” e o artifício simbólico da “pressão” (entendemos essa técnica como substrato para efeito da livre associação), ambas consentidas e eficazes no campo da transferência.

Foi estabelecido que aquilo que não está no ego, por ser incompatível ou insuportável, encontra-se em outro lugar. Num dado momento, somos levados a pensar esse outro espaço, para além do ego, como um recipiente onde estão guardados, aprisionados, os conteúdos expulsos da consciência. Seria o inconsciente como ideia de lugar. Contudo, uma possível definição aproximada da noção de inconsciente que surge nessa parte dos *Estudos*, leva-nos a supor o inconsciente como um ente independente e tão importante quanto a consciência na constituição psíquica. Na verdade, notamos que o valor atribuído a este “novo ente”, para os fins da análise, foi um tanto maior do que o atribuído à consciência, mas devido a constante dificuldade de provas, a posição tendia a ser colocada em segundo plano, nos *Estudos sobre a histeria*. Uma possível primeira definição de inconsciente que exprime este sentido surge no texto, nos seguintes termos:

Todas essas consequências da pressão dão-nos uma *impressão ilusória* de haver uma inteligência *superior* fora da consciência do paciente, que mantém um grande volume de material psíquico organizado para fins específicos e fixou uma ordem planejada para seu retorno à consciência. Suspeito, porém, de que essa *segunda inteligência inconsciente* nada mais seja do que uma aparência. (FREUD, 2006 [1893-95], p.286, grifos nossos)

Chegamos a um ponto em que Os *Estudos sobre a histeria* poderia ser definido como um texto visual. Algumas descrições transmitem ideias que sem um correspondente imagético ficaria difícil a compreensão, sobretudo considerando o endereçamento do autor. Para dar conta de propor uma explicação sobre a inteligência inconsciente e o processo pelo qual o paciente vai tendo acesso a seu conteúdo, Freud sugere um arranjo psíquico por camadas marcando o grau de resistência, melhor definido como “estratificação concêntrica do material psíquico patogênico”. (FREUD, 2006 [1893-95],p.301). Em diversos momentos percebemos essa imagem sendo desenhada, acompanhada de contornos que dão uma ideia de movimento em direção a esse centro ou núcleo, em direção ao ponto mais profundo dessa estratificação, onde se encontraria a explicação para a causa da histeria.

Diversas expressões foram incutidas no texto, para complementar e consolidar essa imagem das camadas, das barreiras, dos *obstáculos* que deveriam ser vencidos para que se chegasse à causa específica e fundamental da histeria. Essas expressões imprimem a ligação entre os conteúdos das camadas e ao mesmo tempo, também produzem um conceito acerca do trabalho do analista. No primeiro aspecto, podemos citar referências como “cadeia lógica”,

“fio” – de ligação entre as camadas; “pontos nodais”. Já em relação ao segundo aspecto, enfatizamos a expressão “o caminho que conduz às profundezas”, caminho que deveria ser percorrido pelo clínico no trabalho de análise. Isto nos permite supor que estamos diante da mais famosa representação desse exercício de investigação na psicoterapia da histeria: a de ser semelhante ao trabalho de um arqueólogo. Representação que, segundo Rodrigué (1995, p.304), mantém uma diferença radical entre os dois tipos de investigação, porque “o arqueólogo procura tesouros, enquanto o analista remove lastros. A memória é a escória”. No entanto, essa representação encontra-se bem elaborada nesta parte dos *Estudos* a qual nos referimos (FREUD, 2006 [1893-95], p.302 -307). De fato, parece a busca por algo que está escondido, que está por trás, essa ideia sintetiza a função primordial da psicoterapia da histeria. Uma explicação condizente com esse processo é a de que se trata de uma expedição do consciente ao inconsciente, a fim de chegar a alguma causa e resolução. Contudo, mesmo após a descoberta que resultaria numa de suspensão do sintoma, a “cura” continuava a ser parcial, pois a lembrança reconhecida poderia retornar ao inconsciente. Freud chama essa possibilidade de “alternância de *revelação psíquica*” (FREUD, 2006 [1893-95], p.312).

Seguindo o raciocínio da pesquisa arqueológica, o processo de recuperação também estaria submetido ao progresso da expedição – expedição da paciente guiada pelo “analista – arqueólogo”. De modo que os sintomas cessariam na medida em que ocorresse o avanço rumo à descoberta da origem patogênica de cada sintoma em si. Daí a menção de que o sintoma é sobredeterminado. (FREUD, 2006 [1985], p.302). Freud observou que havia uma intensificação sintomática ao passo que houvesse a aproximação da lembrança patogênica associada ao sintoma. Mas, o interessante foi a consideração de que na histeria, o sintoma estaria nos planos o tempo todo, apesar da possibilidade de eliminação pela fala.

Mas, enfim, a análise se estabelece na perspectiva da recordação e verbalização da ideia oculta; essencialmente a cura pela fala que de todo modo não era tarefa tão fácil, por causa de uma determinada resistência externa, uma espécie de recalitrância do paciente e a consequente resistência solidificada, que se torna inconsciente.

Nos *Estudos*, a percepção dessa recusa obstinada por parte do paciente em relação os efeitos da análise aponta uma primeira opinião sobre o que mais tarde Freud viria considerar como resultante de uma transferência negativa na análise. Mais uma vez, portanto, pode-se perceber neste estudo, a semente de um conceito importante para a psicanálise.

No desenvolvimento interno dessa percepção, Freud avaliou que essa transferência era ocasionada pela dificuldade de aceitação de uma lembrança ou fantasia insuportável. Isto é, uma paciente histérica sob o ânimo da recusa, transferiria para o médico as representações aflitivas emergidas na análise. Segundo o editor inglês, essa foi a primeira vez que a palavra *transferência* foi referida num sentido estritamente psicanalítico. (FREUD, 2006 [1893-95])

A resistência associada ao artifício da transferência em relação ao analista ocorreria por três motivos: por uma discórdia pessoal; pelo medo de tornar-se dependente do médico; e porque encontra nessa ação a possibilidade de transferir para o médico as representações aflitivas que surgem na análise. Esta terceira motivação foi chamada de *mésalliance*, traduzida para o português como falsa ligação, fenômeno bastante característico da transferência, tendo em vista ser o mecanismo de deslocamento de um sentimento repudiado para a pessoa do analista. O tratamento sugerido para esse tipo de resistência transferencial tem o mesmo funcionamento do direcionado à remoção dos sintomas. Em outras palavras, podemos compreender que depois de sanados os sintomas, a histeria, na condição de ser uma estrutura, persistia de outro modo. Então, a psicoterapia da histeria marca um desafio à pretensão de cura, porque a neurose comporta também uma função constitutiva do sujeito. (FREUD, 2006 [1893-95], p.313-314).

Possivelmente Freud tenha sido o primeiro a se inquietar com a impotência no que concerne a ideia de uma cura para histeria; impotência para a qual o médico parece não estar preparado. Mas, justamente por essa impossibilidade, assistimos o nascimento de uma perspectiva inovadora para época – a Psicanálise. Sendo assim, questionamos se é possível considerar que nos casos apresentados nos *Estudos* houve alguma comprovação de cura. A resposta seria positiva em se tratando do propósito de atenuar as manifestações sintomáticas, afinal de contas consolidou-se o que resultaria na “cura pela fala”; por outro lado, não se pode falar em cura para uma não-doença. Imaginamos que talvez por isso, durante tanto tempo a histeria tenha sido considerada como um estigma, uma marca negativa, pelo fato de que algo quando não pode ser vencido, é repudiado.

Freud e Breuer mostraram através de seus estudos que a histeria como parte do universo da neurose, acometia pessoas comuns e até mesmo pessoas notáveis. Um exemplo de histérica notável, na opinião de Denise Maurano (2010), apesar de não estar pautada pelo diagnóstico analítico, foi a imperatriz Elisabeth II, do Império Austro-Húngaro, que ficou conhecida na história como Sissi. Para esta autora, Sissi deu à histeria grande visibilidade, que

acabou sensibilizando o “jovem Freud, bem como a todos os estudiosos dessa área em sua época. De certa forma, a imperatriz colocou a histeria no topo da moda, além de ter-lhe resgatado certa condição de respeitabilidade.” (MAURANO, 2010, p.31 – 32).

Já as históricas que foram apresentadas nos *Estudos*, descritas com aparente simplicidade, favoreceram a aproximação dos médicos/autores de fenômenos tanto quanto extraordinários, mas com menos visibilidade. Rendendo-se à histórica, esses estudiosos, sobretudo Freud, se dispuseram a tratar a histeria, instituindo uma espaço, uma escuta voltada inteiramente para ela; tratamento este justificado pelo propósito de amenizar os sofrimentos. A cura, neste caso, foi subjugada à possibilidade de reestruturação da paciente, apesar da histeria. Para Freud (2006 [1893-95], p.316), a promessa analítica poderia ser sintetizada na intenção de transformar o sofrimento histórico em infelicidade comum. Pensamos que esta pretensão declarada há mais de um século talvez tenha se concretizado e que hoje a histeria tenha passado ao status de uma infelicidade comum que de tão comum tenha sido esquecida.

Sobre a “cura” das pacientes, cujos casos compõem os *Estudos*, não dá pra saber até que ponto perdurou. Consta em Quinodoz (2007, p.23) que Anna O. continuou seu tratamento, mesmo após Breuer ter afirmado que a jovem gozava de boa saúde. Parece que ela ainda apresentou durante um bom tempo dores que foram tratadas a base de morfina e também chegou a ser encaminhada para Ludwig Binswanger; e só mais tarde teria se mudado para Alemanha onde se dedicou a obras sociais e tornou-se escritora. Quanto as outras históricas, nossa pesquisa não chegou a nenhuma informação subsequente ao período relatado nos *Estudos*.

7. OS NOVOS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA - CHARLES MELMAN

7.1 A histeria nasce com o nascimento do sujeito moderno

Mais de um século se passou desde que Freud e Breuer lançaram seus Estudos sobre a histeria. Nesse espaço, podemos considerar que muita coisa deve ter mudado nas concepções acerca da histeria. Também, partimos da percepção de que já foi possível visualizar alguns processos na direção de algumas mudanças nos *Estudos* antes mesmo de nos encontrarmos diante de um *novo* estudo. De acordo com Melman (1985) as mudanças já se encontram na própria evolução do pensamento de Freud. Tanto que, na opinião do autor, Freud ficou nos devendo um *Novo Estudo*, tendo em vista as reformulações que ele asseverou em seu percurso de construção da psicanálise. De modo que, os *Novos Estudos sobre a Histeria* pudesse ser um texto que caberia muito bem dentro das obras completas de Freud. Mas, foi preciso o intervalo de um século para que ele fosse escrito e precisou também que houvesse primeiro uma leitura lacaniana de Freud, tarefa esta que Charles Melman se incumbiu apropriadamente e lançou numa ocasião bastante oportuna.

Os *Novos Estudos sobre a Histeria* é o livro que resultou de um seminário com o mesmo título que Melman deu entre os anos de 1982 e 1983, no hospital de Salpêtrière, em Paris, o mesmo ambiente no qual Freud foi seduzido pelo estudo da histeria, após ter feito o curso com Charcot. Esse seminário aconteceu exatamente cem anos após o início dos estudos de Freud e foi publicado em 1985 (pelo menos a versão em português com a qual trabalhamos), completando também cem anos da publicação do estudo original.

A introdução do livro em questão apresenta o nascimento da histeria vinculado ao nascimento do sujeito moderno, cuja data Lacan teria marcado a partir da ética operada por Descartes, ética que fez nascer a ciência. Pensamos que isso se deve ao fato de que a partir de Descartes o ser humano tenha adquirido consciência da sua divisão, consciência da sua subjetividade. O *cogito* instaura no ser humano a noção de que ele existe e tudo o mais que existe depende de sua consciência e isso estabelece um certo peso, porque as indagações que antes eram completamente voltadas às transcendências (às origens, à natureza), com o racionalismo passou a ocorrer voltada à própria existência. A ciência aqui é tomada como berçário de um sujeito exilado que seria o mesmo que dizer, sujeito histórico, porque ela cria um ambiente inseguro para o sujeito que outrora parecia se sustentar na *alegre segurança* de

um mundo acabado, balizado pela palavra de uma figura semelhante a Deus. Mundo de semblante que a histérica recusava, ainda que “fingisse” suportar. Como se no fundo vivesse à espera de uma revolução que, não mudasse o mundo, mas revelasse a verdadeira vida. (MELMAN, 1985, p.14)

Iniciamos nossa leitura com essa introdução de Melman, pois parece justo que fosse delineada uma suposição de nascimento da histeria dentro desse *Novo* a qual nos propomos discorrer a partir da leitura desse autor. Tal delimitação é figurativa, um recorte de uma história que certamente é anterior ao nascimento da ciência e do sujeito moderno. Melman reconhece isso ao dizer que a histérica é aquela que viria anunciar que no Outro, algo não está bem.

A histeria existia antes desse sujeito, mas é seu advento que nos permite apreender retroativamente o que ela foi: precisamente a expressão desse Deus revoltado pela insuficiência do serviço prestado, de cuja revolta uma mulher podia estimar-se a primeira vítima. (MELMAN, 1985, p. 15).

Pensamos que a referência ao nascimento desse sujeito pela ciência se esclarece se o imaginarmos semelhante ao *segundo* nascimento do ser humano, caracterizado pela intrusão do pai na relação com mãe e subsequente inscrição na linguagem. Adjetivamos de segundo este nascimento em consideração ao primeiro, o biológico, sendo o segundo aquele que se estabelece do reconhecimento da existência própria. Seria o nascimento do sujeito, quando a pessoa começa a sair dessa posição de existência indiferenciada e segura, para aperceber-se um ser separado do Outro representado pela mãe.

A ciência, então, produz como efeito, um sujeito dividido quando o expulsa do sistema formal que existe independente dele, infligindo o conflito e a insegurança. E obriga esse sujeito a encontrar uma maneira de subsistir a essa condição fazendo sintomas, arquitetando falsas previsões ao sistema.

Melman salienta que com a *forclusão do determinismo*²¹, que assegurava certo conforto, a liberdade passa a ser afirmada nesse sujeito. Todavia, o sujeito histórico vem denunciar os efeitos inconvenientes dessa liberdade, alertando que nem sempre ela é benéfica. Melman (1985) considera que a denúncia, neste caso, se trata de uma denúncia subvertida,

²¹ No sentido de que passou do tempo, “fora do tempo”.

mas não subversiva. Subvertida porque inverte a lógica que geralmente supõe a liberdade como condição almejada pelo ser humano; não subversiva porque ela visa alertar que esta abolição também faz sofrer. Para Melman (1985), o histérico seria, portanto, o sujeito que promove potência a esse Outro, seja o pai ou a própria ciência, a fim de propor uma amarração. Potência esta que é suficiente para realizá-lo e fazer com ele subsista apesar da dúvida implantada pela forclusão. Tal expressão, no contexto em que aparece, a nosso ver, adquire o sentido geral do “estar fora”, do exílio, como se falasse de um sentimento de forclusão que, de certa forma, todos os sujeitos, independente da estrutura, apresentam em sua constituição. Pensamos que, nesta passagem, Melman não esteja se referindo aos sujeitos fixados na errância, como seria o caso dos psicóticos. (RABINOVICH, 2001).

Na sequência, a proposição ou questionamento que Melman lança parece ser relativa à suspeita do enfraquecimento dessa potência entificadora do pai, do Outro. Será que não teria sucumbido demasiadamente? Assim, ele afirma que “saber se poderia ex-sistir um sujeito menos fascinado pelo pai, eis uma das interrogações que anima este livro” (MELMAN, p.15).

Além dessa visão introdutória que versa sobre um nascimento necessário - o sujeito moderno, ‘naturalmente’ *forcluído* -, Melman (1985) também constrói outra perspectiva no que diz respeito à história da histeria. No prólogo, que consiste numa publicação do *texto falado* de Melman da conferência dada em Salpêtrière numa *terça-feira*, do ano de 1984. Melman vai demonstrar como a histeria desde a antiguidade transita entre o “rigor” das explicações científicas, fisiológicas e as explicações mágicas. Melman escreve sobre como a histeria sempre foi escorregadia nesse sentido, ou seja, a certeza de que há uma explicação coerente e objetiva para o fenômeno. Só haveria uma noção que perpassa todos os campos, uma característica perene no modo de olhar a histeria desde os tempos antigos até Freud, quiça até hoje - a suposição da metáfora nos sintomas histéricos. (MELMAN, 1985). Com a diferença de que antes essa metáfora era apreciada apenas visualmente e Freud percebeu que em vez de algo para ver, a histérica tinha algo a dizer. A substituição instrumental do olhar pela escuta foi a alteração fundamental que possibilitou a Freud entender que a metáfora existia justamente pela dificuldade de comunicação direta do desejo inarticulável. Uma imposição do impossível que acontecia pela barreira do recalque.

7.2 Os Novos estudos balizados pelo Além do Princípio do Prazer

Nesta apresentação do texto, Melman cita três tópicos dos Estudos sobre a histeria que se tornaram determinantes para o futuro da psicanálise: 1) o recalque como sendo o mecanismo geral da neurose; 2) a relação psique-soma; 3) uma economia do aparelho psíquico comandada pelo *princípio do prazer*.

O prólogo foi intitulado de “A histeria como mal da vida” e a chegada neste ponto da discussão nos permite compreender que, a propósito dessa intitulação, Melman toma como ponto de referência para suas especulações acerca da histeria, a formulação da segunda tópica de Freud, responsável por estabelecer uma alteração na lógica econômica do aparelho psíquico. O momento em que, de acordo com Melman, Freud poderia ter revisto seus Estudos sobre a histeria é a partir dessa reformulação acerca do modo como o aparelho psíquico opera. Curioso é que o texto de Freud que versa sobre essa reformulação é de 1920 – *Além do princípio do prazer* -, sendo a última publicação dos *Estudos* foi em 1925, e o texto não foi modificado, a não ser pelo acréscimo de algumas poucas notas.

Essa “dívida” de Freud permeia sutilmente a discussão de Melman nos seus *Novos Estudos*. Inevitável para o leitor que se aproprie desse questionamento também. Mais adiante, uma suposição de Melman parece responder essa questão. Ele vai dizer que aos Estudos sobre a Histeria são inauguradores de um percurso e que inevitavelmente Freud fala de si, de modo que isso veio a corroborar nossa ideia de que antes de tudo os *Estudos* possuem um caráter histórico ao lado do teórico e que mudá-lo seria apagar um traço da história e de sua própria história (de Freud). As mudanças ocorridas das concepções contidas nos *Estudos*, podemos dizer que aparecem em muitos textos de Freud, só não foram agrupadas em compilação de um novo texto que comprovasse uma reestruturação do texto original.

Os *Novos estudos sobre a histeria* é inovador como não poderia deixar de ser, mas também é um texto sequencial. A leitura prévia e ingênua em comparação com esta a qual nos propomos agora, próxima e atenta, nos fez ver que é tarefa difícil, ler os *Novos estudos* de Melman sem ter passado pelos *Estudos*. E perceber, sobretudo que Melman toma como tese central as variações que ocorrem a partir do texto de Freud *Além do Princípio do Prazer* (1920).

Se considerarmos seriamente esta *segunda tópica, o automatismo da repetição, o para além do princípio do prazer*, será necessário admitir que o

sintoma não é mais aí um acidente ligado de alguma maneira àquilo que seria pusilanimidade ou o erro do sujeito, ou mesmo de seu ambiente que o teria induzido, mas que ele é propriamente constitutivo do funcionamento psíquico. (...) Foi preciso, todavia um ano de seminário para que eu me autorizasse a avançar esta interrogação²² que poderia, no entanto, hoje parecer a questão primeira dos psicanalistas. A partir desse impasse, vemos bem como a questão colocada pela histeria é central e a maneira nova pela qual ela nos interroga. (MELMAN, 1985, p.20-21)

Na leitura de Melman, pautada pela tese lacaniana de que não existe relação sexual, a compulsão à repetição do sintoma que jamais cessa, se explica pelo impossível dessa relação. Essa constatação, mais do que o recalque parece asseverar que o obstáculo cuja determinação sustenta o sintoma não é somente difícil, mas impossível de ser atravessado. (MELMAN, 1985). Por esta razão, podemos dizer que, em essência, a histeria, a neurose, independe da barra imposta pelo recalque, isto é, ocorre mesmo quando há uma suposta suspensão do mesmo. Além disso, outro ponto de ancoragem para manutenção do sintoma histérico se dá devido à própria manutenção da transferência, visto que sempre vai existir um endereçamento, e é necessário que o haja para que a expressão sintomática na histeria faça algum sentido. Mesmo em tempos como este em que as transferências precisam ser renovadas numa velocidade quase instantânea, ela não deixa de ocorrer.

O que Melman nos diz com isso é que dois pilares possibilitam a potência do sintoma histérico e justifica a permanência desse fenômeno, ainda que o recalque e as transferências tenham se enfraquecido. A chegada a tal conclusão resulta da noção de que há algo “além do princípio do prazer” operando para que os sintomas subsistam.

Enquanto expressão do recalcado, a histeria funcionava como uma saída apesar de conduzir a consequências flagelantes, apesar do padecimento. Estava mais para um mal passageiro que ocorria em prol da regulação econômica das tensões no psiquismo – o princípio da constância.

No início do *Além do princípio do prazer*, Freud diz que essa regulação em favor do equilíbrio econômico das tensões, regido pela evitação do desprazer, compunha um automatismo mental. Novamente imprime a imagem do psiquismo como um aparelho e sua lógica funcional de carga e descarga. Esse automatismo estabelecia que a vida oscilasse entre

²² Interrogar se é possível ou não sair do sintoma, do automatismo da repetição.

o prazer e o desprazer e sempre num movimento linear crescente em direção ao prazer, pela diminuição na quantidade de excitação. Até que nesse processo de formulação teórica, Freud veio perceber uma recorrente contradição ao notar que a pretensão ao prazer não passava de uma tendência, e que não era necessariamente praticável. Tendo em vista que, o contrário ocorresse mais, isto é, as experiências desprazerosas incidiam, com muito mais frequência. Mais que isso, eram repetidas mesmo após a tomada de consciência do desprazer. (FREUD, 2006 [1920], p.19). Numa conclusão um tanto penosa, foi possível afirmar que o desprazer neurótico é, na verdade, o avesso de um prazer que não pôde ser sentido como tal. (FREUD, 2006 [1920], p.21)

Freud partiu da observação da criança e sua brincadeira do *Fort-da* que, em síntese, mostra uma representação da situação oscilante entre os pólos do afastamento e do retorno, da perda e da recuperação, da frustração e da alegria. Situações estas que são ensaiadas pelas crianças em seus jogos a fim de demonstrar o estabelecimento de uma estruturação psíquica e subjetiva que organiza o homem em torno dessa inevitável repetição ao longo da vida – repetição que está no limiar entre o desprazer e o prazer, mas que, em nível inconsciente, ultrapassa tal polarização. *A priori*, está posto no *Além* que esse tipo de repetição que surge nas brincadeiras infantis decorre primeiro do vivido, algo que tenha deixado forte impressão na vida real; num segundo viés, reproduz um desejo que as domina: o desejo do crescimento. E isso está bem próximo da dimensão do ensaio mencionada acima. Mas a questão que parece ter impressionado Freud foi a percepção de que esse impulso “pode encontrar expressão num evento primário e independente do princípio do prazer”(FREUD, 2006 [1920], p.27). Então, pautado pela observação que relata no texto, Freud concluiu que essa capacidade de repetir uma experiência desagradável está associada à sensação de produzir um prazer “mais direto”. Entendemos essa expressão – mais direto – como uma capacidade de reatualização do prazer na experiência e não apenas no pensamento, na lembrança.

Freud parece continuar falando de um certo automatismo no mecanismo psíquico regido pelo princípio do prazer, mas com a diferença de que a esta altura não se limitava apenas a explicações funcionais de um aparelho, continha implicações mais da ordem do desejo. Desejo primitivo e independente da regulação.

Percebemos que este referido “além” tem a ver com algo que é *anterior* (no sentido de primitivo, primeiro) e por isso é também anterior e mais *dominante* do que o princípio do prazer. O primitivo seria o *reprimido*, cuja essência jamais poderia ser rememorada como uma

lembrança, e esta parte essencial, que não é passível de recordação é exatamente o que faz com que haja a repetição, porque repetir resulta numa experiência contemporânea, enquanto recordar remete ao passado. Freud até vai ressaltar que foram precisos vinte e cinco anos de estudo para se dar conta desse movimento e perceber que isso resultava, inclusive, numa alteração da proposta da clínica psicanalítica, que antes era vista acima de tudo como arte de interpretar. (FREUD, 2006 [1920], p.29)

Trazemos esta questão à tona para continuar dizendo que apesar de não escrever um segundo estudo, de não ter reformulado suas primeiras concepções acerca da histeria, Freud vai nos conduzindo em suas mudanças. Interessante notar que a partir de um texto onde tais mudanças aparecem não associadas diretamente à histeria – Além do Princípio do prazer - Melman tenha promovido uma discussão que retorna aos Estudos sobre a Histeria, em uma perspectiva atualizada. E vamos além, ao dizer que é atualizada não só no âmbito das reformulações freudianas, mas pensamos que, considerando a própria necessidade de reestruturação do analista frente a tais mudanças. O que Melman nos diz nesse sentido, é que apesar das modificações conceituais, “a permanência de uma parte da força atrativa dos sintomas nos (a psicanálise e os analistas)²³ incita a retomar os estudos sobre a histeria, que foram causa da psicanálise” (MELMAN, 1985, p.32).

7.3 Histeria - Uma história escrita no corpo

O funcionamento do mecanismo psíquico marca as primeiras formulações dos Estudos sobre a histeria. Em suma, podemos dizer que há três tópicos fundamentais sobre os quais os *Estudos* está ancorado: a descrição do mecanismo psíquico da histeria; a supervalorização da vivência traumática como causa etiológica externa e preponderante; e por fim, a consideração da defesa e do recalque associados à causalidade. Essas concepções teóricas dimensionavam uma espécie de explicação etiológica universal. Ainda assim, assistimos também nos *Estudos* Freud situar a biografia da histérica num lugar privilegiado.

Sem pretender levantar um debate que supõe ser antigo, Melman (1985, p.34) assegura que não se trata, aqui, de casar estrutura e história. E então delibera que a histérica é filha desse divórcio, na medida em que se esforça para recusar sua origem que, no entanto,

²³ Acréscimo nosso.

invariavelmente não a larga. Pode-se concluir que Melman está se referindo, sobretudo à histérica de Freud, aquela cujo *fantasma das origens* é sempre dramático e a persegue apesar de seus esforços para compor, fantasiar, outra história, outra opção de destinação. Por conta da concentração nesses relatos “historicizados”, possivelmente, Freud tenha concluído, a princípio, que a ocorrência do trauma era tão preponderante para incidência dos sintomas histéricos e de que a ab-reação verbal aliviaria o sujeito de seu sofrimento existencial – a proposta metodológica de Freud que caracterizava uma promessa de cura.

Sobre essa tentativa de recriação da sua história, Melman também nos oferece uma espécie de explicação comum, a de que “o fantasma originário (*Urphantasie* – primeira fantasia; primeira cena) sobrepõe uma realidade psíquica àquela dita material, permanecendo por explicar por que as mesmas invenções reproduzem-se sempre com o mesmo conteúdo, ao ponto de constituir um patrimônio filogenético.” (MELMAN, 1985, p. 36). Haveria, portanto, um rigor na inventividade da histérica, rigor especificado então pelo fato de a incidência dos sintomas privilegiarem o corpo como palco. Melman analisa a figura do esquema cruciforme de Freud que se encontra no rascunho G enviado a Fliess em 1895, onde ele traçou uma linha vertical para separar o exterior do interior e uma horizontal para demonstrar a psique e o soma.

O corpo é tomado nesse esquema como a verdadeira exterioridade do sujeito, seu limite irreduzível, visto que não se pode escapar dele. E por isso o corpo é sempre fonte de irritação para psique. Para Melman, no contexto dos *Estudos* não era preciso nem mesmo o recalque para que o corpo fosse sentido como uma carga. Acrescenta, no entanto, que hoje é difícil sustentar o esquema cruciforme de Freud, embora tenha sido primordial para formular a tese sobre a expressão do sintoma histérico sobre o corpo como sendo uma comunicação hieroglífica. Mas, justifica que foi necessário retomar essa discussão sobre o *esquema* porque sem ele não há possibilidade de “localizar” a somática da patologia histérica: “existe, certamente, uma doença corporal, mesmo que não seja reconhecida como, pois esta é a realidade imposta pelo fantasma.” (MELMAN, 1985, p.38).

7.4 A história que põe o pai em cena

Notamos que Melman propôs um salto que, na verdade, para nós supõe um retorno ao assunto inicial, quando começou esta discussão, sobre o sintoma histérico ser resultado notável da imposição da realidade psíquica sobre a material e de que existe uma verdade subjetiva. Na sequência entendemos que Melman veja nisso uma explicação plausível para que o sintoma histérico não tenha sido aceito, ou reconhecido como uma realidade concreta porque se trata, sobretudo, da realidade imposta pelo fantasma. E esse fantasma ele vai interpretar a partir da representação cênica recorrente nas históricas: a questão do trauma fazer aparecer o pai. E mesmo quando este não aparece, surge algo como um substituto dessa instância. (MELMAN, 1985, p.38)

Melman chama de cena violenta a transformação da relação com o pai que se processa nas meninas; transformação de uma relação inicialmente “fundada no amor e na identidade para uma marcada pelo sexo e a alteridade”. Esta cena inaugura uma queda no sentido da perda do trono, num roteiro que até um determinado momento a menina desenvolvia a mesma atividade fálica que os meninos até descobrir que está condenada a um outro destino. O destino que implica num abandono, visto que o pai já não poderia mais garantir o reconhecimento de sua identidade (MELMAN, 1985, p.38).

Nesse ínterim de elaborações acerca do fenômeno histérico, entendemos que Melman (1985, p.39) vai dizer que a expressão sintomática histérica (esta doença que não é doença) é o mesmo que uma proteção ao pai, pois mesmo que o fantasma apresente o triunfo da relação incestuosa, em tempo, a denúncia do incesto protege o pai da suspeita de impotência que possa pairar sobre ele. Desse modo a histeria, em linhas gerais, pode ser reconhecida como uma proteção ao pai. Esta formulação será importante para se pensar, por exemplo, a questão de que na contemporaneidade estamos diante da visível destituição do Pai de sua função, do suposto enfraquecimento ou mesmo ausência do significante mestre, do Outro, do referente.

A princípio pensamos que conceber uma imagem do pai destituído de sua função seria um forte indício para supor o desaparecimento da histeria. No entanto, o que a leitura nos suscita é justamente o contrário. Melman (1985) parece sugerir que este pai supostamente morto está vivo enquanto a histeria subsistir, porque a histérica protege o pai do declínio. Ela promove uma retirada do pai do seu lugar comum, onde ele deixa de ser aquele a quem todos reconhecem de igual maneira, sem o privilégio da reverência. A lógica é semelhante ao que

ocorre a uma canção quando se populariza e perde seu valor diante dos olhares mais críticos. O mesmo parece ocorrer com a imago paterna na histeria. A histérica parece objetivar, portanto, uma inversão da representação patética do pai, visto que seja pouco interessante para sustentá-la enquanto sujeito. Por isso, a histérica freudiana fez de seu pai um criminoso, e sendo assim concedeu-lhe um lugar de destaque.

Ainda sobre a lógica contraditória quanto à questão do lugar do pai no universo histórico, Melman (1985, p23) apresenta uma ideia semelhante. Trazendo mais para o problema dos sintomas, o autor nos diz que “o tipo paternal é suficiente para exacerbar a sintomatologia”. No trecho, Melman se refere à transferência, mas prosseguimos com isso a fim de pensar essa proporção no que tange a relação entre a histeria e a paternidade. Parece pertinente considerar que na histeria há uma insistência em fazer do pai o suporte da sua expressão e desse modo fazê-lo príncipe de um reino no qual a histérica pudesse ser rainha.

O pai bonzinho, paternal, não é o exatamente o que interessa para histérica, mas a figura do mestre. Talvez por essa razão, o relacionamento com este pai intensifique a manifestação da histeria (esta característica aparece nos relatos de caso nos Estudos considerando que o objetivo primordial seria o de suscitar nele um outro papel. Portanto, se faz necessário “matar” essa representação para que em seu lugar surja uma outra representação que proporcione a sustentação subjetiva da mulher. Em outras palavras, é em função da constância do mestre que a histérica trabalha. Pautados por essa conjectura, podemos supor que a histeria possui uma dupla função, a de promover a mestria do Outro enquanto busca consistir em sua condição sujeito feminino. Ambos os objetivos interagem acerca de uma mesma variável sempre presente na histeria, a dimensão do lugar – o lugar do Outro e o seu lugar em relação a este Outro.

7.5 Histeria e a atopia do feminino

Percebemos que o que na histeria está mais aparente, o que sempre se repetiu ao longo da história independente das diversas explicações já sugeridas para o enigma, antes e depois da psicanálise, é a vinculação que se atribui ao feminino. É preciso dizer, antes de tudo, que tal como Maurano (2010, p.42) adverte, “masculino e feminino referem-se na psicanálise a *posições* que podem ser frequentadas tanto por homens quanto por mulheres,

para além de serem distinções de gênero”. Portanto, a concepção de feminilidade e a oposição que inevitavelmente se produz em relação à masculinidade, para a psicanálise não se explicam somente por aceções sociológicas.

No texto *feminilidade* (1933) Freud apresenta uma concepção da constituição do feminino. A explicação neste texto se pauta na diferença anatômica entre os sexos e no complexo de castração como sendo fator determinante para a constituição psíquica da mulher. Freud atribuiu como peculiaridades do feminino, a posição de passividade, o masoquismo e um grau de narcisismo mais forte do que no homem, o que vai afetar a escolha objetal das mulheres porque imprime nelas que a necessidade de ser amada é maior do que a necessidade de amar (FREUD, 2006 [1933], p. 131).

Fomos buscar compreender a ligação da histeria com o feminino a partir do que Melman concebe nos “*Novos Estudos...*” Primeiro tomamos como ponto de partida uma percepção em termos de elementos textuais. Percebemos que no texto, as palavras *histérico* e *histérica* possuem função sintática diferentes. A palavra escrita no feminino tem substância, é sujeito; enquanto que sua variação para o masculino é comumente utilizada para adjetivar, como por exemplo, nas expressões “sintoma histérico”, “fenômeno histérico”; jamais histérico como sendo o sujeito. Então daí já é possível nos certificar de que a histeria não é pensada fora da posição feminina.

Melman (1985) traz a posição feminina como referência de lugar. Para ele, “a histérica presentifica excelentemente para nós este enigma da relação do sexo feminino com o lugar.” (MELMAN, 1985, p.18); mais precisamente o enigma do lugar que é reservado à mulher. Isto porque a mulher é essencialmente a própria figura do exilado, na medida em que sua castração é real. A castração na mulher mais do que uma ameaça, consolida a perda do trono que é sustentado pela primazia do falo. É sobre este território do exílio que o feminino se constitui.

7.6 Histeria e escrita como via de inscrição

Pensamos que a busca pela restauração desse lugar perdido seria o que justifica a histeria. Maranhão (2011, p. 34) diz algo pertinente nesse sentido, ao supor que o sintoma histérico funciona como uma denúncia da inexistência de uma identidade feminina. A

afirmação coincide também com o que Melman (1985) diz sobre Freud ter tomado o sintoma na histeria como algo que pede um deciframento - mais do que uma simples leitura, um deciframento, posto que a linguagem seja estranha; linguagem de um sujeito que está em posição difícil ou mesmo impossível de ser definida, bordejada, delineada. O sintoma histórico se configura como uma língua estrangeira. O que tem de estrangeiro nessa comunicação está vinculado à condição de sujeito exilado, própria da menina que perdeu seu trono, própria da mulher que não assume uma posição fixada, um lugar reconhecido.

Interessante esta acepção do sintoma na histeria como uma linguagem, pois nos remete a uma associação com o que Melman (2003) diz da constituição subjetiva da mulher se dar também pela via da escrita. Então, por que não perceber o sintoma como uma tentativa de inscrição? Melman expõe essa ideia no livro “As novas formas clínicas no início do terceiro milênio” (2003). Este livro é resultado de um seminário ocorrido em Curitiba-PR no ano de 2002. Num dado momento, Melman foi interpelado com a seguinte consideração de A. Jerusalinsky: “Não estou seguro de que hoje a maior frequência seja de escutar a mulher reclamar ser tratada como sujeito...” (Jerusalinsky in MELMAN, 2003, p.25) dando sequência a esta colocação, explica-se: “(...) a mulher é mais sintônica com a atual tendência do discurso de situar o sujeito diante de uma produção supletiva, do objeto como assegurador do laço, a mulher parece estar mais inclinada ser tratada como sujeito e como objeto.” (Idem). Diante disso, Melman se posicionou dizendo: “Alfredo, você tem razão. É verdade que nós nos engajamos efetivamente nesse estilo. Porém percebam o seguinte: vemos cada vez mais escritoras (...) o que a mulher vai buscar nessa escrita?” (MELMAN, 2003, p.26). Sendo assim, percebemos que o autor acredita que esta seria uma das maneiras que a mulher encontra para criar uma subjetividade feminina, uma forma de se registrar, de revelar um ponto de vista onde da feminilidade se mostre e seja reconhecida.

Esta linha de compreensão do sintoma comparando-o a escrita no que concerne a uma tentativa de inscrição da subjetividade própria da posição feminina, associada à histeria como uma espécie de denúncia dessa atopia, nos proporcionou alguns desdobramentos.

Este ponto da nossa leitura nos reportou a um livro chamado “Minha ficção daria uma vida” (2010) de Ruth Silviano Brandão²⁴, no qual ela escreve uma espécie de relato autobiográfico com um estilo muito peculiar, estilo que apreendemos como algo muito

²⁴ Doutora em estudos literários pela UFMG. Trabalha com as interfaces entre literatura e psicanálise, e a construção de personagens femininas.

próprio da escrita engendrada na posição feminina. Simplificando, seria uma *escrita feminina*²⁵. A nosso ver, a escrita feminina é aquela que traz à tona uma espécie de inquietação e o desejo de buscar um lugar; ao mesmo tempo é aquela que revela uma incompletude. Esses são elementos que aparecem tanto na forma quanto no conteúdo da escrita. Na forma, podemos dizer que seria uma escrita que não produz um pensamento objetivo, que em geral não se encerra com o ponto final, de modo objetivo; mas se mostra reticente e revela-se bastante polissêmica. Grosso modo, seria análoga ao que caracteriza a escrita literária – é a escrita maleável, não rígida, que cria uma realidade ficcional na qual a linha que separa a realidade da ficção parece muito tênue. Assim, no texto da Silvano Brandão, acima referido, supomos estar diante de uma escrita que pode ser compreendida como escrita feminina.

O campo no qual a escritora cria é a literatura, o que a nosso ver proporciona uma aproximação da escrita com as questões que a psicanálise se propõe tocar. Neste livro nos deparamos com os pilares do nosso estudo sobre a histeria. Observamos certa referência à desconstrução e principalmente à psicanálise, além de que o texto possui um estilo de criação, uma invenção criativa da vida que vai se constituindo através da própria escrita. Este livro, lido em tal contexto – o da leitura dos *Novos estudos sobre a Histeria* – se tornou expressão de semelhança entre a histeria e a escrita na busca por constituir uma subjetividade feminina, relacionada, sobretudo, a questão do lugar da mulher, que parece percorrer um lugar indefinido, uma terra sem chão. Brandão (2010, p.14) precipita uma interligação entre a escrita e a subjetividade feminina, entre a escrita e o fato de ser mulher: “esqueci de dizer que sou mulher, mas penso que já o notaram, pelas concordâncias que a escrita vai fazendo.”

Nos *Estudos sobre a Histeria* (1895), Freud nos induz a acreditar que a natureza do seu objeto de estudo, a histeria, pedia um jeito de escrever específico, como o que traz um traço de incompletude, uma espécie de abstração; elementos que compõe a escrita literária. Na ocasião, Freud parecia ter se lamentado, ao comparar seus relatos de caso a contos, mas também pode ser coerente supor que desde então tem se configurado esta paridade da histeria com a escrita e este algo que se inscreve reticamente.

²⁵ Maria Cristina Poli, em seu artigo – Uma escrita feminina: a obra de Clarice Lispector (2009) apresenta uma possível explicação para a expressão *escrita feminina*, numa concepção psicanalítica. Para Poli (2009) o estilo feminino de escrita trata de “operar com as categorias psicanalíticas de castração, privação e estranho.”

A maneira como Brandão (2010) narra sua vida é como se escrevesse uma história de ficção (em muitos momentos até confunde o leitor). O estilo desta escrita induz a dois sentidos: a de que a escrita imprime a vida em sua objetividade e concretude e também a de que a escrita também inventa a vida. A escritora mescla fantasia e realidade de modo que nos parece difícil a distinção. Este mesmo procedimento a histérica, em Freud, teve, a ponto de confundi-lo sobre a sedução paterna, por exemplo.

Escrevendo ou fazendo um sintoma, o sujeito expõe metaforicamente vozes que não são dizíveis, mas ecoam. Poderíamos dizer que são reminiscências, elementos que formam a outra cena, como ocorre na histeria. E os produtos desses ecos são as arestas da subjetividade. Quando Melman (2008) fala que as mulheres escrevem muito mais hoje em dia, não implica que somente desse modo, por meio da escrita, elas saiam da posição de objeto e subsistam enquanto sujeito. Nessa colocação reconhecemos duas outras perspectivas: a primeira seria a de que ele estivesse falando, alegando que no que concerne a época, hoje em dia parece mais fácil utilizar a escrita como meio de se posicionar, se formos pensar em comparação com a época das históricas de Freud. A segunda perspectiva tem a ver exatamente com essa ideia de que a escrita serve como via para sustentar a palavra, admitir um lugar que não seja tão indefinido como o é na posição feminina, além de comunicar as vozes inconscientes, tal como parece fazer sintomas históricos. “Então escrever é uma tentativa de escutar os rumores que me habitam ou de vê-los tomarem forma de letras e servirem-me de oráculo, como tantas vezes aconteceu, sem que eu percebesse, no momento que acontecia.” (BRANDÃO, 2010, p. 24).

A narrativa de Brandão, ainda delata um pouco este lugar de submissão no qual o feminino se inscreve, independente da época, até porque a explicação para isto está nos argumentos de Freud sobre a castração e seus efeitos subjetivos. Melman nos *Novos estudos sobre a histeria* (1985) pensa a questão da feminilidade quando escreve sobre o recalque e mais especificamente sobre o recalque na mulher. Novamente, ele menciona as modificações introduzidas após o texto “Além do princípio do prazer (1920)”. As modificações que ele destaca seriam: o recalque não é mais atribuído ao eu (no texto está escrito *Ich*), mas ao sobre-eu²⁶; e a angústia não é considerada apenas como resultante do recalque, ela também o cria, como se fosse para proteger. (MELMAN, 1985, p.50)

²⁶ Expressão utilizada por Melman (tal como aparece na tradução) para designar o *superego*.

A instauração da feminilidade, para Freud, acontece pelo recalque da atividade fálica na mulher, recalque este que, no entanto, deve ser limitado. O recalque de tendências sexuais e a renúncia a uma parte da atividade feminina, após a descoberta da castração é exato que aconteça, mas o que vai direcionar a uma feminilidade patológica ou “normal” é a medida do recalque. Melhor dizendo, tal recalque jamais deixa de ocorrer, mas não pode ser exagerado, nem mínimo, é preciso que haja certo equilíbrio; seria o grau de recalque da atividade fálica que comandaria o destino da mulher. (MELMAN, 1985, p.52)

Um questionamento surge daí: como saber a medida certa para este recalque ser bem sucedido? Melman (1985, p.53) vai lembrar que se esse recalque sendo limitado, também pode resultar na “assunção de um falicismo maior, mesmo que com aparência de ‘passividade’.” Esta opinião é um tanto complexa, mas pensamos que se justifica justamente porque os limites existem para domar excessos (conteúdos recalcados, talvez), e estes excessos que escapam é como se atuassem na surdina para sempre lembrar que, neste caso, a feminilidade é um estatuto inventado, que acontece as custas de muito esforço. Dito isto, pensamos que o recalque teria a dupla função de promover a possibilidade de instauração de uma identidade, de uma posição subjetiva, posto que balize a angústia da castração, mas também vai denotar que se trata de uma *pseudomontagem*²⁷.

Antes de buscar alguma compreensão acerca da incidência do recalque na instauração da feminilidade, Melman (1985) explica o processo do recalque. Diante das suas colocações, compreendemos que há duas forças contrárias na função do recalque, uma de repulsão e outra de atração. Quer dizer que o que é recortado da consciência por efeito do recalque depende da atração de um recalque prévio (o originário). Este recalque originário é o que conserva a pulsão, que é aquilo que vai designar o que do conteúdo rejeitado da consciência pode conectar-se a ele *a posteriori*.

7.7 Como ocorre o recalque que designa a feminilidade

Pelo que Melman (1985) descreve, para Freud o recalque ocorre na base do conflito entre a pulsão sexual e o Eu, e no acordo desse conflito se dá a conservação do sujeito. Todavia, ele acrescenta:

²⁷ Melman menciona *pseudomontagem e pseudopulsão* no capítulo subsequente ao do recalque, portanto, por enquanto, suspenderemos esta discussão até que a leitura nos leve a tal ponto. Não há garantias, no entanto, que retornemos a ele, já que tudo depende dos caminhos aos quais a leitura nos levará.

Sabemos, por outro lado, que a pulsão seja ela sexual, é sem sujeito, anônima, e que o sujeito querendo fazer-se dela o porta-voz não consegue senão estar em descompasso com ela. É muito difícil advir “eu” onde era “isso”, operação cujo êxito implicaria um esgotamento do inconsciente. (MELMAN, 1985, p.51 – grifos do autor).

Portanto, jamais será possível essa integração, o sujeito estará sempre à mercê de um Isso – “misteriosa parte inata, de resto indissociável da parte formada pelo recalcado”. De modo que aquilo que lhe parece mais exterior e estranho seja também o que há de mais específico – “seu laço com a espécie e também a maneira de se defender que lhe é peculiar” (MELMAN, 1985, p.51).

Como seria possível então limitar o recalçamento a fim de instaurar a feminilidade? Melman (1985) levanta tal questionamento, do qual também nos apropriamos. Ele foi buscar a resposta em Lacan e supõe que o recalque incide sobre o significante mestre, pois este se situa no recalque originário o que permite que lá ele seja recalcado, e não em outro lugar. Para Melman, a castração está inscrita no Outro (parental ou social) e o significante mestre é o traço nesse Outro de convite exigente ao gozo fálico. Os sujeitos se defendem recalçando este programa, a não ser que não se imaginem produzidos por um fantasma que implique na castração desse significante mestre. Melman encontra nesta última hipótese uma explicação possível para que ocorra este recalçamento “limitado” da atividade fálica. Sugere que Freud pôde ter considerado essa ideia para acreditar que este recalque ajustado seria a via de acesso a uma feminilidade “normal”. (MELMAN, 1985, p. 53).

A via de acesso à feminilidade parece algo extraordinário. Até determinado momento, menina e menino passam por processo idêntico – a renúncia da mãe – ambos conhecem o falicismo e castração, mas onde poderia se conformar com uma promessa de futuro, a menina continua renunciando – renuncia a posição de “soldado do exército do falo”; renuncia a atividade fálica, mas com o equilíbrio requerido, tendo em vista que é necessária certa moderação; “renuncia a se autorizar enquanto sujeito e, por conseguinte, a exprimir seus votos: *eis porque nossa menina é muda.*” (MELMAN, 1985, p. 54).

7.8 Na histeria o sujeito fala na posição exilado

Tomaz (2009) sugere que as ideias de Lacan nos leva a constituir a humanidade como organizada pela capacidade do sujeito de utilizar um código linguístico, de se ver integrado nessa ordenação simbólica. Desse modo, “quem não fala não é sujeito” (TOMAZ, 2009, p.34). Segundo a discussão que a escritora levanta, a possibilidade de sustentação pela fala/escrita própria da posição feminina sofre restrições associadas às condições históricas e à ordem da cultura, que ao longo do tempo foi se constituindo situando o homem numa posição privilegiada. Este também seria um dos vieses para se considerar que não há ou não havia tanto espaço para a voz das mulheres, implicando, assim que a fala/escrita feminina se inscreve como uma “língua estrangeira”. Uma espécie de língua desmaterializada, identificada com o secreto, o mítico. Interessante que na sequência explicativa da vigente suposição, tal inscrição enquanto língua estrangeira é posta como algo que compromete o corpo. Mas, como e por que haveria tal comprometimento?

A proposta de Tomaz (2009) se trata de uma leitura psicanalítica de alguns livros da escritora Lya Luft, buscando o corpo e o afeto na transmissão de sua escrita. Notamos que a obra utilizada para referir o corpo chama-se *Exílio*. Nada conhecemos sobre esse texto e também aqui nem se faz importante conhecer, mas esta ligação do corpo com o exílio acende a hipótese circundante em nossa discussão de tomar o corpo como esse território sobre o qual a língua *estranha* (*Unheimlich*) consegue aparecer. É como foi dito anteriormente, Freud supunha um deciframento do sintoma histórico, mais que uma leitura.

Na histeria, eventualmente, a condição do exílio é demonstrada no corpo – erógeno e fantasmático. O corpo tal como a psicanálise circunscreve é produto da erogeneidade associada à dispersão pulsional, à falta de integração que obriga o sujeito a buscar simbolizações múltiplas – “O corpo para psicanálise é uma ficção que deriva outras, montadas por cada um acerca de si mesmo, bastante astuciosas a ponto de ignorarem a dimensão de um sujeito que por ela transita entre o prazer e a dor muitas vezes inominados.” (Villas-Boas *apud* TOMAZ, 2009, p. 94).

Melman (1985) intitula um dos textos que compõem os *Novos estudos sobre a histeria* de “O corpo é um túmulo”. A caracterização do túmulo refere o pensamento comum de que silêncio do corpo corresponde à saúde. Ao que Melman interroga: silêncio de que

grau? Logo após, salienta que é o conforto que passa pela descrição do corpo, no entanto, o silêncio total seria incompatível com a manutenção da vida. (MELMAN, 1985, p.64).

Nesse questionamento, mais uma vez Melman (1985) sugere um jogo, no caso o da ambiguidade situada entre o silêncio e a comunicação. A fala bem sucedida impõe o risco de causar o mutismo do sujeito. De acordo com essa perspectiva, pensamos que o que aparece no corpo como comunicação, sobretudo no sintoma histérico, é um *entre*, no sentido do que é produzido no meio de duas instâncias, uma que visa silenciar e a outra que visa falar.

O que se inscreve no corpo histericizado é a repetição da montagem da pulsão somada à sequência recalcada. Melman (1985, p.64) chama essa montagem de *pseudomontagem* ou *pseudopulsão*, seria o resultante da organização em torno do objeto fálico devido o recalçamento do significante mestre, como acima referimos. O substrato de falseamento caracterizado pelo adjetivo *pseudo* tem a ver com a característica presente na sintomatologia histérica de propor a expressão da verdadeira pulsão. Isso também remete à ideia recorrente nos apontamentos psicanalíticos acerca da histeria, de que a histérica pretende em sua posição de rivalidade frente à posição masculina, mostrar que possui o privilégio de ser informada sobre o desejo do Outro.

Para além da histeria, pensamos essa pseudomontagem ou pseudopulsão como sendo a própria feminilidade, que se constitui, sobretudo, a partir do *suposto* conhecimento da verdade do desejo. Nessa colocação, destacamos a palavra “suposto” a fim de dizer que ela é importante, pois conserva esse quê de mistério e desvelamento, no que se propõe a comunicar. Como se fosse preciso manter o segredo para subsistir. A mensagem feminina, e histérica, é uma mensagem velada porque precisa ser para existir – “revelando através dessa pseudopulsão (...) ela desvela sua própria mensagem, já que esta verdade não subsiste senão velada.” (MELMAN, 1985, p.64).

Essa ideia de que algo se conserva em segredo nos remete a uma distinção entre a mudança de concepção dos mecanismos psíquicos da histeria nos *Estudos sobre a histeria* (Freud) e nos *Novos estudos...* (Melman), no que tange o acesso aos conteúdos que seriam causa da manifestação histérica. Os Estudos de Freud sobre a histeria estão assentados, como já o compreendemos, na evitação do desprazer; os novos estudos de Melman, leva em conta o *além* desse princípio. Entendemos o termo *além* como aquilo que se move sem o regimento da busca do prazer ou evitação do desprazer, funciona sob seu próprio domínio. Figueiredo

(1999) fala em algo que transcende essa estrutura de contenção e acumulação prazer-desprazer. Em seu texto, Figueiredo (1999) vai chamar esse transcendente de *energia aquiescente*, como sendo algo realmente primitivo (no sentido de anterior, primeiro) que é fundamental para que o *organismo* se conserve. E, também, para que o processo secundário da circulação, do jogo entre os opostos - prazer e desprazer, pulsão de vida e pulsão de morte - ocorram.

Pensamos que o “além” de Freud e a “energia aquiescente” de Figueiredo são outros termos para falar da pulsão, que é isto que faz o sujeito se repetir e gozar dessa repetição, mesmo que implique em dor, sofrimento, e, ainda que chegue à morte. Para dar conta dessa ideia da pulsão, foi instaurado na teoria lacaniana o “gozo”. Grosso modo, o gozo corresponderia à satisfação da pulsão.

7.9 Sobre a inscrição pulsional na histeria

Introduzimos esta questão, porque Melman (1985, p.67) retoma a “segunda consciência” dos *Estudos sobre a histeria*, e a lê como se fosse a expressão de uma nova pulsão que teria por função reunir outras pulsões que são parciais, submetida a uma economia do gozo fundada na oblação. Oblação é uma palavra derivada do latim *oblatio* que significa oferta²⁸. Lembramos que a palavra oblação é muito utilizada na religião cristã-católica e que pensá-la a partir da referência que se faz neste recinto não se trata de uma simples oferta, mas como sendo o ato pelo qual um cristão se oferece a Deus: um sacrifício.

Partindo desse processo de reflexão, podemos sugerir que a segunda consciência na histeria, enquanto expressão da pulsão resulta dessa necessidade de se pôr em sacrifício para manter velado o suposto saber sobre a verdade do desejo, e assim conseguir alguma sustentação enquanto sujeito. Sacrifício que também parece consistir na manutenção do mestre (sobre o qual ela - a histérica - possa exercer algum domínio).

Estendendo sua discussão sobre o corpo, Melman (1985, p. 67-70) explica como é possível nomeá-lo nos registros do Imaginário, do Simbólico e do Real. No imaginário, o corpo seria qualquer representação que se sustente do objeto imaginário fálico, sendo que

²⁸ Site: origem da palavra

nesse registro a histérica vive seu corpo como destituído da *imago* por causa do segundo acesso à feminilidade passar pela renúncia à atividade fálica. Já no simbólico, o corpo, organizado pelo fantasma (demanda e desejo) assume o lugar do saber inconsciente sobre o gozo. No registro do real, pensa o corpo em sua consistência, que seria a experiência do obstáculo para o lado animal, e para o *fallasser* seria a resistência estabelecida para o seu gozo.

Esta parte do livro que Melman dedica a discutir sobre o corpo, nos levou a considerar que o corpo é aquele que momentaneamente encerra a sensação de não sustentação, e que na histeria isto é bastante notável. Que o corpo (erógeno e fantasmático, é preciso lembrar) pode ser tomado como o primeiro território onde os elementos pulsionais se inscrevem. No que concerne a sua funcionalidade, teria algo de semelhante a uma folha em branco, diante da tentativa que se faz através da escrita para marcar uma posição subjetiva. Melman (1985) acrescenta:

Que uma mulher não seja toda fálica e que tenha acesso ao gozo do Outro, eis o que pode explicar a frequência do seu sentimento da precariedade de seus limites, do risco de um escoamento sem fim: fantasma do seu vampirismo. Pela mesma razão, a falta de um alívio radical da tensão do corpo acentua o sentimento de uma presença já indevida. Donde seu apelo, que é de regra, ao poder que seria suficientemente forte para que ela possa beneficiar-se da norma masculina (...). Viu-se, em todo caso, a propósito da “segunda consciência”, como a consistência do corpo podia parecer desfeita e parasitada, mesmo parcialmente por outro corpo. (MELMAN, 1985, p. 70).

O corpo é limite e consistência, mas como se vê na histeria, se torna lugar de inscrição dessa coisa que é indizível, que a palavra não descreve. A marca que a histérica revela no corpo é como se fosse para lembrar que a consistência do corpo não é tão segura quanto parece – é o que o estado de dupla consciência, a divisão do sujeito tende a pôr em questão.

Podemos dizer também que a inscrição no corpo histórico dá conta de algo que é anterior à palavra. Trata-se de um código linguístico sem palavras. É a linguagem do Real lacaniano, que Brandão (2010, p.50) nomeia de o indizível, considerando que a linguagem é precária para dizê-lo. Daí essa dimensão de linguagem outra, estrangeira, a língua do exilado. A histeria assim como a escrita feminina cuja essência sugere sempre a ficção, é o que aproxima o sujeito do seu mistério, “dos sons não domesticados pela cultura”; “das cenas

primitivas que não desaparecem, mas insistem em sua presença difícil de definir” (BRANDÃO, 2010, p.60).

É preciso ter cuidado com as palavras que podem ferir como dardos, criar cicatrizes que não deixam os ouvidos esquecerem a ferida que se escavou no corpo. No corpo lacerado, disse Waly²⁹, no meu corpo ferido e ressuscitado, posso dizer, pois tive a marca da morte antes de saber que ela me rondava. (BRANDÃO, 2010, p.51).

7.10 O sacrifício da histórica

O avanço sobre o texto do Melman nos mostra que o ele retorna a algumas questões, como por exemplo, a disposição da histórica em se colocar em sacrifício com o intuito de proteger o status do mestre. Trata-se do sacrifício acima mencionado, transmitido no contexto do significado da palavra “oblação”.

As manifestações históricas estão no meio termo entre barulho que subverte as leis de silêncio do corpo e a fala amordaçada. Melman (1985, p.72) propicia o entendimento de que o grande serviço da histórica no que concerne proteger a existência da voz que ordena - a voz do mestre/Deus - é justamente em calar essa voz. Como se a concessão de uma voz clara a este significante causasse seu eclipse – “tal Deus morre no que um sujeito simplesmente lhe dá voz”.

Neste ponto do texto, é interessante a relação sugerida entre a histeria como proposta de não deixar que Deus fale por si, e a religião. Melman (1985, p.72) nos lembra que o verdadeiro pai é o pai morto, portanto, se a intenção é de que ele viva, é necessário matá-lo. Segundo Melman (Ibidem), a religião é uma instância simbólica que consegue fazer isso muito bem. Mas, também a histeria parece ser um caminho bem sucedido para este objetivo. A tarefa seria fazer Deus viver se tornando seu objeto. No caso da histeria, essa atitude de se submeter como objeto para que Deus viva aparece em dois aspectos, na sintomatologia e na questão do lugar, a posição que o sujeito histórico se encontra.

A sintomatologia é um índice do serviço histórico na medida em que consistem da recusa a qualquer entificação conceitual, os diagnósticos. Há nesta recusa um interesse maior

²⁹ Waly Salomão, autor de um poema citado por Brandão, algumas páginas antes do recorte citado.

– enfraquecer a “lei ingênua” e desse modo, salvar o Mestre da mortificação que o ameaça. (MELMAN, 1985, p.72). As palavras do autor tornam mais clara esta proposição:

A histérica prefere, assim, culpar-se, considerar-se portadora de uma falta, de uma enfermidade, que a faria só servir como refugio, que a conduz a se interditar a figura “de verdade” nesse mundo. É para proteger seu parceiro, e também defender a confiança depositada no Outro, que ela se sacrifica desta maneira, levando até o grotesco uma representação assim exposta, a fim de que ninguém se interesse nem se aproxime muito. (MELMAN, 1985, p.72-73)

7.11 Histeria - um lugar indefinido

Quanto à posição, Melman (1985, p.73) coloca que a determinação histórica é um “nem um nem outro”, uma “criatura terceira” (...). A escrita de Charles Melman, neste texto, marca bem a posição indefinida como característica da histeria. Em vários momentos são perceptíveis as colocações que parecem demonstrar que o lugar da condição histórica é um lugar inventado, e resultante da aglutinação de opostos; ou uma ambivalência. É como se a histeria fosse uma história sem começo nem fim. Seu universo seria algo criado para estar no meio; um *entre* bem estabelecido em sua proporção de nunca ser passível de definição. Restamos a impressão de que qualquer tentativa de explicar a histeria resulta numa incompletude, que também própria dessa necessidade de criação de um lugar para “situar” a posição histórica.

O terceiro ao qual Melman (1985) se refere tem a ver com a sensação de que a histórica está numa posição de exterioridade em relação ao mundo. O modo como está posto no texto, estabelece tal exterioridade como uma espécie de defesa para evitar o mundo enquanto lugar de imperfeição. Introduzindo a ideia de que é preciso um olhar de fora, para instituir que desse lugar, exterior e terceiro, a denúncia pudesse ser feita - denunciar a imperfeição do mundo. No entanto, o paradoxo que surge da função denunciante é que não parece existir na histórica, o propósito de ordenar o mundo, torná-lo perfeito, já que a invenção desse lugar só é possível enquanto persistir o eterno reconhecimento de que algo (no Outro) “não está bem”. Isso que não está bem, a histórica denuncia com a condição de que fique bem claro que o segredo para mudar o mundo ela conhece, mas que este seria seu

privilégio, seu único privilégio – sua única maneira de se sustentar enquanto sujeito, dentro da lógica fálica.

Percebemos que toda a discussão acerca da histeria nos *Novos estudos...* tem como cerne a questão do lugar. Cremos, no entanto, que o questionamento sobre o lugar não é privilégio da histeria, antes é algo específico do humano, do sujeito dividido. Ao mesmo tempo, na psicanálise, fala-se sobre estrutura como sendo a posição na qual o sujeito está fixado; e fala-se numa estrutura histórica. Mas se estrutura, dentro dos ditames psicanalíticos, seria amplamente o que define uma posição subjetiva, como a histeria em sua incompleta rotação pode ser tomada como estrutura?

Antes de tentar responder a tal questionamento, supomos ser necessário avaliar se os termos lugar e posição possuem significações idênticas ou mesmo se há congruência semântica entre ambas. Ao que nos parece, lugar simboliza um ambiente, algo mais concreto, e talvez dê conta de significar uma fixação. Já posição, nos parece constituir um movimento, o que é da ordem do arranjo, uma disposição. Mas há uma relação entre essas duas expressões no sentido de que a posição justifica um lugar. Então, encontramos numa terceira expressão de Melman (1985, p.77) a melhor definição do que pode estar entre a rigidez do lugar e a maleabilidade da posição: o enlace. “A prática do nó borromeano parece mostrar que as coisas se passam muito mais segundo a maneira como se *enlaçam* do que segundo a forma como são posicionadas.” (grifo nosso).

A concepção de que para cada objeto lhe era reservado um *topos* está relacionada à total confiança no poder do simbólico, confiança a qual Melman pensa ter sido temperada pela filosofia de Aristóteles, que parece alimentar a ideia de que há a possibilidade de reservar um domínio particular ao poder real. O saber científico, por exemplo, encarna bem esse papel de guarda tais reservas de poder. Mas, a estes poderes reservados convém que exista algo que o subverta. A descrição para uma figura subversiva é o sujeito que admite ter perguntas sem respostas correspondentes, mas que, ao mesmo tempo, dar ares de quem guarda a certeza dessas respostas, inapreensíveis, no entanto. Melman menciona Sócrates como sendo essa figura de subversão, que além de tudo representa aquele sujeito sobre qual o poder reservado perde sua força. O Sujeito que subsiste, sobretudo, das perguntas que ele mesmo lança.

7.12 O porquê de o sujeito moderno ser histérico

No exemplo de Sócrates, filósofo da antiguidade, a associação feita inicialmente entre o sujeito moderno (sujeito da ciência) e a histeria, se esclarece no sentido de que está em jogo a manutenção da ideia de um poder inacessível, que de todo modo pesa o suficiente para sustentar e organizar a subjetividade. Com o advento da ciência, a concessão e saberes possíveis propiciam também o reconhecimento do que necessariamente vem contradizê-los.

Supomos que Melman não esteja somente se referindo à personagem Sócrates - um dos grandes nomes da história da filosofia, mas que ele tenha utilizado esse nome para designar o sujeito da psicanálise, o sujeito do inconsciente e, por conseguinte, também o sujeito histérico. Em suma, o sujeito dividido. É um tanto difícil, inclusive, diferenciar esses “sujeitos” entre si, se houver alguma diferença, o que para nós parece não haver. Porque se, segundo Melman (1985), Lacan considera que o sujeito da psicanálise é o mesmo que o da ciência, e a histeria da qual se refere é substância da era moderna, os vínculos entre os adjetivos para sujeito, serão incontestáveis, de modo que seja possível concluir uma semelhança entre os pontos da triangulação – sujeito da ciência, o da psicanálise e o histérico.

Uma visão mais voltada para o aspecto histórico a respeito da relação entre a histeria e a subjetividade moderna foi apresentada por Elaine Showalter³⁰, em seu livro *Histórias Históricas* (2004). Showalter dedica a primeira parte do livro a mostrar como se deu a ascensão da histeria moderna. Trata-se de uma montagem de como a histeria passou a ser “vista”, “reconhecida”. Para a autora, o “inventor” da histeria moderna foi Charcot. A palavra invenção neste caso denota o processo pelo qual se deu a visibilidade e a nomeação da histeria, e o trabalho de Charcot propiciou tal visibilidade.

Por hora, uma acepção interessante levantada por Showalter (2004, p.27) explica esse processo também como uma demanda da expressão histérica que, a seu ver, “carece de um médico ou teórico, uma personalidade capaz de dar-lhe um nome e uma narrativa convincentes.” Outra ideia proposta pela autora cuja pertinência nos chamou atenção foi o apontamento de que paralelo ao diálogo preciso entre o médico e/ou teórico e a histérica, a influência de um ambiente favorável é fundamental para que uma epidemia moderna como a

³⁰ Professora de ciências humanas norte-americana.

histeria se torne visível. O processo teria ocorrido “como acontece com uma tinta invisível quando se lhe aplica calor.” (Roy Porter *apud* SHOWALTER, 2004, p.35).

Retornando ao olhar psicanalítico de Melman sobre este fenômeno da histeria moderna, ele afirma que os seus *Novos Estudos* só serão novos à medida que mostrem como o sujeito moderno - repartido e leve (sem sustentação) pela ausência de um céu habitado; quiçá ainda dividido sem reconhecer o seu corte; e portanto, solitário num mundo estranho – “só pode elaborar seu gozo na recorrência a um Mestre cujos golpes redobrados consumariam, ou melhor ainda: concluiriam sua divisão, ou no abandono místico a este Outro suposto capaz de dirigir e acalantar sua vida.” (MELMAN, 1985, p.77).

A leitura psicanalítica ao lado dessa construção mais histórica acerca da era moderna e seus efeitos para o reconhecimento da epidemia histórica estabelece que a histeria se instaure pela iminência da morte do ideal do Mestre. Nos *Novos Estudos...*a gerência de concepções sobre o sujeito histórico parece se desenvolver basicamente sobre três palavras: 1) a atopia; 2) a ambiguidade; 3) o sacrifício. Essas palavras representam aquilo que sempre parece retornar no texto, como o que designaria algo específico da subjetividade estruturada na histeria. No entanto, essa especificidade está bem próxima da constituição da feminilidade como um todo, de modo que se torna praticamente imponderável tentar predizer alguma distinção, se baseado pelo texto de Melman.

A atopia e a ambiguidade são próprias da posição feminina, são o extrato da castração. Melman (1985, p.79) vai dizer que a aparente submissão feminina é sempre ameaçada por uma revolta em potencial, e que isto se dá à medida que se sustente as faltas na prestação de serviço. Isto é ambíguo porque a falta que ela mascara, é a que ao mesmo tempo ganha suporte, é alimentada para sempre estar ali, como uma marca.

Pensamos que a diferença entre a feminilidade e a histeria seja apenas uma questão de quantificação, o que resultaria mais na referência ao sacrifício. São de todo modo, dois caminhos possíveis para responder à escolha do lugar. Adiante, Melman confirmar nossa suspeita, ao dizer que para a adepta da histeria, “o mito quer que sua migração em posição Outra se justifique pelo sacrifício, o dom, a oblação que teria consentido à vontade Outra, que desta forma, consagraria.” (MELMAN, 1985, p.85).

Ainda em relação ao sacrifício, na histeria se promove a “outra cena” para além da passividade, que se configura em a militância. Todavia, esta militância é uma atuação de duplo jogo tendo em vista que também funciona como uma defesa contra a saciedade, pois, neste caso, teria o sentido de uma obstrução. De certo modo, a militância do sujeito histérico evita saciedade porque saciados, não haveria mais motivo para o sacrifício, a reivindicação cessaria. Portanto, na histeria parece preciso que sempre se tenha algo pelo qual reivindicar; sempre uma reclamação iminente a ser feita. Por isso, a permanente ambiguidade e a esquivia do concreto, do realizar aquilo que se reivindica; por isso, a mudez, a mensagem cifrada, e por fim, a escrita feminina, oblíqua e reticente. Porque a histeria é uma estrutura não fixa, mas maleável.

Vista de tal maneira, a histeria mais parece uma espécie de nomeação para caber as indecisões, as contravenções e os descompassos. Associada à feminilidade, a histeria se torna comum, já que compõe um processo natural do tornar-se sujeito; no entanto, sujeito “outro”, como um estranho. Portanto, o elogio conferido ao exagero, à teatralidade, à criatividade na tarefa de produzir a “outra cena”.

7. 13 Por amor às causas perdidas – os destinos da reivindicação na histeria

No capítulo nove dos *Novos Estudos* há uma contestação à igualdade fundamentada na ideia de um Pai criador (do universo) que diz amar seus filhos de igual maneira. Para Melman, isto parece implicar uma repetição que não convence as criaturas. A referência paterna, por sua vez, se trata de uma referência para a diferenciação, que resulta do lugar que “cada filho” ocupa em relação a ele.

Podemos dizer que a (dis)posição histórica cria a outra cena, confirmando-se e afirmando-se como se compusesse um território estrangeiro, a fim de singularizar que em igualdade não seria bom. O texto de Melman propõe esse pensamento. Pensamos que singularizar, neste caso, significa realçar o diferente, mas a tendência de toda singularidade é um dia tornar-se igual, justamente pela característica que o particulariza. Assim se formam as comunidades, os grupos de identidade.

Buscamos retratar essa ideia porque pensamos no feminismo enquanto militância do discurso histérico. E, compreendemos que para Melman (1985), o feminismo se caracteriza

como uma recusa à paz no mundo, ainda que se disfarce muito bem da intenção de igualdade, como se o propósito fosse exatamente promover o equilíbrio e a paz. Então, o que Melman vem nos dizer com isso é que, a militância está, antes de tudo, assentada na certeza de que a paz como resultante da igualdade de lugares é tanto impossível quanto indesejada. Seria com esta impossibilidade que os histéricos brincam.

Fazemos uso da palavra “brincar” no sentido da encenação. De alguma forma, isso nos remeteu a uma possível explicação sobre o porquê de a histeria sempre soar como um espetáculo. Pelo espetáculo a histeria entrou para história, seja situada nas mulheres do útero migratório, seja nas histórias das possessões, ou nas subservientes pacientes de Charcot e nas dóceis e inteligentes jovens históricas vienenses, como também nos manifestos, a exemplo das feministas.

O espetáculo pode ser encarado como o representante mais próximo do universo outro que as históricas tentam provar a existência, mas que é impossível chegar lá. No espetáculo, de qualquer ordem, a farsa e a verdade são idênticas e enquanto a “plateia” supõe compreender que se trata de ficção, não se dá conta de que ela mesma faz parte da brincadeira. Como afirma Melman (1985, p.91): “as testemunhas relatam um milagre do qual foram objetos”.

Showalter (2004) acredita que a histeria só “aconteceu” porque alguma narrativa lhe deu respaldo. A princípio ela se refere à narrativa médica, depois também insere as narrativas literárias e midiáticas. Pois, dessa maneira, mostra que foi necessário um lugar de onde a histeria se pronunciava e uma plateia a quem se dirigia.

No século XX se difundiu uma crença cada vez mais forte de que a histeria do final do século XIX era iatrogênica, visto que resultasse da interação entre médico e paciente. Essa interação se tornou um passo importante para que a cultura se apropriasse do fenômeno histórico. A cultura foi considerada um vértice de disseminação da histeria. (SHOWALTER, 2004). Assim, concluímos que a cultura é palco para o reconhecimento da expressão histórica. E na Europa do século XIX, a cortina que se abriu para a visibilidade da histeria, foi a medicina.

Melman (1985, p.91) não se esquivou de retornar a essa questão, ao escrever que entre Charcot e suas pacientes a cumplicidade era total. Segundo o autor, as históricas também

davam as cartas, embora denotassem grande submissão. Elas faziam isso em troca do voto de fazer advir o que saberá.

Incontestável que o sucesso de uma peça ou de qualquer outro tipo de espetáculo decorra da cumplicidade entre quem se apresenta e quem assiste. Numa colocação desse tipo, percebemos que está implicado o pensamento dicotômico que propõe uma indução no que tange a percepção de quem está em posição de comandante, quem de fato dirige, dá as cartas no jogo (pois se trata de um jogo) e de quem somente assiste ou é dirigido. Todavia, a leitura de Melman (1985), suscita o pensamento de que a regência do jogo não pertence, *a priori*, nem à histórica, nem a quem no momento está revestida da voz de comando. A cumplicidade da qual se fala, seria uma conquista cujos méritos são divididos entre seus objetos. Isto quer dizer que, no espetáculo histórico, pacientes e médicos, ou qualquer outra combinação que se pense a respeito, são objetos de uma coisa terceira, que escapa que é estranha e sempre futura.

Melman (1985) escreve o “fazer advir aquele que saberá”, frase na qual verbos e conjugação anunciam esse futuro. “advir o que saberá” representa um não acontecimento. O futuro é da ordem de um não-realizar, é abstração e não concretude. Logo, constitui a ideia de um tempo futuro. Nesse tempo jamais concluído que o pai criador ou a instância mestre resiste à força mortificadora do presente. Entendemos que por isso, a particularidade histórica em afirmar o exílio como lugar privilegiado, fora do território familiar sempre presente, a *nau*, tal como Brandão (2010) nomeia em sua autobiografia.

A temporalidade na histeria assimila a dimensão da impossibilidade, inconcretude, incompletude. Em Freud, a histeria estava associada ao passado; em Melman, percebemos esta alusão ao tempo futuro. Em termos gerais, pode-se dizer que Freud pretendia descobrir a causa da histeria, enquanto Melman visa à justificativa - passamos de um “porquê” ao “para quê”. Provavelmente, essa diferença que, sob nosso olhar, aparece nos discursos de ambos os autores, tenha estado prevista desde a explicação no início dos *Novos Estudos* sobre as reflexões estarem assentadas na mudança de concepção que ocorre a partir do “Além do princípio do prazer”, naquilo que tange ao funcionamento do aparelho psíquico. Mas, sobretudo, a mudança de concepção sobre a regência de algo que promove a repetição, isto que é o anterior e o futuro de qualquer ação, sentimento, representação humana. Encontramos, assim, mais uma insinuação concernente à questão da temporalidade do fenômeno histórico.

A repetição do sacrifício que se faz no sintoma e tem a função de assegurar o status paterno, ocorre sob a condição de incompletude – o luto que não cessa e a “doença” que não tem cura. Melman (1985, p.92) aponta que a preocupação fundamental da histérica é preservar o desejo da satisfação, ainda que esta satisfação seja a cura para seu sofrimento. A novidade em Freud, no entanto, foi dizer que o sintoma não-orgânico era funcional, e tê-lo transformado numa protolinguagem³¹. Sendo assim, o sucesso curativo de seu método terapêutico se dava porque restituía o sintoma de seu valor metafórico, e com isto reafirmava a potência paterna. Só que para Melman, a paz foi breve. Freud, possivelmente, percebeu isto, talvez ainda nos estudos. Uma consideração notável quanto isto, podemos dizer, se deu quando Freud, ao encerrar seus estudos sobre a histeria, chegou a concluir que transformar o sofrimento individual em infelicidade comum teria se tornado sua maior pretensão. Possivelmente, porque percebeu que seria a única possível.

Freud realizou sua vontade, e assim a histeria se tornou tão comum, independente de ser tomada como infelicidade ou não. Notamos que Melman torna claro que a evolução de conceitos desde os Estudos sobre a histeria chega ao ponto de ancoragem acerca da divisão entre demanda e desejo ser própria da divisão do sujeito. A resistência à cura se justifica por esta concepção. Também implica numa certa contradição, pois se esse é um traço comum, constituinte da subjetividade, podemos dizer que todo sujeito (dividido) é, portanto, histérico e a histeria não pode ter outro sentido a não ser o de servir como a invenção que demonstra a gravidade contida na esperança de um mundo igualitário. Nossa suposição de que Melman amplia a histeria como algo comum a todos os sujeitos, se confirma ainda mais quando ele afirma: “Cada um pode assim reconhecer, neurótico ou não, traços que lhe concernem e que fazem parte da sintomatologia da histérica, pois são as expressões mesmas da subjetividade” (MELMAN, 1985, p.113).

Estar colado à insatisfação é característica de todo sujeito (divido), nos lembra Melman (1985, p.85). Então perguntamos: no que o histérico seria/faria diferente? Pensamos que a distinção está na disposição em encenar a denúncia. Como denunciante, o sujeito histérico reclama a singularidade, mas ainda assim viabiliza o reconhecimento da barra divisória que é comum a todos. Talvez a função histérica seja tornar visível o que todos compartilham, mas nem todos reconhecem – a impossibilidade de completude. Para Charles

³¹ Elaine Showalter que usa este termo para os sintomas histéricos.

Melman (1985, p.113), a “leve” distinção se dá na atitude histórica de fazer parecer que ela poderia revelar a verdade do mundo.

O Sujeito histórico assume o papel de revelar que somos indiferenciados na incompletude que também é a singularidade. Por isso, se promove militante de uma “causa perdida”.

Na expressão histórica, o sujeito agarra-se à insatisfação como tarefa e não como processo normal e privilegia esta condição, em parte porque desse modo pode continuar sempre imaginando um lugar Outro – onde há completude, saciedade, mas não é possível alcançar; e, em parte, porque configura a cadeia da busca e da captura do objeto a, que move a vida, justamente porque não existe, ou melhor, existe na não-existência. Melman (1985, p.106) considera que a psicanálise chegou onde nenhuma outra teoria anterior (filosófica ou psicológica) havia chegado, ao dizer que a “falta” é indispensável na formação da subjetividade.

7. 14 No que a histórica se torna especial em relação ao sujeito em posição feminina?

Notamos que Melman (1985) propõe recorrentemente a ideia da histeria como exceção e excesso, *um entre*. E, paralelo a isto, também percebemos uma indução da escrita que produz a ideia sobre esse *entre* ser uma peculiaridade da posição feminina. É como se nos dissesse que a histeria e a feminilidade não podem ser pensadas separadamente. Quando se refere à subjetividade estrangeira, antes da histeria a imagem que sobrevém condiz com uma ideia de posição feminina. Para o autor, a histeria encontra-se na alternância entre o tudo ou nada, determinada pela tentativa de remediar a castração. Mas, sabe-se, que tal tentativa de remediar ocorra em todas as mulheres, dada sua condição especial no que tange a castração. Isso, mais uma vez, não seria privilégio da histórica. A menos que as entrelinhas do texto escondam o conteúdo que diz ser a mulher sempre histórica, ou vice-versa.

O jogo que Melman faz é ampliar a histeria o máximo possível para depois ir mostrando suas especificações. Quanto ao sentimento de “estranheidade” (palavra que aparece no texto) e exterioridade, a histórica os transforma em eleição e dom. Melman (1985) utiliza esse jogo com as palavras e nos aponta uma economia própria da histeria: a sobreposição da

repartição entre possuidores e possuídos à repartição da diferença sexual. E assim complementa:

Essa errância toma lugar e encontra finalidade num projeto coletivo com vocação caridosa ou humanitária, distinguindo-se, nesse caso, por um engajamento sem reserva alguma: a santidade aflora. O destino da “análise caso zero”, Bertha Pappenheim, evoca-se sempre a esse propósito, celebrada recentemente por um selo comemorativo emitido pelo correio austríaco; ela foi sem dúvida nenhuma a rainha da assistência social e distribuiu abundantemente mingaus e doces. (MELMAN, 1985, p.109)

Elaine Showalter (2004) com uma visão mais histórica sobre a histeria elenca históricas notáveis por suas atividades comunitárias. Ela as define dentro de grupo que denomina de “novas mulheres, feministas e intelectuais”. Showalter apresenta um ponto de vista que se repete ao longo da história que associa a histeria ao protesto, sobretudo ao protesto feminista desde os manifestos sociais às reivindicações silenciosas. A histeria, então, tornou-se expressão de protesto, associada à posição feminina. Essa assertiva dada por Showalter não está necessariamente em consonância com que Melman remonta sobre a relação da histeria com o feminino. Reportamos este tipo de compreensão apenas para destacar que de diferentes maneiras, a histeria está associada ao feminino. Inclusive, achamos interessante a colocação de Showalter (2004, p.68) quando ela diz que se em vez de escrever o estudo de caso Dora, Freud tivesse escrito o Dorian, talvez os rumos da psicanálise não tivessem sido os mesmos.

A posição histórica associada ao feminino nos *Novos Estudos sobre a Histeria* nos dá a impressão de ter sido tomada como uma expressão e linguagem, sendo diferente da protolinguagem que Showalter menciona em relação à linguagem metafórica que se atribuiu aos sintomas históricos, no século XIX. Quando pensamos a histeria na condição de linguagem a partir do texto do Melman, a expressão comunicativa na histeria tem mais a ver com o que não se completa e não simplesmente com aquilo que não se quer dizer, como parecia inferir os *Estudos* de Freud. Intuímos que a língua seja cifrada não de uma maneira que cobrasse decodificação, mas somente porque não consegue (ou não pretende) dar conta de falar sobre o que não tem possibilidade de representação – característica fundamental da posição feminina (MELMAN, 1985; BRANDÃO, 1996).

Brandão (1996) defende que há uma escrita feminina que seria aquela que, de modo geral, subverte os códigos da “língua pátria ou língua Pai” e se mostra como escrita de incompletude e vazio. Esta autora busca principalmente em Lacan a vinculação da linguagem marcada por um buraco com o fato de a mulher ter essa condição de irrepresentabilidade. Outra colocação que nos chama atenção é a de que a escrita feminina produz “textos de gozo” (Barthes *apud* BRANDÃO, 1996, p.125); textos escritos do inconsciente, antes de qualquer coisa. É como se a escrita metafórica não funcionasse como substituto daquilo que não se deve falar, mas porque a metáfora cria um campo para garantir que essa fala atravessada ocorra.

Melman (1985, p.121) aponta que o fascínio que a histérica possui pelo saber científico procede do oferecimento desse saber para solucionar as impossibilidades do Real. No entanto, a decepção é iminente, pois o saber que se supõe revelador de todas as coisas não é capaz de fazer a mulher existir.

Os Novos Estudos nos fez compreender a histeria como uma forma de expressão que da qual a escrita (feminina) em termos de apresentação e funcionalidade se assemelha. Melman (1985, p.119) fala de uma economia geral da histérica: a repetição de ciclos paradoxais, onde o “logro seja, para ela reedição do malogro”, exigindo a elaboração de um semblante, no qual ela passa a vida tentando construir; e seria seu modo de se fazer existir. Os textos de Ruth Brandão nos ofereceram substratos que se encaixaram, como peças propícias a organizar o entendimento de que a histeria e a escrita podem ser modos de o Ser consistir enquanto sujeito, mas sempre num território estranho, o sujeito estrangeiro, por “natureza”, numa ordem infinita.

8. A HISTERIA NUMA CULTURA EM PROCESSO DE MUTAÇÃO

A leitura de um texto sob a condição de estarmos realizando uma leitura-escritura, não preconiza o encerramento do que está sendo escrito assim que se encerre o texto lido, nem mesmo há a exigência desse encerramento. Se há algum princípio rigoroso na estratégia de leitura-escritura, é de escrever o que nos salta aos olhos e como ocorre esse processo de captura que se dá na leitura.

Nos *Novos Estudos sobre a Histeria* (1985), além dos destaques que o próprio autor (Charles Melman) declara, também percebemos outros pontos que mereceram de nossa parte certa ênfase. Os destaques declarados pelo autor foram: ter tomado como base para sua reflexão as mudanças na compreensão do psiquismo e da subjetividade, após o texto de Freud – “Além do princípio do prazer” (1920); e a influência notadamente marcante das elaborações de Lacan. Já por nossa conta percebemos a recorrência de ideias que circularam basicamente em torno de três pontos: o vínculo indissociável da histeria com o feminino, a questão da atopia subjetiva e as reflexões referentes ao estrangeiro como um modo de especificar o sujeito em posição outra.

No capítulo anterior, nos concentramos em apresentar o que conseguimos produzir da relação entre a histeria e o feminino. No momento, a proposta é priorizar uma reflexão acerca da atopia e da condição do sujeito exilado. Condição que, a princípio, entendemos ser uma ordem fundamental e destino de todos os sujeitos, cuja essência é a inscrição na linguagem – *o parlêtre*. Todavia, Melman parece promover uma associação mais específica dessa característica ao sujeito em posição feminina. Ele faz dessa especialidade do sujeito exilado uma descrição peculiar e uma medida necessária para se entender a feminilidade. Alongando o fio, ele mostra como a histeria decorre dessa característica, pois na histeria que o sujeito faz do exílio sua morada. Seria o que ele chama de sujeito histórico.

8.1 O sujeito histórico é o mais exilado de todos

Esta cadeia terminológica encontrada nos *Novos Estudos...*, a de que de sujeito, passou-se a referir o sujeito em posição feminina e posteriormente em posição histórica, não

deixa clara a distinção. Só a supomos, na medida em que Melman (1985) tenta associar de modo incisivo o exílio à histeria.

A culminância desta questão é mais perceptível no posfácio dos *Novos Estudos...*, “A histeria em sua determinação real, simbólica e imaginária.”. Foi o texto escrito para uma conferência em Montpellier, no ano seguinte ao término do seminário sobre a histeria no Salpêtrière. De um modo geral, este texto nos possibilita ver que as ideias contidas nos Novos Estudos reverberaram, continuaram a ser pensadas pelo autor, sobretudo no que concerne a questão do exílio.

Melman (1985, p.157), antes de falar sobre a ética da histérica, cita um versículo bíblico do livro de êxodo, um dos livros históricos do antigo testamento onde está relato da história da libertação do “povo de Deus” da servidão no Egito. (BÍBLIA, 2000). Êxodo significa saída, caminho. Na história, mostra a saída de um povo exilado, em busca de liberdade e território seguro. O versículo citado por Melman: “E eles disseram a Moisés ‘fala-nos tu mesmo, e nós escutaremos; mas que Deus não fale conosco, pois *poderíamos morrer*’.” (MELMAN, 1985, p.157 – grifo do autor).

A figura de Moisés, responsável para ser porta voz de Deus, pode-se dizer, corresponde ao sujeito histórico, aquele que é o mais exilado de todos e, portanto, o mais próximo de Deus. Tanto que se torna o porta voz dEle para comunidade. A comunidade, por sua vez, é importante para garantir o triunfo de Deus, desde que jamais se comunique diretamente com ele. Este seria o privilégio dos grandes exilados, como Moisés, como os históricos: A tarefa de ser porta voz de Deus, o que implica num retorno para si mesmo em forma de responsabilidade de manutenção do exílio, mesmo estando inserido numa comunidade. Eis a ética que Melman (1985) especifica: A divisão do sujeito histórico é um tanto mais profunda porque ocorre no espaço de uma repartição, de assumir uma performance que é vista como única, especial. Trata-se dessa associação feita do sujeito histórico ao sacrifício, tendo como causa e seu lugar de privilégio o exílio. Sacrifício este que assume o disfarce de um “profetismo” (MELMAN, 1985, p.159).

Melman (1985), dando sequência a este pensamento, afirma:

É fácil reproduzir experimentalmente as condições da histeria, basta para isso que um sujeito participe de uma comunidade na qual não possa autorizar sua palavra do Pai, que se supõe ser dela fundador. A partir daí é levado a ocupar, em relação a essa comunidade, o lugar do Outro: aquele onde deve

renunciar, recalcar as expressões de seu desejo e para se fazer aceitar, agradar, seduzir. (MELMAN, 1985, p. 162).

Contardo Calligaris, na apresentação do livro “Imigrantes – incidências subjetivas das mudanças de língua e país (1992) (uma coletânea de textos de Charles Melman), comenta o referido posfácio do Melman nos Novos Estudos. Para Calligaris (In Melman, 1992), não é a figura do estrangeiro que pode ser lida como metáfora semelhante à da histérica, mas deve-se considerar que as migrações criam uma espécie de histeria experimental. Isto nos faz refletir que a produção mesma que corresponde ao constructo da histeria, parece ser experimental desde as expressões históricas mais antigas. Entretanto, isto não está em jogo, no momento. Na colocação de Calligaris (in Melman, 1992) a compreensão que leva a distinguir a dimensão do estrangeiro no *falasser* e no seu variante acentuado, que é atributo do histórico, é o lugar que o estrangeiro ocupa do ponto de vista da comunidade. Neste caso, o imigrante seria reconhecido pela sua posição de transitoriedade, aquele que migra e migrará pela paixão de ser sempre outro. Característica que autor utiliza para propor uma questão: se esta não seria também uma tentativa de negar sua própria filiação, enquanto tentar seduzir a nova cultura como possibilidade de integração. Possibilidade que move o sujeito, mesmo que saibamos impossível. Tanto que Calligaris menciona a vontade de integração como sendo um sonho. (Calligaris in MELMAN, 1992, p.10). O sonho do sujeito que parte em busca de uma filiação que jura existir em algum lugar.

A necessidade de migração, já dizia Melman (1985), é próprio do sujeito em posição feminina, não pela castração da qual sucede a organização subjetiva quando ainda é idêntica ao sujeito em posição masculina, mas devido ao segundo tempo dessa organização que induz a migrar. E, dessa maneira, a migração dará a “mulher” essa “familiaridade com os migrantes de toda a parte”. (MELMAN, 1985, p. 164).

Ao comentar recortes do posfácio do Melman (1985), Calligaris expõe um questionamento conciso, mas que pode ser amplamente discutido pautado pela leitura do contemporâneo que Melman se inclina a fazer e que o faz pensando as questões importantes para a psicanálise. O questionamento de Calligaris ao qual nos referimos foi: mas quem é o imigrante? (Calligaris in MELMAN, 1992, p. 11). Tal questionamento se tornou pertinente ao passo que Melman (1992) considera que há no mundo cerca de três mil línguas faladas por duzentos Estados politicamente individualizados. De modo que, se há mais línguas difusas do

que territórios, o que devemos entender por migração ultrapassa a dimensão territorial. Corresponde, então, ao emaranhado de referências paternas que existem no mundo.

8.2 A mixagem das línguas (no inconsciente) e os efeitos subjetivos

Reconhecer o imigrante como aquele que parte em busca de filiação nos leva a supor que se trata de um sujeito perdido de sua filiação original. Quanto a isto, podemos dizer que pode ser tomado como um processo “natural”, do ponto de vista de que algo que generalize o que é apresentado como sujeito outro ou feminino, no que tange a organização da subjetividade. Somente esclarecemos que este natural deve ser compreendido como aquilo que não tem escapatória, de que não há outro caminho que leve aos mesmos resultados.

Porém, ao inferir sobre a mixagem das línguas, Melman (1992) a utiliza como base das alterações ocorridas, que interferindo no inconsciente produz como efeito a incidência de novos sujeitos, os que podem estar configurando a subjetividade hoje. Significa dizer que não compreende mais um grupo minoritário, mas caracteriza um tipo de configuração cada vez mais típica, cada vez mais comum – o sujeito em posição outra, o estrangeiro.

Notadamente, não são as fronteiras territoriais que determinam o sujeito como estrangeiro ou não. A discussão aponta que tal determinação ocorre no nível do psiquismo. E, sabendo que o inconsciente se estrutura na linguagem, apreendemos que se sentir estrangeiro consiste em uma espécie de distinção da posição que se fala e da língua que se utiliza para a locução.

Melman (1992, p. 16) fala sobre o bilinguismo na Europa e, sobretudo na França, por ser um fenômeno muito visível. Consideramos pertinente tocar nesse ponto para sabermos os horizontes que ele observa e do qual parte para formular suas ideias sobre a distinção entre a língua que se sabe e a língua que se conhece. É a partir dessa distinção que se estabelece a língua do mestre e a língua do escravo, e qual delas que será reconhecida como língua materna. Aquela que será validada como a língua da mestria.

Deveria ser assim sempre. No entanto, Melman (1992) lembra que, não sendo o inconsciente xenófobo, nem nacionalista, a dessimetria linguística pode apresentar um paradoxo quando ocorre que o sujeito transforme a língua do escravo em sua língua materna,

exigindo assim, a recriação de uma nova voz do lado da mestria e um renascimento de si diante dela. Uma consequência disto é prevista: a de que um significante não represente um sujeito para outro significante, mas que tenha a função de designá-lo; transforma-se num signo e remete-se a um sujeito que não se origina mais do lugar outro, mas estrangeiro. Suspeita-se que assim esteja se organizando a subjetividade atualmente. (MELMAN, p.17)

Retiramos desta suposição que, aquilo que antes poderia ser atributo do fazer-se mulher e, mais ainda, do tornar-se histórica, hoje em dia pode ser tomado como atributo de todo e qualquer sujeito. Risco que também anuncia que, para além da inexistência de fronteiras, estamos diante da suspensão de barreiras e limites. No momento, atribuímos significação semelhante ao que chamamos de fronteira e limite, como sendo um tipo de demarcação para estabelecer alguma ordem.

8.3 A emergência de uma nova economia psíquica

Dito de várias maneiras, o apagamento das fronteiras, a suspensão de limites, a mixagem paradoxal das línguas no inconsciente, margeiam o que Melman segue elaborando para dizer que o mundo contemporâneo está assentado sob o regimento de uma nova ordem, de que passamos por uma mutação cultural e estamos diante da emergência de uma nova economia psíquica. O que implica em dizer que não lidamos, nem somos, sujeitos semelhantes aos do princípio da psicanálise, nem que o funcionamento psíquico deve continuar sendo compreendido como Freud o compreendeu. Também nos diz que as vicissitudes e os discursos dominantes de uma determinada época e cultura são determinantes para promover algumas mudanças. Então, certamente, alguma alteração ocorreu ao passo que subverteu a dinâmica do psiquismo, que antes era submetida à lógica repressão e hoje se encontra à mercê da exigência da livre expressão dos desejos.

Chamamos de tese o que Melman (2008) elabora e defende como “mutação cultural” e “nova economia psíquica”, porque o autor segue desenvolvendo essas ideias, sempre presentes em suas produções faladas e/ou escritas. No livro “O homem sem gravidade – gozar a qualquer preço”, resultado de conversas com o psicanalista Jean-Pierre Lebrun, Melman desenvolve mais esmiuçadamente essa tese. O pensamento impresso neste livro pode ser

definido como o empreendimento em produzir uma teoria sobre o sujeito contemporâneo que funciona com uma economia psíquica diferente daquela que Freud investiu em esclarecer

A comparação entre a economia psíquica que Freud conceituou e essa que Melman visa mostrar se torna ponto crucial para nós, na medida em que pretendemos compreender os rumos da neurose histórica dentro desse processo de mutação cultural que supostamente estamos vivendo.

Em uma entrevista publicada no portal online do Instituto Humanitas Unisinos (IHU online), Melman (2006) foi convidado a falar sobre sua percepção acerca das diferenças que constata entre o funcionamento da mente humana de acordo com as elaborações de Freud e Lacan, e o modo como a mente humana funciona na contemporaneidade. Sua resposta sugeriu que Freud continua adequado à contemporaneidade, desde que se entenda que ele considerou, sim, que a repressão contra a sexualidade era causa do mal-estar na cultura, mas também mostrou que o exercício da sexualidade, tratado como gozo primordial, dependia da imposição de limites para manter esse predicado. Sendo assim, a mesma razão para algo difícil de suportar era também condição estritamente necessária para dar consistência subjetiva, manter a vida pulsional em constante atuação, bem como conservar o laço social (neurótico).

Melman (2006) pode até não ter respondido diretamente ao questionamento no que diz respeito à diferença proposta, ou seja, a diferença entre o funcionamento psíquico de antes e de hoje. Compreendemos que Melman sugeriu uma alteração necessária no modo de ler Freud, no que tange a eleição da repressão como causa do sofrimento. Parece que ele quis mostrar que produzimos uma ideia distorcida dessa concepção freudiana. Ideia que leva à crença de que sem a repressão e levantada a barra do recalque a felicidade humana estaria garantida. O equívoco que se percebe, no entanto, é que nem a felicidade está garantida com a suspensão dos limites, tampouco Freud acreditara nisso. E, neste caso, o equívoco se deve a uma distorção de uma leitura que se tornou universalizada, pois para ele “a opinião pública só reteve de Freud um convite ao hedonismo; ela deixou de fora a necessidade da temperança.” (MELMAN, 2006, f.1).

A emergência da nova economia consiste, em linhas gerais, em uma nova forma de se relacionar com o Objeto, efeito e resultado de uma mutação cultural inédita, caracterizada, entre outras coisas, pela crise das referências, pelo desaparecimento do sagrado – aquilo que

sustenta tanto o sexo quanto a morte -; pela liquidação das transferências, pelos excessos, a ausência de limites e temperança. O objeto causa do desejo, antes perdido e ausente, por essência, perdeu seu estatuto, está se presentificando, sendo substituído. E as possibilidades de substituição são infinitas. (MELMAN, 2008)

É interessante notar que Melman (2008) fala dessa mutação como um progresso. Isto, num primeiro olhar, inspira que estamos diante de uma contradição, visto que o modo como ele descreve essa mutação ecoa como algo negativo; enquanto progresso serve para sugerir algo positivo. Absorvemos os questionamentos de Lebrun neste aspecto a fim de constituir uma ideia sobre a opinião de Melman, que coloca aquilo que é negativo ao lado da noção de um progresso. Acreditamos, contudo, que estes qualitativos antagônicos não devem ser levados em conta neste posicionamento de Melman. Ambas as palavras, aqui, remetem ao sentido de transformação. Sentido que, seguramente, tem a ver com a palavra mutação. A mutação seria uma transformação radical e sem volta, e o progresso supõe essa ideia do andar para frente. Desse modo, tanto a palavra mutação quanto a palavra progresso, trazem arroladas ao seu significado o peso da irreversibilidade. É possível, compreender que mutação tinha sido a palavra mais adequada para abranger a gravidade do mal-estar contemporâneo, amplamente difundido. Isto é, não abarca apenas a cultura ou história de um determinado país, região, continente, enfim. Mas afeta a todos numa larga escala – a propagação é universal, num mundo cada vez mais globalizado, sem fronteiras.

Lebrun, já no prefácio do “Homem sem gravidade”, aponta o teor calamitoso do irreversível que a vigente tese implica:

Sua leitura radical da situação atual nos leva a dever pensar uma mudança de grande amplitude com ‘consequências antropológicas incalculáveis’, mudança que instala a compatibilidade entre uma economia liberal desenfreada e uma subjetividade que se crê liberada de toda dívida para com as gerações precedentes – em outras palavras, ‘produzindo’ um sujeito que crê poder fazer tábua rasa de seu passado. (Lebrun in MELMAN, 2008, p.12)

Quanto a isto ser considerado um progresso, talvez esteja ligado ao sentido de progressão, de marcha para frente, independente de os efeitos serem favoráveis ou não, já que progresso dá a ideia de movimento contínuo. Compreendemos que este significado é o que melhor se adéqua à reflexão contida no texto, naquilo que consiste em dizer que o progresso

indica uma engrenagem – um funcionamento no qual estamos imersos e do qual não podemos escapar. “O progresso é homogêneo ao de nossa economia”, conclui Melman (2008, p. 28), pois se caracteriza pelo fornecimento maciço e acelerado de objetos cada vez mais espetaculares, próprios a fornecer satisfações não mais inscritas no campo das representações, mas no campo da apresentação. Significa a dispersão do objeto centralizador e a perda do privilégio do gozo primordial, organizador do simbólico. Melman (2008) esclarece a referida mudança:

Até aqui pertencemos a uma cultura fundada na representação. Quer dizer, numa evocação de lugar de onde se mantinha a instância sexual suscetível de autorizar as trocas. Passamos da *representação* que nos é familiar, costumeira da relação com o sexo, relação da qual apenas nos avizinhávamos, à – parece – preferência por sua *apresentação*. (MELMAN, 2008, p. 20 - grifos do autor)

Notemos que Melman fala em “apresentação”. Supondo que não seja um erro de edição, isto é, sendo proposital, a ideia que surge é de que as possibilidades de satisfação substitutas, “apresentadas” são dadas e registradas na nova economia psíquica como um presente – *souvenir* – o que vem a remontar novamente o aforisma de que essa nova economia se trata basicamente de um novo modo de se relacionar com o objeto. (MELMAN, 2006; MELMAN, 2008)

8.3.1 Desdobramentos a partir da expressão “economia” – entre Melman e Žizek

Percebe-se que há uma via dupla para compreender a palavra “economia”. Ela é utilizada para nomear a emergência de um novo funcionamento psíquico e ao mesmo tempo remete ao aspecto do capital. Pensamos que escolha desse termo para designar a alteração ocorrida no psiquismo, no inconsciente, não se deu por acaso. Melman parece se valer do termo num sentido que se aproxima do que Žizek³² (2011), explica, quando pensa sobre o papel determinante da economia numa analogia que faz entre a importância que Marx dava a isso e a importância do sexual para Freud.

³² Filósofo e psicanalista esloveno e importante teórico contemporâneo. Desenvolve seu pensamento a partir do pensamento de Karl Marx e Jacques Lacan.

A função de estruturar o social em “última instância” que cabe à economia não se dá diretamente como um agente causal real, mas como um agente virtual, uma “pseudocausa”, uma causa ausente. Aquela que não tem lugar definido, nem jamais é dada claramente. A economia não é concreta, mas interpretativa. “Ela é o x ausente que circula entre múltiplas series do campo social, distribuindo-as em sua articulação específica” (ZIZEK, 2011, p.291).

Trazendo esta reflexão para uma compreensão em termos psicanalíticos, Zizek (2011) trabalha a diferença entre causa e causalidade. Ele acrescenta que em Lacan, a causalidade é tomada como uma cadeia de causas e efeitos, já a causa em si seria aquilo que intervém no momento em que a cadeia falha. A causa é distante, ausente e intervém absoluta num momento primordial.

Interessante abordar o conceito de economia como uma causa ausente profundamente determinante do funcionamento social e relacionar ao funcionamento psíquico, como Zizek (2011), o faz:

Aqui (no jogo entre causa e causalidade), o que Lacan tem em mente é especificamente o funcionamento do inconsciente. Imaginemos um lapso comum: numa conferência de química, alguém expõe um trabalho, digamos, a troca de fluidos; de repente, ele tropeça e comete um lapso, soltando algo sobre a passagem do esperma durante o ato sexual...um atrator do que Freud chamou de uma “outra cena” intervém como uma espécie de força gravitacional exercendo uma influência invisível à distância, curvando espaço do fluxo discursivo, inserindo nele uma lacuna. (ZIZEK, 2011, p. 291)

A presença da lacuna é a essência do jogo e isto se transformou num ponto de convergência dos sentidos que circundam a definição do que seria a economia e o Objeto a, na condição de ser a principal peça do jogo, justamente por serem invisíveis (ausentes). O próprio Zizek (2011, p.293) foi direto ao dizer: “a economia é o objeto a”.

Pensamos a “economia” que Zizek (2011, p. 293) descreve numa perspectiva que ajusta a expressão “economia psíquica” de Melman porque a associação que ele faz da relação com objeto é óbvia e insistente. Além disso, Melman (2008) reflete sobre como o liberalismo econômico acarreta uma mutação subjetiva, o que diz, entre outras coisas, que a substituição do objeto a por objetos reais, ocasiona uma mutação inédita.

Um traço da nova economia psíquica seria a de que não há mais divisão subjetiva. Aquele sujeito dividido, que questiona a existência, se transformou num sujeito inteiro. No entanto, ser inteiro indica um paradoxo porque subtrai ao invés de somar as características que faz do ser humano um ser “especial” dentre todos os animais. Melman (2008, p.28) mostra como esse ideal de liberdade na realidade implica num aprisionamento do sujeito em uma região de limbo, onde se encontram perdidos, desorientados; não se sabem mais estar vivendo ou sonhando. A ilusão da liberdade se dá porque o funcionamento da máquina é automático, predeterminado; não exige reflexão nem escolha. Se por um lado, isto exige cada vez menos do sujeito, não oferece mais suporte para sua realidade, que é organizada pela decepção.

Está em Freud, que somos assombrados pelo princípio da realidade e que também somos constituídos por esse assombro. Também está em Freud que somente nos sonhos tudo seria possível. Eis a linha que marca a consciência sobre a vida real – saber que lidamos com coisas que são impossíveis. Pois de outro modo, “como saber que se está na realidade? quando despertamos, pela manhã, como sabemos que o sonho acabou?” (MELMAN, 2008, p.28).

Uma das prerrogativas dessa nova ordem de sujeitos inteiros, liberados do peso da culpa, da dívida, leves, é o de que a entropia seja máxima (MELMAN, 2008). Entropia é uma propriedade física, uma grandeza utilizada na termodinâmica para medir o nível de degradação de energia num sistema. A máxima entropia ocorre quando o desequilíbrio está elevado, o alto grau de desordem de um sistema. (DICIONÁRIO Larousse, 2005). Portanto, quanto maior a entropia, maior a propensão de um retorno a um equilíbrio quase estático. Melman (2008, p.60) escreve “máxima entropia” para falar desse conforto quase mortífero que recai sobre as pessoas, hoje. Conforto que consiste numa defesa contra o desejo, atormentador, mas necessário à vida. Sendo assim, desfeita a impossibilidade de realização dos desejos, estes se tornam fluidos e escassos; e o que deveria representar um tipo de conforto se transforma num tipo de sedação.

Uma massa de pessoas anestesiadas, esta é a imagem que vai se desenhando diante da constatação de que os sujeitos são não-divididos. Esta ideia é recorrente entre os críticos da pós-modernidade; o esvaziamento e empobrecimento subjetivo. Melman (2008) chama de carência subjetiva: o sujeito está carente, perdido e desabrigado.

8.4 As implicações subjetivas frente ao declínio dos Grandes Textos

Pensar sobre estas características atribuídas ao sujeito pede uma compreensão de quais os preceitos da “condição pós-moderna” (expressão de Lyotard) que podem justificar a constituição desse grupo de sujeitos recentes. Independente do lugar do qual se reflete (se da filosofia, da sociologia, da psicanálise, etc.), parece indispensável considerar que a pós-modernidade se caracteriza pela queda dos grandes textos.

Os grandes textos são os “textos” que organizam a cultura, os que estabelecem limites em torno da vida humana, formalizam as crenças e as relações. A poética desses grandes textos instauram os “impossíveis” importantes para organizar a moral e a conduta dos homens, ao passo que estes impossíveis se tornem interditos. (MELMAN, 2008, p.115). É por meio desta organização simbólica que deveria ocorrer a transmissão intergeracional. Transmissão não apenas histórica, mas a transmissão da dívida também. De modo que a queda dos grandes textos produz sujeitos para os quais a dívida parece saldada. Trata-se de sujeitos livres.

A liberdade, neste caso, adquire um significado semelhante ao de uma desorientação. O “ser-livre” conectado ao “não-sustentar-se” passa a ser fonte de outra espécie de aprisionamento e conseqüentemente de outros tipos de sofrimentos.

No *O homem sem gravidade* (2008) circula a ideia de que os grandes textos ainda não deixam de exercer alguma influência, ainda que sob o jugo de uma defasagem. Como Melman elabora seu pensamento levando em conta a noção de progresso, então o destino dos grandes textos também é parte da modificação progressiva inevitável.

Outros autores como Jean-François Lyotard³³ e Terry Eagleton³⁴, ambos pensadores pós-modernos, também se detiveram em fazer uma leitura das características dessa fase que se convencionou chamar de pos-modernidade. Portanto, os pilares dessa “Era” é o que explica a cultura, as relações pessoais, a subjetividade, contemporâneos, enfim. O que Melman (2008) cita como Grande Texto, Lyotard (2002) chamou de Grande Relato e Eagleton (2010) chama de Teoria. A expressão de Melman se situa no meio entre o que entendemos sobre os grandes relatos e a teoria, respectivamente.

³³ Lyotard (1924-1998) foi um filósofo francês, importante pensador nas discussões sobre a pós-modernidade.

³⁴ Filósofo e crítico literário britânico

Compreendemos os grandes relatos como os recipientes que contêm o saber composto por enunciados tanto denotativos, quanto os prescritivos e os avaliativos. É um saber composto, não exclusivista, que permita a execução de boas performances. Para Lyotard (2002), a transmissão desse saber tradicional se dá através da narrativa. Por isso fala em relato. As narrativas são preeminentes na transmissão do saber tradicional porque além de tudo admitem uma pluralidade de jogos de linguagem.

Os grandes relatos perdem seu valor com o advento da ciência, e a consequência desta decomposição é a dissolução dos vínculos – a transformação dos grupos sociais em um estado de massa composta por átomos individuais desordenados. (LYOTARD, 2002, p.28). Para Melman (2008), quando a ciência ocupa o lugar dos grandes textos, o sujeito do enunciado se transforma no sujeito da enunciação. O sujeito perde seu lugar instituído pela fala, porque na ciência não há lugar para o sujeito. Lebrun, na interlocução com Melman, lança um questionamento: de onde o sujeito vai, doravante, poder se sustentar se ele não pode mais se apoiar no texto dito sagrado, se na escrita da ciência não tem mais lugar... (LYOTARD, 2002, p.33)

A questão é que, de todo modo, independente da área do saber de onde partem as análises e críticas à pós-modernidade, é nuclear e consensual a percepção de que, em se tratando de uma análise macroestrutural do aspecto humano, estamos diante de notáveis precariedades. Percebe-se que essa percepção é discutida do lado em que a ferida foi aberta, a saber, o lado das ciências humanas. Porque foram as mais prejudicadas, coube a elas a tarefa de denunciar esses furos que surgem do momento em que as ciências duras elevaram seu status. É esta a pragmática científica que Lyotard (2002) questiona e que leva Melman (2008) a concluir que não há lugar para sujeito no discurso da ciência.

Eagleton (2010) vai ainda mais longe, em sua análise acerca das precariedades quando denota que as exigências da pós-modernidade empobreceram as produções intelectuais, mesmo aqueles que versavam sobre a humanidade. Este autor parte da perspectiva de que vivemos num período “depois da Teoria”. Em termos cronológicos, ele explica que a teoria começou com Platão, mas o período considerado mais fecundo é mais recente, o período que contém pensadores com ideias pioneiras, como: Lacan, Levi-Strauss, Althusser, Barthes, Foucault, Derrida, Krsteva, Harbemas, entre outros. (EAGLETON, 2010, p.13).

As observações de Eagleton (2010) sobre a pós-modernidade possui pontos semelhantes à discussão de Melman no “O homem sem gravidade”, principalmente pela sensação que nos causa no que tange o limiar entre uma certa nostalgia e a noção de que se trata de um progresso. Ambos abordam o esfacelamento das propriedades subjetivas mais caras ao homem enquanto seres pensantes e produtores de cultura, também expressam certa inquietação em relação a esta realidade. No entanto, analisam também o contemporâneo levando em conta o fato de que o passado não volta e de que se alguma transformação é possível, esta acontecerá adiante. Tal qual Melman, Eagleton (2010, p.14) se propõe a refletir sobre que novo modo de pensar é demandado por essa nova Estação.

A comparação que fazemos entre Melman e Eagleton vai além da perspectiva progressista que ambos apresentam, mesmo com algum resquício de um sentimento que sugere nostalgia. Eles apresentam visões similares quanto ao modo como a sexualidade vem sendo encarada, atualmente, os perigos da igualdade a referência às migrações. Encontramos em Eagleton (2011) conjecturas que dialogam com as ideias de Melman (2008).

No que concerne à questão da sexualidade, algumas ramificações decorrem: a transparência como um desejo, o excesso como uma obrigatoriedade, a leveza como algo insuportável. Segundo Melman (2008) a maneira como Freud pensou a sexualidade, situando-a no centro da organização subjetiva, evocava um gravitação em torno do objeto e dava o peso necessário para o sujeito se sustentar. Além do peso, a sexualidade funcionava como uma proteção. Na contemporaneidade, quando se fala em sexualidade promove-se uma inversão de sentidos no que tange os excessos, a transparência e a leveza; explica como estas expressões se tornaram inversamente proporcionais à sustentação. A inversão de sentidos também se dá na medida em que a prisão passa a representar proteção e a liberdade um passo para desorientação. É a metáfora do pássaro que, liberto, não encontra mais morada, nem dentro nem fora de si. É importante salientar que esta noção é adquirida para quem se supõe fora da ordem. Quem se encontra imerso no esquema, nem percebe o que está acontecendo, a menos que algum sofrimento emerja em decorrência da decomposição do esconderijo e da singularidade.

8.5 Sujeitos não mais organizados na dessimetria – os perigos da igualdade

Trazemos singularidade como um contraponto para a igualdade, pois Melman (2008) pensa a igualdade na direção de uma simetria que é perversa. Isto se vê em relação ao sexo, ao direito, às relações de poder; relações de poder que hoje, se pautam mais pelo consumo do que por qualquer outra lógica. A ideia também perpassa a colocação de Eagleton (2011, p. 39) quando afirma que, independente da classe social, as possibilidades e exigências de consumo, instauradas pelo capitalismo é “admiravelmente igualitária em sua pronta disposição de arrasar praticamente qualquer um.” A igualdade imposta pelo sistema econômico referido, que diz que todos podem tudo. Neste caso o excesso de prazer passa a ser o que mais se almeja. Sem contar que não basta estar submetidos aos excessos, é imposto que os exiba.

Quanto a isto, retornamos àquela noção de que se perdeu o lugar do sagrado, sobretudo no que tange a sexualidade e a morte. Quando está posto que o imperativo é exhibir, trata-se de dizer que este lugar do esconderijo não existe mais. Aliás, nada fascina mais do que aquilo que se exhibe dentro desse campo do sagrado. Até podemos observar que, aqui, nos deparamos com mais uma inversão de sentido – o que antes era interpretado como um sacrilégio, hoje se transformou numa fonte de prazer consentido; mais que isso, se converteu numa necessidade, uma obrigação.

Sobre os perigos previstos da igualdade, percebe-se que as posições não são mais delimitadas. Implica em dizer que o barco é mesmo para todos, sendo que ele está à deriva, não há mais referências para designar o rumo. A cena chega a assustar: um bando de pessoas “iguais”, sim, mas no pior dos sentidos; livres, a céu aberto, seguindo sem direção, automatizados e atomizados, sem dívida, sem culpa, inseridos numa prerrogativa de tudo poder e tudo exhibir, falando uma língua universal, que não favorece mais o recorte nem a interpretação; sujeitos céleres, mas distraídos, como zumbis que não se sabem mais vivos, nem mortos, possuidores de uma leveza insuportável; sujeitos inteiros, sem porto, etc. Esta cena sugere, no fim das contas, que o inconsciente sofreu uma mutação e que mudou também o que deriva dele para se explicar, como a neurose, por exemplo.

Melman (2008) nos conduz a ver que o sujeito perdeu sua dimensão específica, a de sujeito dividido, submetido ao impossível, organizados na dessimetria. Falamos do que abrange a condição para a neurose, seja enquanto estrutura ou sintoma. Melman (2008) acredita que passamos da cultura da neurose para a cultura na qual a estrutura predominante é

ou será a perversão. Uma perversão generalizada, o que faria laço social no momento em que chegamos e para onde continuamos progredindo. Será que significa dizer que estamos ao passo de uma neurose que não aparece mais? Ao que nos parece, a questão vai além das contradições do existe e do não existe, se acontece ou não acontece, que recai principalmente sobre a histeria. A questão é perceber a neurose frente às mudanças decorrentes do progresso. O desejo é fundamentalmente perverso, diz Melman (2008), e nesta proposição está determinada a razão para sermos neuróticos. A neurose funciona como uma defesa contra a perversão.

Se estamos vivendo numa sociedade de perversos, o neurótico deixa de ser regra e passa ser a exceção. Seriam os sujeitos que de alguma forma denunciam a perda do paradeiro, aqueles que reclamam, através dos sintomas que as condições contemporâneas promovem. Pelo que se observa dos sintomas atuais, a neurose não deixa de se mostrar atuante, sobretudo na cultura propensa à perversão, porque é justamente devido a esta situação que a defesa aumenta. Tanto que chegamos ao ápice de anunciar que vivemos numa “sociedade dos sintomas” (LAURENT, 2007).

O fato é que o mal-estar atual é diferente daquele que Freud indicou e talvez possamos dizer que a neurose enquanto representante de uma defesa contra a falta, nos dias de hoje represente uma defesa contra os excessos. É possível que nisto se constitua uma explicação para a epidemia de alguns sintomas, sejam eles classificados como orgânicos ou psíquicos, na atualidade.

Melman (2008, p.92) acredita que os sujeitos portadores dessa nova economia psíquica ainda se organizam em torno de um impossível. “Afinal de contas terão de arranjar para si um desconforto, de buscar sistematicamente instaurar o que não funciona, que cria um conflito ou cria uma dificuldade”. A considerável alteração neste caso ocorre no nível da demanda, porque se deve reconhecer que do núcleo das mudanças nas expressões de sofrimento contemporâneas, a mais notável é de que os sintomas não são mais reformulados no campo da reivindicação nem da demanda. (MELMAN, 2008, p.93).

Pensamos que esta dedução está associada à ideia de multiplicação das transferências, ao passo que se percebe declínio do referente mestre, a essência de referências que vetorizam as queixas e as transformam em demanda. Para exemplificar esta colocação, Melman comenta alguns casos que chegam à sua clínica. Aproximando-nos mais da nossa

realidade, também percebemos a dificuldade de formulação da demanda: os pacientes que chegam à clínica da UFAL, por exemplo, dificilmente conseguem passar da queixa; a demanda que aparece é rarefeita, e quase nunca passam ao nível de comunicar o desejo. Trata-se, de todo modo, de uma situação que imprime também uma mudança na clínica, no que tange a posição do analista.

8.6 Uma atopia para todos

Laurent (2007, p.171) afirma que diante do contexto, “o psicanalista deve permanecer atópico em relação à corrente principal da civilização que o arrasta”, e escutar como quem se propõe a “ver” para além do alívio do sujeito, o peso da sua relação com o gozo. Pois para este autor é nesse estágio da civilização que a pulsão tem se revelado ainda mais mortal.

Percebemos, então, que a atopia é a grande condição que afeta a todos. A atopia é um tópico importante, sempre presente nas discussões do Melman. Todavia, notamos uma suave diferença na ligação que ele faz no que diz respeito à atopia subjetiva, no modo como ela aparece nos “Novos Estudos” e no modo como aparece no “O homem sem gravidade”. Naquele a atopia parecia ser privilégio primeiro do sujeito em posição feminina, depois mais incisivamente da histérica. No texto mais recente, a atopia deixa de ser privilégio de alguns para ser direito de todos. Com base nesta pequena distinção, podemos supor que o sacrifício assumido pela histérica a fim de restituir a palavra do Pai que lhe desse sustentação, hoje em dia é um sacrifício assumido por todos (histéricos ou não), sujeitos “naturalmente” perdidos, desabrigados.

Diante da condição constatada a histeria surge como uma alternativa ao processo de subjetivação. É como se Melman estivesse dizendo que ocorre do mesmo modo que se configurou uma alternativa para o impossível do sujeito no feminino se torna agora uma saída bastante comum. Quando Lebrun expressa sua opinião menos pessimista quanto ao fato de que um razoável número de pessoas ainda chegam a realizar a operação de subjetivação, Melman (2008, p.64) responde: “com certeza, lidamos com subjetividades organizadas mais pela participação numa histeria coletiva, que uma determinação singular”.

Histeria coletiva, como está definida no próprio texto, é uma expressão da neurose histérica manifestada coletivamente que produz o efeito de uma epidemia. Podemos supor que a histeria coletiva, da forma que foi referida, por Melman (2008), tem o sentido mais de estrutura do que necessariamente a reprodução de sintomas histéricos por identificação. Num sentido figurado, entretanto, podemos dizer que é exatamente sobre um fenômeno dessa espécie que se discute, já que se fala em sujeitos identificados por uma deficiência, isto é, uma carência subjetiva generalizada. Quer dizer também que o sujeito não parece ser mais capaz de se assumir por si mesmo. Responsabilidade e identidade passaram a ser adquiridas coletivamente. “O sujeito não é mais responsável, na medida em que sua determinação subjetiva não se origina mais no que seria uma aventura singular, numa escolha singular, mas numa participação na histeria coletiva” (MELMAN, 2008, p. 65).

Este fenômeno nos faz pensar nas expressões sintomáticas, principalmente as doenças em posição de destaque nos dias atuais, as quais, ao menos para nós, atualizam a denúncia do mal-estar contemporâneo, como por exemplo, a depressão, o pânico, as toxicomanias, entre outras que são geradas na angústia. Ainda tem as doenças classificadas como sendo do espectro histérico: a anorexia, a bulimia, toda a sorte de dismorfias corporais, etc. Melman (2003) apresenta três questões clínicas atuais, dentro do processo da mutação cultural: a depressão, as toxicomanias e a histeria; esta em sua expressão coletiva.

No momento cultural em que nos encontramos a histeria aparece mais nitidamente de duas maneiras, pela estimulação ao espetáculo e pelo comunitarismo. (MELMAN, 2003). No fim, ambas são formas de um sujeito se fazer reconhecido, visto que sozinho, seguramente, não o será.

O espetáculo tem a ver com o estado propenso a exibição de tudo, desde o mais supérfluo ao que geralmente seria tratado como mais caro na vida, como por exemplo, as trocas pessoais. É cada vez mais dominante e crescente na sociedade essa vocação para o espetáculo, como se este fosse o caminho ideal para se entrar no mundo. O outro caminho, o comunitarismo ocorre pela reunião de diversas vozes separadas a fim de se transformar numa reclamação. Pois, separadas, as vozes dos sujeitos ignorados no campo da representação, são vozes mudas. (MELMAN, 2003).

Compreende-se que esses sujeitos forcluídos, em sofrimento, possam encontrar uma argumentação histórica qualquer que os façam reivindicar o reconhecimento de uma pertença comunitária que até aqui teria sido

negligenciada; quer dizer, o comunitarismo é uma das manifestações dessas histerias coletivas. (MELMAN, 2003, p.104).

Isto nos lembra os grupos e/ou comunidades virtuais, hoje bastante difundidas e de fácil acesso, pelos quais as pessoas buscam se autorizar enquanto sujeitos. A internet facilitou esse encontro que produz um comunitarismo muito potente no exercício dessa função de conferir voz e presença aos sujeitos que sozinhos são praticamente invisíveis. Estes sujeitos, não falam mais por si, mas em nome da comunidade que participam. O fenômeno é paradoxal no sentido de que, enquanto essas comunidades dão suporte coletivamente elas intensificam o mutismo singular e o anonimato. Contudo, não se pode negar que em termos de requerimento de sustentação, surge como uma alternativa.

Trata-se de um modo contemporâneo de reivindicar um paradeiro, uma filiação. É uma postura semelhante à postura do sujeito histórico, semelhante à figura do estrangeiro. Com o agravante de que se trata de uma reivindicação sem duplicidade que é assumida inteiramente. Ou seja, não apenas uma parte representada do seu endereçamento ao Outro. (MELMAN, 2008, p.67). Na melhor das hipóteses, para não ser radical e dizer que o endereçamento não existe mais, talvez tenha se tornado autorreferente ou gasoso demais. Autorreferente num sentido bastante próximo ao que Laurent (2007, p.170) expõe ao expressar sua opinião sobre o gosto que hoje em dia se vê de fácil submissão ao risco. Para o autor, “em toda essa bacanal mortífera, tão característica da nossa época, encontramos manifestações da busca de uma presença do Outro em nós”.

8.7 O problema de o Sujeito ser inteiro

No “O homem sem gravidade”, os sujeitos aparecem adjetivados também como apátridas. Para nós, isto tem ligação com a percepção de que lidamos com a ausência dessa instância Outra, da referência paterna. A correlação se estende a figura do migrado que habita vários lugares, mas não encontra seu lugar. Lembramos que fomos buscar na figura de Moisés, um exemplo de sujeito que esclareça essa definição de apátridas. Então nos questionamos: já houve algum paradeiro? É possível que, em alguma época, alguém tenha se beneficiado desse sentimento de integração plena, de ter encontrado um lugar no Outro que lhe favorecesse com o sentimento de segurança total?

A nostalgia nascida da análise que se faz do contemporâneo causa tal impressão de que um dia isso foi possível. No entanto, a prerrogativa psicanalítica, apesar de apontar o agravamento da situação não consiste em defender tal perspectiva ou promessa de integração e plenitude; ao contrário, dá ênfase a cisão do sujeito, a sua incompletude, como condição específica. Sendo que diante das vicissitudes dos processos subjetivos atuais, essa característica deixou de ser algo que já existe para ser algo que precisa ser buscado. (FIGUEIREDO, 2008)

Figueiredo (2008) afirma que o ideal de completude, de integração é um ideal Romântico e do Iluminismo, defendido em cada segmento de modos diferentes. Tanto o Romantismo quanto o Iluminismo pretenderam combater a cisão e as dicotomias; a diferença entre os dois consiste em que o Romantismo tentou vencer as dicotomias pela harmonia e a unidade, enquanto o Iluminismo visou vencê-las pela superação de uma força sobre a outra nos jogos dicotômicos, por exemplo, consciente/inconsciente, corpo/mente, entre outros. É através dessa explicação que autor sintetiza o que configura a problemática hoje; que a busca pela integração dentro dessa lógica do “fazer sentido” defasou a inserção do sujeito na experiência. Ele propõe a substituição da importância do “fazer sentido” pelo “dar passagem”, ou seja, a permissão para permanecer nos espaços *entre*. Neste processo das elaborações, encontramos talvez o motivo de Melman considerar um problema no fato de o sujeito parecer inteiro. Figueiredo (2008, p.37) nos ajuda a compreender, quando diz: “Quanto mais os aspectos da experiência - em particular das experiências afetivas mais intensas - são invalidadas por não encontrarem um contexto social de legitimação (por não encontrarem território existencial que os autorizem), mais cresce e pesa a força do inconsciente invalidado”.

Esta referência ao inconsciente invalidado contribuiu para visualizar melhor a mutação que Melman (2008) supõe ter ocorrido no inconsciente e, sobretudo quando ele alerta que o sujeito do inconsciente freudiano não existe mais. Além disso, Figueiredo (2008) também nos auxilia a compreender que a divisão é importante por ser condição específica do sujeito. A suposição é de que haja uma esquizoidia³⁵ subjacente nos sujeitos, necessária para que estes se constituam como tal. Trata-se de uma suposição que foi desenvolvida a partir da concepção de Fairbairn (autor que Figueiredo toma como referência para elaborar seu pensamento) que diz que toda subjetivação comporta uma esquizoidia, desde a fase inicial e

³⁵ Não no sentido de definição psicopatologia (Não se trata do transtorno de personalidade), mas no sentido de “esquizo” como divisão, segregação.

como estrutura básica do psiquismo, até as saídas por meio de quadros sintomáticos, sobretudo, em situações limites e como via de reestruturação, após uma sequência de “desastres existenciais”. (FIGUEIREDO, 2008, p.46).

Ao que nos parece, é pela via dos sintomas contemporâneos que os sujeitos ainda se apresentam em defesa da “divisão” que supostamente está desaparecendo. É importante antes dizer que não se trata de uma apologia ao sofrimento, nem ao adoecimento, mas um modo de perceber que há uma intencionalidade vigente no sofrimento humano que é fazer-se reconhecido, ainda mais quando a dimensão específica parece quase inanimada. Figueiredo (2008, p.46) afirma que os quadros neuróticos, psicóticos e perversos seriam estratégias para lidar com a esquizoidia subjacente. É possível também que, hoje em dia, seja uma estratégia para encontrá-la como peculiaridade subjetiva que não deve ser esquecida. Talvez nisto consista o fato de a psicanálise não validar a cura como sendo o maior objetivo, até porque ela (a cura) parece, nessas condições, ser inalcançável. Tendo em vista que “ninguém é curável de sua esquizoidia, porque ninguém é curável de si mesmo.” (FIGUEIREDO, 2008, p.50).

Segundo Figueiredo (2008, p.54) a histeria é a primeira estação da viagem na qual as marcas da esquizoidia são visíveis. Pode ser considerada uma grande resistência ao “*sistema fechado*”³⁶, o que dá a entender que o sujeito luta para manter-se cindido de alguma forma. Pensamos que esta noção se assemelha à assertiva de Melman de que estamos imersos num processo que induz a histeria coletiva, sendo ela uma via para a sustentação e o reconhecimento enquanto sujeitos “ainda” divididos. O que mudou entre a histeria enquanto a primeira estação de Figueiredo e a histeria coletiva de Melman, talvez tenha sido a expressão, a manifestação sintomática. Laurent (2007, p.170) diz que uma das facetas da subjetividade contemporânea é “a busca de um sintoma em que valeria a pena acreditar”.

É certo que atualmente, pouco se fala em histeria, até porque vem se convertendo em quadros diagnosticados como depressão e pânico. São os quadros ou diagnósticos investidos, hoje em dia, são os validados. Estes sintomas são formados e funcionam como uma defesa contra o trauma (Figueiredo, 2008), tal como Freud pensou sobre a histeria. O que há é que essa transmutação sintomática deriva das mudanças ocorridas na cultura. De acordo com Laurent (2008, p.175), “há novos sintomas toda vez que os significantes mestres se deslocam no Outro”.

³⁶ Fairbairn chama de sistema fechado a estrutura endopsíquica doente, que limite ao máximo o contato com o mundo, e que a terapia psicanalítica deve romper. (FIGUEIREDO, 2008, p. 50).

Foi preciso o declínio do pai para que o parricídio deixasse de ser interessante e a criança maltrada tomasse a frente da cena. Foi preciso a sociedade de consumo para que as epidemias anoréxicas e bulímicas adquirissem escala de massa, e para que de maneira mais global fosse desencadeada as adições de todo tipo. Foi preciso uma crise na questão do Real para que a depressão como o “cansaço de ser o que se é” imperasse. Nossa civilização tem tanto suas novas quanto suas antigas neuroses, suas psicoses ordinárias e suas psicoses desencadeadas, sua crise de autoridade, sua herança cética das Luzes e seu retorno ao religioso; sua tentação comunitária multiforme. O avesso analítico da civilização contemporânea é o conjunto inconsistente das interpretações dadas a esses sintomas. (LAURENT, 2007, p.175)

Pois então como se pode ver, a mutação cultural não parece consistir num desaparecimento da neurose nem da histeria. Mudaram as expressões, mudou talvez a função. Melman desde o “As novas formas clínicas...” considera a histeria uma questão clínica de grande incidência na contemporaneidade e também não deixa de dizer, em sua ética analítica, que é um caminho para a reestruturação, resultante de uma reivindicação que surge para nos lembrar que a dimensão específica do sujeito não está de todo perdida e que ainda há o sacrifício para restituir o Outro. E, em meio a desafios, também transformada, a clínica psicanalítica está aí para mostrar que a neurose não se extinguiu com esta passagem para uma cultura organizada pela perversão.

9 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente estudo, chegamos à conclusão de que muito nos distanciamos das primeiras intenções que nos mobilizaram a enveredar pelo universo temático da histeria. A princípio, o plano era obter uma compreensão da histeria na contemporaneidade, levando em conta, sim, as possíveis alterações ocorridas na cultura ocidental e o quanto isto teria interferido na manifestação clínica da histeria, que provavelmente deveria ser diferente daquela que Freud pesquisou. Quanto a isto, nossa pretensão não sofreu tanta alteração. Continuamos valorizando esta noção de que algo deveria ter mudado, mas redefinimos o âmbito, que no início afigurava-se muito global. O processo de lapidação dos nossos propósitos nos permitiu ver que as mudanças ocorridas no decorrer da pesquisa foram tão necessárias quanto propiciadoras de uma apropriação mais possível, mais legítima e mais segura, das suposições que nos trouxeram até aqui.

Consideramos ter sido fundamental propor, em vez de um estudo sobre a histeria na contemporaneidade num sentido amplo, um estudo dos *Estudos* que já existem sobre a histeria. Ler o que Sigmund Freud e Charles Melman tinham a dizer sobre a histeria, cada um em seu momento específico, cada um com os horizontes e os ambientes que os entusiasmavam, não só nos deu a chance de obter certa compreensão acerca da histeria, como também entender que as elaborações erigidas em torno de um determinado assunto ou objeto, é um jeito de olhar para ele, isto é, uma leitura. Desse modo, os *Estudos sobre a histeria* (1895) são a leitura de Freud sobre a histeria que Charcot desenhou, sendo com os contornos de um novo ambiente, a saber, outro país (Áustria), outra cidade (Viena) e os novos muros – a histeria já não parecia ser mais privilégio das mal-aventuradas internas do hospital de Salpêtrière, mas acometia também jovens bem instruídas que eram atendidas no consultório particular de um médico bastante dedicado a assinar alguma descoberta (científica); a esfera era outra, o investimento também. Sendo assim, já não podemos dizer que se trata da mesma histeria. Já os *Novos estudos sobre a histeria* (1985) se trata de uma leitura do que Freud produziu, contabilizando o transcorrer de um século entre um texto e outro, sendo que promovendo um retorno aos muros do Salpêtrière - ainda hoje ativo, funcionando como um hospital universitário, mas que guarda essa página da história, imprescindível para contar como se deu a *invenção* da histeria. Diante dessas considerações chegamos ao ponto de dizer

que no nosso trabalho aparecem pelo menos três histerias, ou melhor dizendo, três modos de ler a histeria.

O primeiro seria a histeria tal qual Charcot descreveu e pela qual apenas passamos de soslaio, mas que foi um passo importante para entendermos como Freud foi capturado por essa “doença” pouco esclarecida. No momento, preferimos supor, como nos mostra o prosseguimento da nossa leitura, que Freud foi capturado não exatamente pelo *tableau* histórico, mas pelas arestas que a visibilidade da histeria lhe abriu a fim de buscar compreender o funcionamento do aparelho psíquico. Este foi o caminho traçado por Freud para que chegássemos ao segundo modo de aventar a histeria: uma reação, ou defesa sobredeterminada, que poderia se converter em sintomas e assim revelar que há forças intrapsíquicas atuando para promover a regulação necessária no aparelho psíquico, objetivando a conservação do prazer. De modo que a histeria era a resultante do efeito de uma falha nesse processo de evitação do desprazer. O terceiro modo de compreender a histeria, aquele que assimilamos através da leitura dos *Novos Estudos*, seria tomá-la como estruturação subjetiva; na ocasião, muito atrelada à exceção característica do feminino. Estes foram os trilhos percorridos para que pudéssemos pensar a histeria hoje. Tarefa que nos propusemos a realizar, a partir das considerações de Melman sobre o contemporâneo, sobre as alterações subjetivas e psíquicas que, a seu ver, mudaram também os rumos da neurose e a incidência da histeria, enquanto protagonista dentre as várias expressões neuróticas.

Atinamos que já nos *Estudos* sobre a histeria tenha sido prefigurada uma maneira de conceber e tratar a histeria que a afugentava do campo da medicina. Os *Estudos* é um texto que é constituído sobre alicerces instáveis no que concerne à definição de uma literatura adequada para narrar e sustentar a histeria como uma realidade. Faltava materialidade suficiente e sobravam incertezas para que fosse considerada uma unidade clínica, com causa e manifestação idêntica, como acontece com uma patologia orgânica. A maneira como os *Estudos* foi escrito deixa transparecer sua propensão às instabilidades. Entre a vontade de assumir a autoria da descoberta exata da etiologia histórica e noção de que havia percalços no caminho, uma descoberta maior decorreu da investigação sobre a histeria. Impressionamo-nos com fato de que os *Estudos* fornecem os dois lados de uma mesma moeda, a inclinação naturalizante de tentar especificar a etiologia histórica e ao mesmo tempo a desconstrução dessa expectativa pelo contato com as históricas. Foram os casos, os responsáveis por transmitir que a histeria não poderia ser tomada com uma unidade, mas em vez disso deveria

ser compreendida em sua dinâmica. Supomos que a ordem em que os casos foram dispostos no texto foi decidida pela evolução das descobertas, pelas desconstruções que estavam sendo percebidas a cada história relatada. Através dessa progressão podemos ver o abandono da hipnose no tratamento e a transformação de ideias que nas comunicações preliminares e nas considerações teóricas pareciam decisivas, como por exemplo, a incidência do trauma enquanto causa predominante. No texto, vimos a histeria traumática se decompor em histeria comum e em histeria adquirida; vimos que uma única experiência traumática passou a ser compreendida como o acúmulo de traumas parciais; vimos também a predisposição inata ou a suscetibilidade passar de um fenômeno intrapsíquico para caracterizar a idiossincrasia do sujeito histérico. E, chegamos ao passo de supor que as reminiscências não são simplesmente lembranças que não foram esmaecidas, mas são restos que ecoam e que retornam para criar a outra cena, a cena inconsciente.

A histeria tem sido comumente tratada como o primeiro importante passo para o nascimento da psicanálise. Para nós, isto se deve ao fato de que os *Estudos* é móvel, é um texto que não sublinha definições, mas o movimento de ideias. É um texto que marca, por exemplo, a primeira vez que a palavra transferência parece ter sido escrita no sentido psicanalítico, mesmo que não tenha sido mencionada necessariamente enquanto um conceito. Sobretudo nos relatos dos casos e no texto que fala sobre a psicoterapia, percebemos que se a pretensão era fazer dos *Estudos* um manual para compreender e tratar a histeria, a pretensão também foi substituída. Talvez por isso Freud nunca tenha retornado e modificado os *Estudos*. Porque a história não pode ser mudada, ainda que contenha falhas e/ou contradições.

Melman, no início dos *Novos estudos sobre a histeria*, cobrou a “novidade” que deveria ter vindo de Freud; expôs a opinião de que Freud ficou devendo um retorno aos seus *Estudos*. Provavelmente aí esteja justificado o nome que foi dado a este texto de Melman, que adquiriu o substrato da novidade porque analisou as mudanças já encontradas em Freud. Ter considerado o *Além do princípio do prazer* (1920) como a base das mudanças para construir o *Novo*, nos deu a impressão de que Melman pretendia conservar uma espécie de coautoria de Freud, tendo em vista que qualquer mudança posterior nas concepções acerca da histeria, talvez não pudessem ter vindo à tona sem a evolução do pensamento freudiano. Outra possível aspiração que observamos, talvez tenha sido a de manter o caráter originário dos *Estudos* por entender que se trata de um texto importante para toda elaboração ulterior constituinte da psicanálise.

Acreditamos que o texto de Melman trabalha um questionamento que foi o cerne de nossa intuição inicial, de pensar que a histeria depende quase que exclusivamente do recalque, enquanto força externa que funcionasse para vetar forças internas, ou seja, no sentido de repressão. A ideia era de que se hoje há o pretexto da livre expressão, o recalque, tão necessário à ocorrência da manifestação histérica, sobretudo a conversão, teria perdido sua função repressora, de modo que uma das consequências seria o desvanecimento da histeria. A questão é que a função do recalque não se resume somente à repressão dos desejos, mas é um dos agentes constitutivos do funcionamento do aparelho psíquico, da subjetividade. Sendo assim, Melman vai pensar a histeria como uma expressão que se explica pela necessidade de reestruturar a posição subjetiva. E então, valorizamos uma discussão que circula no texto de Melman que promove certo entendimento de que a posição feminina é o território mais favorável à expressão histérica, justamente por ser a posição que mais precisa ser afirmada.

A direção mais constante que percebemos no texto de Melman foi seu modo de pensar a histeria a partir da perspectiva da atopia subjetiva. Entendemos que a atopia aparece nos *Novos Estudos* como uma característica marcante da condição feminina. Melman fala da histeria como sendo uma alternativa, uma ramificação do processo de estruturação do feminino. Além desta percepção, destacamos uma segunda ideia disposta no texto de que a angústia gerada devido a tal condição - angústia que não deveria mais ser reconhecida como efeito do recalque/repressão - passa a ser reconhecida também como artefato que estimula a criação. Isto nos inspirou de tal maneira, que começamos a pensar a histeria como resultado de um processo de criação, cujo serviço se justifica em possibilitar a restituição do lugar supostamente perdido.

Entendemos que Melman pensa a histeria do lado da pulsão e não por efeito da repressão. Interessante notar que, quando ele retorna ao assunto da atuação do recalque enquanto causalidade da histeria, ele fala em dois tipos de recalque: o recalque secundário e o recalque prévio. Sendo este o recalque originário pelo qual a pulsão seria conservada. É como se dissesse que há uma parte de nós, no psiquismo, que é formação secundária do recalque (formações do recalcado) e que há outra parte inata que contribui para atrair e coligar essas formações ao que já está originalmente recalcado. Seguindo tal modelo a operação do recalque é o que sustenta a subjetividade. Dos pontos em que Melman volta ao recalque, destacamos o momento em que ele articula a respeito da medida do recalque necessário para a constituição da feminilidade. Ele considera que o acesso à feminilidade é

algo excepcional, porque para se tornar mulher, é necessário recalcar o significante mestre, processo pelo qual a mulher renuncia a se autorizar enquanto sujeito. Cômico de que o lugar que o sujeito se situa é aquele que o recalque originário organizou, foi proposto que o lugar do sujeito feminino seria o próprio lugar do exílio. No texto de Melman, este status da situação do exilado é elevado à condição fundamental da histérica, porque na histeria o exílio aparece como lugar de privilégio.

Nos *Novos Estudos* a questão da atopia e da dificuldade de sustentação é relativa ao arranjo da feminilidade. A nosso ver, neste cenário, a histeria surge como uma saída para reivindicar um lugar, uma posição subjetiva, uma maneira de restituir o significante mestre que precisou ser recalçado, originalmente. Mas, com a condição de que só é possível, só é justificada, desde que a reivindicação nunca seja atendida e de que haja esta sensação do exílio constante. Esta foi uma das noções adquiridas através da leitura de Melman, de que buscar alguma compreensão da histeria pede uma espécie de compreensão desses paradoxos.

Freud e Melman, cada um em seu próprio tempo, e fazendo percursos diferentes, de algum modo parecem ter chegado a uma ideia comum sobre a histeria ser, sobretudo, uma expressão. Enquanto Freud concebeu nos seus Estudos que a histeria era uma patologia do sentido, Melman pareceu elaborar sua discussão a fim de construir uma ideia de que a histeria é resultado da tentativa de um reposicionamento subjetivo; uma reestrutura.

Os textos auxiliares de Melman que nos ajudaram a ter uma visão da contemporaneidade foram uma importante lente para que pudéssemos pensar a histeria nos dias atuais. Nestes textos, Melman afirma que hoje vivemos a manifestação de uma *histeria coletiva*. O que nos chamou atenção da leitura dos *Novos Estudos sobre a Histeria* foi fundamental para pensar o sentido desta colocação, a de que a histeria coletiva seja uma vigente questão clínica na contemporaneidade. Desenvolvemos nossa própria especulação dando prosseguimento à ideia de que a histeria é o algoritmo de uma condição subjetiva especial, caracterizada pela atopia. Sendo que na contemporaneidade esta condição não parece ser tão especial assim.

Melman pensa a contemporaneidade como uma atmosfera propícia para a expansão do número de sujeitos cada vez mais sem lugar - sem céu ou chão. O progresso da cultura atual pôs em cheque a dimensão específica do sujeito que era então caracterizada pela divisão. A divisão subjetiva é a peculiaridade capaz de demonstrar que os sujeitos se organizam em

torno do impossível, é aquilo que os faz passar a vida questionando os limites da existência. Hoje as possibilidades de se tornar “inteiro” são inúmeras, à medida que a substituição do objeto tem ocorrido mais no campo do Real do que no Simbólico. Sendo assim, o sujeito dividido, aquele do inconsciente freudiano (inconsciente que começou a ser descoberto pelo estudo da histeria) parece estar deixando de existir e em seu lugar estar havendo a propagação de sujeitos inteiros. Mas, se o sujeito dividido é o que assume o lugar do agente na histeria, e este sujeito está desaparecendo, então nada mais esperado que a histeria também desapareça. Todavia, Melman apresenta a histeria “coletiva” como sendo um dos efeitos dessa nova disposição subjetiva.

Somos convidados a considerar a histeria coletiva não como um surto grupal, e sim como a expressão das massas. Quando Melman fala que os sujeitos se afirmam mais por uma epidemia de histeria coletiva do que por uma aspiração individual, ou seja, que não se assumem mais por si mesmos, entendemos que a histeria aparece como um recurso para tentar garantir ainda um lugar, onde a voz dos sujeitos seja ouvida como tal; talvez implique em dizer que hoje em dia está muito difícil se sustentar de outra maneira. Melman apresenta dois modos pelo qual a histeria coletiva aparece: através do adoecimento emocional que desencadeia doenças como a depressão, por exemplo; e pela tendência ao comunitarismo.

Pensamos que a inferência de que vivenciamos o momento de epidemia histórica se deve também ao fato de que estamos diante de uma cultura que funciona mais sob os desígnios de uma perversão generalizada do que da neurose. Pois já que a neurose é uma defesa contra perversão e se a perversão é o sintoma social da cultura contemporânea, a neurose insurge coletivamente como defesa contra essa generalização. Diante da vigente configuração podemos dizer que o que Melman apresenta como um surto de histeria coletiva é um sintoma social que funciona como defesa contra outro sintoma social, que por sua vez é a defesa contra os caminhos que progresso cultural tem ameaçado a nos levar. Para Melman essa cultura já dá sinais de que em breve o laço social poderá estar sendo formado na psicose. De modo que se a neurose é uma defesa contra perversão, esta por sua vez é uma defesa contra a psicose.

Isto também nos induziu a pensar na histeria coletiva como sendo uma demonstração de um tipo de pré-psicose coletiva. A histeria clássica já teve lá suas semelhanças com a psicose. É possível inclusive que, ainda hoje, muitas pessoas diagnosticadas como psicóticas, sejam na verdade históricas. Esta é apenas uma suposição, mas que de certa forma até

explicaria a tão apregoada ideia da “dissipação” das manifestações de histeria clássica, no contexto atual. Com isto abrimos uma breve lacuna na discussão do nosso tema de pesquisa. Mas, retornando à hipótese de que a histeria coletiva seja reconhecida também como uma forma de demonstrar essa transição de uma cultura propensa à perversão para uma condição futura de psicose generalizada, pensamos que talvez isto esteja visível nos *bordelines*. Pois, os *bordelines* (também chamados de casos limítrofes ou estados-limites) pintam exatamente o quadro dessa indecisão estrutural entre a neurose, a perversão e a psicose. Seria esta a indecisão que configura a transitoriedade do processo progressivo que ocorre à cultura, inevitavelmente, tal como Melman enfatiza. Progresso que é incontornável, mas que nem por isso deixa de ser tópico significativo para reflexão, visto que interfere e modifica a subjetividade. No momento, não adentramos tanto nestas questões, mas de repente, pode ser o passo para um novo projeto.

Enquanto refletimos a respeito do modo como Melman considera a manifestação da histeria na contemporaneidade, uma definição da histeria que pairou em torno de nossas conjecturas, foi a de que a histeria pode ser tomada como “expressão da sensibilidade” (termo mencionado por Elaine Showalter). Tomá-la por esta definição nos parece pertinente porque pode ser referida independente da época em que se olhe para este fenômeno, tendo em vista que a histeria, em termos de funcionalidade, continua denunciando que há alguma falha, ou como Melman proferiu nos *Novos Estudos*: que algo no Outro não está bem. Por isso a reivindicação ser particularidade da expressão histórica.

Concernente a isto, hoje não é muito diferente da época de Freud. A economia psíquica pode ter mudado, o inconsciente também, e os arranjos subjetivos em decorrência dessas “mutações”. Todavia, a leitura de Melman nos possibilitou ver que a neurose jamais cessa de ocorrer e que a histeria como sua versão mais rica sempre será uma expressão que aparece para demonstrar que a condição específica do sujeito – a de ser dividido – não está totalmente perdida.

A histeria é expressão da sensibilidade porque se apresenta como via pelo qual a divisão subjetiva ainda pode ser reconhecida. Em Freud essa característica do sujeito foi “descoberta” através do estudo da histeria; em Melman o estudo sobre a histeria indica que ela deve ser “reestruturada”.

A manifestação de uma histeria coletiva talvez seja a expressão da infelicidade comum que Freud referiu no fim dos seus estudos. Tão comum que hoje sugere inexistência. Os textos de Melman renovam as concepções desenvolvidas acerca da histeria até então, quando parece nos apontar que para além da denúncia ela funciona como uma tentativa de muitos sujeitos de restituir os impossíveis e as faltas necessárias à sustentação; de restituir um lugar onde o sujeito se reencontre na busca ou sonho de integração; e de assim conferir voz e autoridade ao Pai/Mestre quando esta parece silenciada. Basta que se olhe com mais atenção para os modos de manifestar a histeria na atualidade, seja pelo comunitarismo, seja pela propensão ao exibicionismo, espetáculo cotidiano, seja através de sintomas, para perceber que eles acontecem como a expressão de sujeitos sensíveis às mudanças que o progresso geralmente acarreta à subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROJO, Rosemary. A que são fies tradutores e críticos de tradução? In:_____. ARROJO, R. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1993. 15-26p.

BALI, F. (1997/1998). Metodologia de pesquisa em psicanálise. In **Cadernos de Psicologia**. V. 4/5: 87-100. PUC – Rio de Janeiro.

BARATTO, Geselda. A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 1, 2009 . Disponível no site: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 16 Feb. 2013.

BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In:_____. **O rumor da língua**; São Paulo: Brasiliense, 1988. 40-42p.

BARTHES, Roland. Jovens pesquisadores. In:_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988. 96-101p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. Monges de Maredsous (Bélgica). Revisão de Frei João Pedreira e Castro, O.F.M., e Equipe auxiliar da editora. 133 Ed. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

BORBA, Francisco da Silva *et al* (Coord.). **Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literatura e Psicanálise**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. 150p.

_____. **Minha ficção daria uma vida**. São Paulo: Com-arte, 2010. 96p.

CAMPOS, Érico Bruno e COELHO Jr., Nelson Ernesto. Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v.27, n.2, 247-257p.

CELES, Luiz Augusto M. “Dora” contemporânea – e a crise terapêutica da psicanálise. **Psicologia clínica**. Rio de Janeiro, vol.19, n.1, p.137-154p.

COELHO, Carolina Marra. Psicanálise e laço social – uma leitura do seminário 17. **Mental**. Barbacena: Universidade Presidente Antônio Carlos, 2006, v. 4, n. 006, 107-121p.

COMPAGNON, Antoine. O autor. In:_____. **O demônio da teoria – Literatura e senso comum**. (p. 47-95). Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. 47-95p.

CONTINENTINO, Ana Maria Amado. A título de conclusão: desconstrução e invenção. In: _____. **Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: escritura, meio-luto, aporia.** 2006, 216f. Tese de doutorado em Filosofia, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2006. 205-210f.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo – Uma impressão freudiana.** Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 130p.

_____. Carta a um amigo japonês (1987). Trad. Érica Lima. In: OTTONI, Paulo (org.). **Tradução e prática da diferença.** Campinas: Editora UNICAMP, FAPESP, 1998. 19-25p.

DIDI-HUBERMAN, George. **Invention of hysteria – Charcot and the Phptographic iconography of the Salpêtrière.** Translated by Alisa Hartz. London: The MIT press, 2003. 385p.

DICIONÁRIO Larousse da língua Portuguesa mini. Coord. Diego Rodrigues e Fernando Nuno. 1ed. São Paulo: Larousse do Brasil. 2005.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria – um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo.** 2ªEd – Trad. de Maria Lúcia oliveira, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 302p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi.** São Paulo: Editora Escuta, 1999. 208p.

_____. **Psicanálise: Elementos para a clínica contemporânea.** São Paulo: Escuta, 2008. 201p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Investigação em psicologia clínica. In: _____. **Revisitando as psicologias: da epistemologia a ética das práticas e discursos psicológicos.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 158-172p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Pesquisa em psicanálise: isso existe?** Disponível em: http://www.sbpsp.org.br/ide/publicacoes%5Cide42_pesquisa_em_psicanalise.htm acessado em: 10 de fev. 2013. 2011, 1-3f.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. O psicanalista na experiência universitária. In: CALDAS, Heloísa e ALTOÉ, Sônia [org.]. **Psicanálise, Universidade e Sociedade.** Rio de Janeiro: Cia. de Freud, UERJ, 2010. 185-198p.

FREUD, Sigmund. Histeria. In: _____. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol.I Rio de Janeiro: Imago, 2006. 75-94p.

FREUD, Sigmund. Esboços para a “comunicação preliminar” de 1893. In: _____. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol.I Rio de Janeiro: Imago, 2006. 183-197p.

_____. **Estudos sobre a histeria.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol.II. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 350p.

FREUD, Sigmund. Mecanismo Psíquico do Esquecimento. In: _____. **Primeiras publicações psicanalíticas.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol.III. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 275-282p.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: _____. **Caso Schreber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 109-119p.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (1915). In: _____. **Caso Schreber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 177-188p.

FREUD, Sigmund. História do movimento psicanalítico (1914). In: _____. **História do movimento psicanalítico, Artigo sobre a metapsicologia e outros trabalhos.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 15-77p.

FREUD, Sigmund. Os Caminhos para a formação dos sintomas (1917). **Conferências introdutórias sobre a Psicanálise (Parte III) (1915-1917).** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol.XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 361-378p.

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre a Psicanálise e Outros trabalhos.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 113-134p.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição *Standard* Brasileira, vol. XXVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 13-75 p.

GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. A pesquisa acadêmica em Psicanálise. **Anuário Brasileiro de psicanálise.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993 (p. 118-121).

GREISER, Irene Beatriz. **O psicanalista frente aos sintomas sociais.** aSephallus – Revista eletrônica do grupo Shephora 2008, v.3, n.6. Disponível em: <http://www.isepol.com>. Acessado em: 10 de Fev. 2013.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Pré-texto: não se orientar conscientemente no pensamento. In: _____. **Derrida e o labirinto de inscrições.** Porto Alegre: Zouk, 2008. 11-15p.

HADDOCK-LOBO, Rafael. A na-arquitetura da desconstrução. In: _____. **Derrida e o labirinto de inscrições.** Porto Alegre: Zouk, 2008. 16-23p.

LANG, Charles. **Freud e o inconsciente: a noção de uma outra cena.** Entrevista em IHU on-line. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br> Acesso em: 01 de Fev. 2013.

LAURENT, Éric. A sociedade do Sintoma. In: _____. **A sociedade do sintoma – a psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, 2007. 163-177p.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 131p.

MARANHÃO, Mírian Tenório. Primeiros Fios. In: _____. **Feminino, arte e revolução – Um aporte psicanalítico**. Maceió: Edufal, 2011. 15-27p.

MAURANO, Denise. **Histeria – O princípio de tudo**. Nina Saroldi (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 140p.

MELMAN, Charles. **Novos estudos sobre a histeria**. Tradução de David Levy. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 167p.

_____. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. Trad, Roseane Pereira, Org. e Rev. Contardo Calligaris. São Paulo: Escuta, 1992. 111p.

_____. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio**. Porto Alegre: CMC Editora, 2003. 157p.

_____. Entrevista com Charles Melman. **IHU- online**. 2006. Disponível em: <http://www.lacan-brasil.com>. Acesso em: 16 de Fev. 2013.

_____. **O homem sem gravidade – gozar a qualquer preço**. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 221p.

QUINET, Antonio. **A lição de Charcot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 150p.

QUINODOZ, Jean-Michel (2007). **Ler Freud – Guia de leitura da obra de S. Freud**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007. 328p.

RABINOVICH, Solal. Presos do lado de fora. In: _____. **A foraclusão: presos do lado de fora**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 7-9p.

RAMOS, Gustavo Adolfo. **Histeria e psicanálise depois de Freud**. Campinas: Editora UNICAMP, 2008. 309p.

RODRIGUÉ, Emílio. Breuer, mestre da histeria. In: _____. **Sigmund Freud. O século da Psicanálise: 1985-1995**. V.1. São Paulo: Escuta, 1995. 285-315p.

ROSENFELD, Helena Kon. A dimensão poética da experiência psicanalítica. In: _____. **Palavra pescando não-palavra: a metáfora na interpretação psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 13-31p.

ROUDINESCO, Elisabeth. e PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; Supervisor de Edição: Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SHOWALTER, Elaine. **Histórias históricas – a Histeria e a mídia moderna**. Trad. Eliete Vaitsman. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. 293p.

TOMAZ, Jerzuí. **Corpo e afeto na escrita de Lya Luft**. Maceió: Edufal, 2009. 211p.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construções teórico-epistemológicas, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VANIER, Alien. (2002). O sintoma Social. *Ágora* (Rio J.). Rio de Janeiro, v.5, n.2, 2002. 205-217p. Disponível em: <http://www.scielo.br>. acessado em: 10 de Fev.

VASCONCELOS, José Antônio. O que é a Desconstrução? **Revista de Filosofia**, Curitiba, v.5, n.17, 73-78p. 2003.

VERGARA, Alcides José Sanches e MOLINA, José Arthur. Percursos da pesquisa qualitativa em Psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá. v. 13, n.4, 893-894p.

VORCARO, Angela. Seria a toxicomania um sintoma social? **Mental**. Barbacena: Universidade Presidente Antônio Carlos, 2004, v. 2, n. 003, 61-73p.

ZIZEK, Slavoj. O papel determinante da Economia: Marx com Freud, In:_____. **Em defesa das causas perdidas**. Trad. Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2011. 287-298p.